

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 1969 N.º 16 854 ANO 49.º PREÇO 1\$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SABADOS

ANTES DO REGRESSO

OS LUNAUTAS RECOLHERAM PEÇAS DA SURVEYOR

HOUSTON, 20 — (R.) — Os astronautas Charles Conrad e Alan Bean regressaram hoje ao «Intrepid» depois de terem terminado o segundo passeio lunar e começaram a guardar a valiosa carga de pedras, fotografias e partes da sonda Surveyor 3.

O «Intrepid» deve continuar na superfície do nosso satélite até às 15 e 23 (hora de Lisboa), segundo o programa estabelecido. Porém os astronautas conseguiram adiantar-se e talvez possam sair mais cedo.

Os dois passeios lunares, cuja duração de cada um foi de mais de três horas e meia, causaram grande desapontamento nos telespectadores terrestres em consequência da avaria na câmara de televisão a cores, ocorrida ontem pouco depois dos astronautas terem iniciado a primeira exploração.

A parte mais emocionante das excursões foi hoje de manhã quando Conrad e Bean chegaram à Sur-

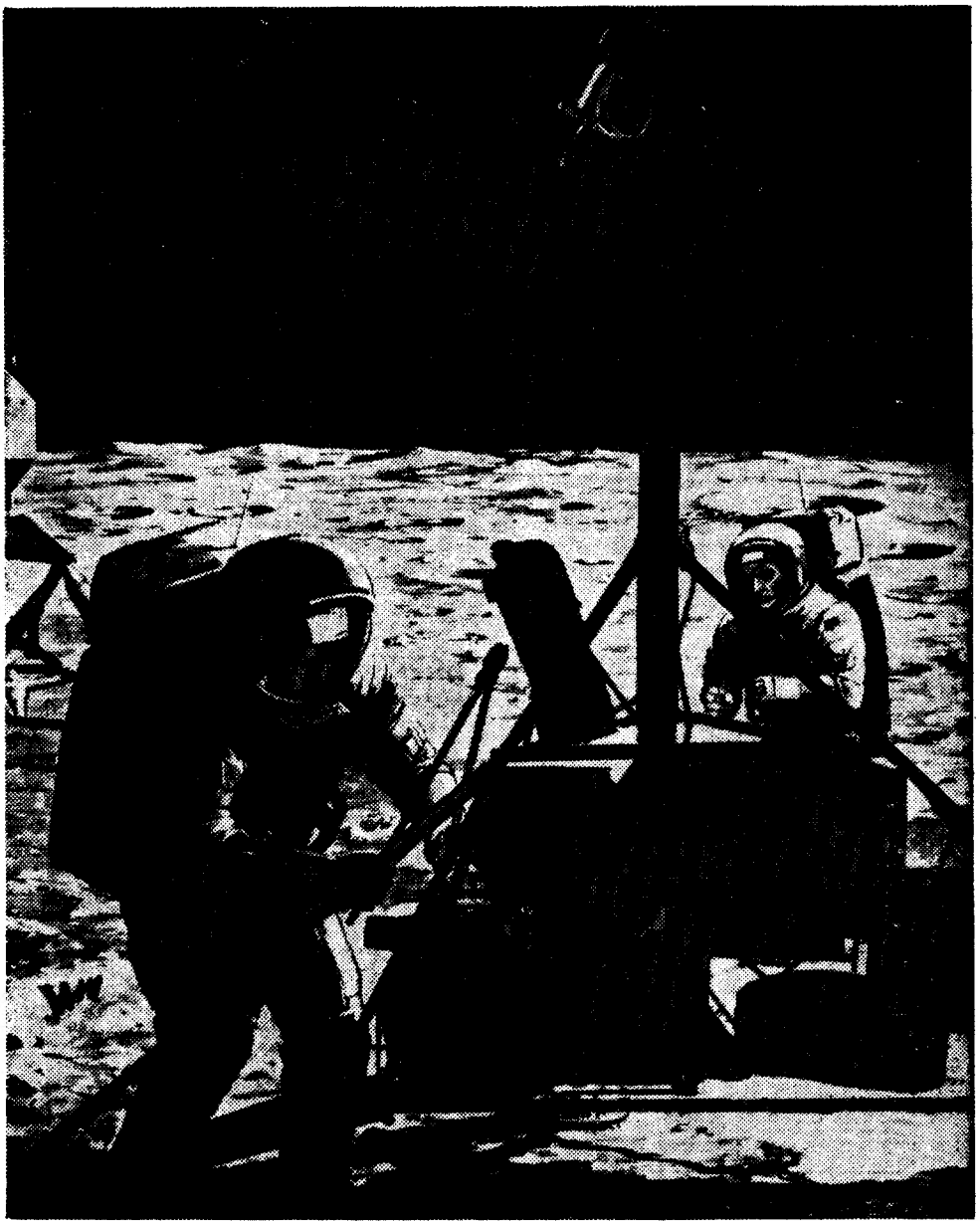
veyor-3, numa cratera do Mar das Tempestades, tirando-lhe milhares de fotografias.

Seguidamente retiraram a câmara de televisão e outras peças da sonda pa-

ra as trazerem para a Terra.

Os astronautas afastaram-se pelo menos 180 metros do «Intrepid» para

(Continua na 15.ª página)



A poeira lunar poderá comprometer novas experiências

Por VICTOR COHN (Exclusivo «Washington Post»-«Diário de Lisboa»)

HOUSTON — Foi um grande dia para a ciência lunar. Mais dois homens da Terra abandonaram a Lua, conseguindo obter uma série de

dados científicos até agora desconhecidos.

Alan Bean e Charles Conrad localizaram miste-

(Continua na 15.ª página)

NO SEU SEGUNDO PASSEIO LUNAR, Alain Bean e Charles Conrad inspecionaram a sonda automática «Surveyor», que os E. U. A. lançaram em direcção à Lua, há 31 meses. Os astronautas fotografaram a sonda e retiraram vários dos seus elementos. Como se sabe, o LEM alunou a cerca de 180 metros da «Surveyor»

A MEMÓRIA DE FÉLIX CORREIA EVOCADA HOJE NA REUNIÃO DA CÂMARA

«O falecimento de Félix Correia deixa em nós a saudade de mais de trinta anos de convívio leal», afirmou esta manhã o vice-presidente em exercício da Câmara Municipal de Lisboa, sr. Aníbal David, usando da palavra na reunião ordiná-

(Continua na página seguinte)



OS DIREITOS DA CRIANÇA EVOCADOS EM PORTUGAL

Por motivo do X aniversário da Declaração dos Direitos da Criança, que hoje ocorre, foram organizadas no nosso País diversas manifestações (LER NA PÁGINA CENTRAL)

Hoje chegada a Lisboa

A missão do Malawi vem estudar problemas de cooperação económica

Para conversações com o Governo português sobre problemas de cooperação económica e de transportes e outros de carácter geral, como, por exemplo, a construção da nova linha férrea entre o seu país e o porto de Nacala, a norte de Moçambique, chegou, esta manhã, a Lisboa, no voo da TAP, uma delegação oficial da República do Ma-

lawi, chefiada pelo ministro dos Transportes e Comunicações, J. Msonthi. Da missão fazem parte o ministro do Comércio e Indústria, J. Tembo; os se-

(Continua na página seguinte)

HOJE 32 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

Esta tarde, os dois ministros do Malawi, acompanhados pelos membros da comitiva, foram aos Ministérios do Ultramar e dos Negócios Estrangeiros

UM MÉTODO HISTORIOGRÁFICO

por José-Augusto França

Se a historiografia, tal como a praticam muitos historiadores entre os mais conscientes das realidades socio-económicas, deixa vezes demais de lado a informação artística sobre os períodos estudados, é sem dúvida porque estes historiadores vêm na arte (ou nas artes — visuais ou sonoras, literárias ou espectaculares) um simples reflexo, senão um produto duma situação histórica determinada e definida muito para além do seu alcance. A ilustração acessória substitui então o documento fundamental, decoração de edição de

luxo ou de manual escolar, nunca, ou quase, fonte de informação original. Sem dúvida, a falta de formação estética, mesmo de sensibilidade ou de gosto, influi aí — mas importa sobretudo de ver nisso uma deficiência de método, na própria ciência histórica. Porque não poderá haver conhecimento histórico global sem uma dimensão artística, a qual marca frequentemente pontos de referência e pontos de partida de situações e de conjunturas: a arte reflete mas propõe também, e muitas vezes, suscita e provoca.

O coeficiente de informação da arte (ou das artes) na vida histórica das civilizações deve levar a reflectir, igualmente, sobre a maneira de abordar o próprio fenómeno artístico e sobre o processo das relações a estabelecer com outros domínios ou séries culturais — num movimento dialéctico que integra e desintegra simultaneamente o contexto histórico em questão.

«Um inquérito particularmente definido dentro do domínio das artes visuais a todo o momento excede o campo operativo que lhe é próprio, pela função informadora que desempenha, mas ele não pode deixar de obedecer a leis internas. E não se pode ignorar que estas constituem, também, matéria informativa em si próprias. Qual quer maneira de ver o mundo, ou de reagir à realidade social, é uma maneira, um modo que existe especificamente, e cuja variação provoca variações no mundo mesmo. As leis estruturais de toda a linguagem artística, estabelecidas no plano do signo, têm um papel social, não só na medida em que podem traduzir conceitos culturais contemporâneos, mas também, e sobretudo, na medida em que dinamicamente os criam».⁽¹⁾

Além disso, a especificidade da linguagem artística deve evitar-nos cair no erro de certas interpretações imediatas, de tipo mecanicista, em que a facilidade convida o historiador de arte desprevenido. Ela conduz-nos, ainda, a compreender que a criação artística possa preceder a

evolução geral da sociedade ou definir-se em níveis dificilmente apreensíveis pelos instrumentos culturais médios da época. Sem dúvida, o conceito de «superestrutura» aplicado às «obras de civilização» não poderá ser, por isso, negado — mas na condição de não o tomarmos como um valor absoluto, em sentido único. Será preciso compreender que os significantes têm, eles próprios, uma função estrutural, quer dizer, que eles se situam previamente às estruturas sociais significadas, assumindo, se tal for o caso, uma responsabilidade «genética». Assim se estabelece a relação dialéctica entre os patamares de base («infra») e do cima («super») no edifício dinâmico, de elementos recíprocos, senão ambíguos, da vida das sociedades.

Parece evidente que o método que consiste em esboçar um quadro histórico, económico, político e social, sobre o qual se traça o arabesco decorativo, senão luxuoso, da história descritiva da produção artística contemporânea, de modo algum convém a um inquérito cultural sério. A visão problemática nisso sofrerá, ou nem chegará a realizar-se. Se for preciso afinar novas técnicas de pesquisa para a historiografia socio-política, de maneira a nelas incluir uma dimensão estética que se revela indispensável, da mesma maneira será preciso forjar um método novo no interior da historiografia da arte.

Ora, se se puser em relação as exigências desta historiografia especializada

com as de uma historiografia mais geral, chega-se facilmente à conclusão que este método deve passar — condição *sine qua non* da sua eficácia — pelos domínios das técnicas e das programações da sociologia. É certo que nos interrogamos sobre a definição ainda indeterminada de uma disciplina recente, ao mesmo tempo aplicada ao inquérito e à reflexão, e cujo carácter fenomenológico se opõe aparentemente ao suposto carácter «eventuário» da história. Podemos pensar que a pesquisa estrutural tende a unificar as vias históricas e sociológicas, estabelecendo entre umas e outras uma cumulação traduzida por relações recíprocas. O acontecimento, o «facto», deixa, então, de ser uma «coisa» fechada em si própria, para se tornar um fenómeno aberto cujo dinamismo será explicado em função de uma rede de dados extremamente complexos, vindos de fontes muito diferentes.

Vemos, assim, a história da arte e a sociologia da arte colaborarem, mesmo unificarem-se num esforço metodológico comum conduzindo à leitura reflexiva das obras e ao conhecimento das condições nas quais elas são produzidas e consumidas. A obra, considerada, necessariamente, em si própria, substitui-se aquilo a que chamaremos o *facto artístico* ao qual se atribui a categoria do *facto social*, e logo, por isso, o carácter de globalidade que a este assiste. A obra de arte junta-se, assim, a «vida artística» — ao mesmo tempo vida das formas e vida con-

ditionante e condicionada dos criadores. É bem a sociologia da arte que permite passar do plano da morfologia da obra tanto quanto do plano da sintaxe biográfica do respectivo autor, ao da semântica das formas objectivadas e das vidas vividas no seio de uma conjuntura em definição contínua.

Debruçada sobre o *facto artístico*, no contexto da vida artística, em que as funções morfológica e sintáctica representam os seus papéis e encontram o seu sentido (quer dizer, a sua dimensão semântica), a história da arte procura, ou pode procurar, uma nova definição. Os factos da que ela se ocupa devem, portanto, ser submetidos a uma interpretação estrutural respeitante às leis da produção e do consumo dos objectos artísticos — produção e consumo espirituais e materiais que prolongam as situações e as condições poética e estética.

A obra de arte é produzida em quadros urbanos ou rurais (cuja evolução orgânica e mutações estilísticas devem ser estudadas), no seio de uma sociedade não determinada, mas «em determinação»; ela ali é consumida imediatamente — antes que o tempo a retorne em outras situações conjunturais, de maneira sempre diferente e, muitas vezes, contraditória. Este consumo pode ser positivo ou negativo: a obra pode encontrar aceitação ou conhecer uma repulsa da parte do público ao qual se supõe oferecida.

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

A FORMA E O FUNDO

DA SÉRIE DE MEDIDAS anunciadas após a última reunião do Conselho de Ministros, certamente vai ser a extinção da P. I. D. E. aquela de que mais se vai falar. É evidentemente aquela que mais impressiona, a mais inesperada, a de um significado político mais aparente, se bem que não se vá ao ponto de considerar essa aparência muito profunda. Mas é evidentemente, da parte do Governo, um acto de coragem, um sinal de boa vontade e, ao mesmo tempo, uma prova de confiança na sua própria força.

Aquela organização, pela natureza aliás inevitável das suas funções e por alguns dos métodos que lhe eram atribuídos, polarizava em si um sentido de descontentamento que não era possível esconder e que o prof. Marcello Caetano teve a coragem e, ao mesmo tempo, o sentimento de força de não o querer ignorar. É, por um lado, uma sigla que se apaga, sem que, por outro lado, resulte para o Governo qualquer diminuição de garantias da sua tranquilidade. Um sistema vem substituir outro sistema.

Por duas ou três vezes, nas suas comunicações dirigidas ao público, teve o prof. Marcello Caetano o ensejo ou a preocupação de justificar a existência de um organismo, qualquer que ele fosse e com o nome que tivesse, tendo a seu cargo pelo menos algumas das funções atribuídas àquele que é agora dado por extinto. Exemplificou-se, talvez, com polícia de fronteiras, passaportes e aspectos afins ou conexos. E agora veio a penada que transfere tudo para uma nova direcção-geral do Ministério do Interior.

Mas se esta medida será porventura aquela que mais impressiona a emotividade do grande público, deve considerar-se de verdadeiro alcance a disposição que vai permitir o regresso ao País de muitos que de cá saíram à busca do que lhes faltava. São os emigrantes clandestinos, os que foram sem passaporte. Anula-se o carácter criminal da saída nessas condições, reduzindo a respectiva responsabilidade ao grau de simples contravenção, punível apenas com multa mas sem prisão. Quantos vão voltar?

Todos os aplausos são devidos ao critério agora instituído. É uma decisão politicamente esclarecida, que contribui para desanuviar o ambiente da vida nacional, sendo ao mesmo tempo de lhe reconhecer o significado social e até económico dos braços que regressam ao trabalho onde mais se deseja que façam falta e sejam úteis. Ao mesmo tempo, remodela-se o Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra. São passos convergentes com o que vem a ser prenunciado como programa de desenvolvimento económico.

Da reforma administrativa confirma-se o que há dias aqui se referiu como suposição quanto ao estado de adiantamento dos trabalhos em curso para esse fim. Quer dizer, a reforma vai para a frente e deve-se tê-la como indispensável, mas vai mais lentamente do que se desejava. É pena, mas é preferível que sejam seguros os passos que se derem. O resto ficará para o decurso do próximo ano, optando-se, pois, pelo método de promover a execução parcelar e cautelosa da reforma, em vez do possível sobressalto de se fazer tudo numa assentada.

A parte que se anuncia imediata é a que se refere aos «princípios fundamentais relativos à situação do pessoal, bem como à simplificação de alguns procedimentos de recrutamento e investidura nos cargos públicos». Isto é, o que diz respeito ao funcionalismo (quadros e vencimentos) porventura em grande parte no pessoal docente das universidades. É, afinal, o que se reflecte no orçamento, cujos termos gerais o ministro das Finanças expôs ao Conselho. Está evidentemente pronto porque deve ser presente, para discussão, na próxima semana, à abertura da Assembleia Nacional.

RECTÂNGULOS DA VIDA

A CIDADE

E nestes primeiros dias tristonhos, com chuva de vez em quando e até umas pequenas inundações discretas, por assim dizer caseiras, anunciadoras de outras maiores um destes dias (quando lá em cima os céus se abrem as ruas são mares), eis Vanessa figura de proa ou de popa nos velhos galões amarelos que ainda percorrem a cidade antiga. Vanessa-Isadora sem um impermeável sequer, a pobre, lá vai no eléctrico, volta a esquina, desaparece.

Naquele instante chovia água se Deus a dava, e o barco (aquele ou outro, tantos com a mesma figura, Tágide à primeira vista, não está longe o rio, Vanessa à segunda, mais atenta) e o barco, pois, parou, porque era um barco de muitos e variados

portos de escala desde não sei onde até Alagés, para onde se dirigia. Parou portanto o barco junto ao cais-passeio e apeou-se uma velhinha trópega, que logo começou a abrim um grande chapéu de homem, bem côncavo. Já pois Vanessa (aquela ou outra) dobrara a

Por
MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO



mesma esquina, ainda a velhinha lutava inglôriamente com um fecho de porta que se recusava a funcionar. E a chuva cada vez mais forte, e a velhinha a olhar com ar ressentido para toda aquela água celeste que tombava sobre ela.

E pronto. O meu carro (com Vanessa? sem Vanessa?) passou e ela no mesmo sítio, lutando corpo a corpo com um chapéu. Para quê contar uma coisa assim, tão sem pés nem cabeça? Mas quem sabe se a velhinha não adoeceu. Não morreu, com toda aquela chuva? E o que terão pensado todos os que olharam para a mulher dos carros eléctricos, os que sabem quem é Isadora e os que nunca saberão quem ela foi? Depois, é de imagens assim (velhinhas à chuva, carros eléctricos-barcos, mas que são mares, o receio da morte ou simplesmente da doença, brancas imagens passageiras a desaparecer na primeira esquina), que é feita a vida da cidade.



Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ora diga-nos...

— Qual é a bebida que mais toma no tempo frio?

Brrr... que taró! É preciso tomar qualquer coisa para aquecer. Vai um bagaço?! (o repórter não gosta é do frio).



• O sr. Fernando José Nogueira, vidraceiro, tem outras preferências:

— É o café. Bem quente. É o que tomo, normalmente. Aquece-nos para combater o frio que começa, realmente, a apertar.



• — Bagaço, pois claro. O que não pode é ser muito — diz-nos o sr. Francisco Coelho Cacheco, cobrador de pro-fissão.
— E toma outras bebidas?
— Bem, bagaço ou gin-ja. E dou-me bem, sim senhor.



• A sr.ª D. Margarida Ferreira Morgado to-ma café com leite?

— Ou café só! Bem quente, pois.
A seu lado uma prima apoia:
— Concerteza. Ajuda bastante a circulação do sangue.

MALTRATADO UM DÉBIL MENTAL?

• A G. N. R. VAI AVERIGUAR

MOIMENTA DA BEIRA, 20 — O comandante do posto da G. N. R. local, sargento António Alves Caladado, está a investigar o fundamento de um rumor público segundo o qual dois jovens contonameos teriam praticado selvagens na pessoa de Amável Santos Calhau, alcoólico (filho de alcoólico) e débil mental, de 30 anos, sol-

teiro e residente na vizinha freguesia de Alvite.
Diz o povo (mas será verdade?) que dois rapazes de 18 e 19 anos haveriam ido de madrugada a casa do débil mental, levando-o despido para o cemitério e sujeitando-o a maus tratos depois de o amarrarem a uma árvore.

Amável Calhau, ouvido já

nesta vila, confirmou a cena para posteriormente a negar. Quanto á data, disse que «foi ontem» mas corrigiu mais tarde: «foi há meio ano». (Um dos suspeitos está neste momento em Lisboa, conforme apurou o sargento Caladado.)

Descrição do Calhau nas palavras do comandante da G. N. R.:

— Ele perfeito não é, mas fala correctamente. Gosta é da pinga como o pai. Vivem os dois sózinhos numa casita e o rapazito mete-se com o Amável quando ele está borracho e faz-lhe patifarias.

FOGOS REAIS NA REGIÃO DE ÉVORA

ÉVORA, 20 — O Regimento de Artilharia Leveira n.º 3, com sede nesta cidade, vai efectuar no dia 18 de Dezembro, das 8 às 13 horas, exercícios de fogos reais de rhotelro de 6 mm, numa zona compreendida entre o caminho que liga os montes Paço de Saralva e Perdigoão a SW, linha férrea a N e caminho do Monte Perdigoão á linha férrea a E.

Para evitar possíveis acidentes, aquela unidade avisa todas as pessoas que tenham de utilizar aquela zona, no dia e horas indicados, o façam tomando as necessárias precauções.

Nos regimes dietéticos em que seja necessária a substituição do açúcar

Pode confiar-se em

ME-TA-SWEET

que tem unicamente como princípio activo a

SACARINA SÓDICA SOLÚVEL

o consagrado edulcorante artificial que não causa acções secundárias

Inteiramente original na forma de administração

A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

Distribuidores para Portugal:

HERBERT CASSELS, L.ª

Avenida 24 de Julho, 58 — LISBOA-2

Telefones: 001778-074500

Um método historiográfico

(Continuação da pág. anterior)

Uma e outra reacção são importantes e significativas, objectos imediatos de inquérito, e sendo caso disso, de expressão estatística. Séries de pesquisas sobre as causas e as consequências do gosto colectivo de terminando tais atitudes constituem uma tarefa metódica, que liga criadores, utentes e intermediários, implicados todos, no mesmo processo cultural.

Como se forma um gosto colectivo? Em que condições sócio-culturais, em que dosagem e por que vias a conjuntura económica nêe age? Outras tantas questões que é preciso pôr, e às quais é preciso encontrar uma resposta em cada caso preciso.

No quadro de um inquérito de história da arte definida conforme os princípios acima propostos, importa conduzir pesquisas articuladas nos planos da informação e das condições de vida material que são as do seu público. De um lado, temos as estruturas do ensino especializado, de outro, o acesso a uma informação organizada, ou não; a acção dos «ateliers» de outrora, as das academias de Belas-Artes, ou, há meio século já, dos institutos de tecnologia, são completadas por uma formação estética geral ao nível de uma cultura humanista. O criador tem assim, ou não tem, o consumidor que merece. Não esqueçamos, de resto, que este processo se define através dos tempos, o que põe o problema permanente da leitura ou da re-leitura das obras de arte; há um consumo «a posteriori» que se liga, ou se acorda, ao consumo contemporâneo. No quadro deste, no seio de uma situação directa e imediata, é preciso saber como esta correspondência se estabelece, quais são os seus elementos positivos e negativos, e em que grau eles intervêm, ou podem intervir.

As relações económicas dependem consideravelmente deles, quaisquer que sejam as estruturas sócio-políticas do país ou do conjunto de países considerados — porque as possibilidades de vida (de vida livre e independente, escusado será dizê-lo) dos artistas encontram-se em relação directa com a qualidade de quem os paga — mecenas, reis e papas, coleccionadores, capitalistas, directores «desbâtiments du roy», de museus ou de fundações culturais, ou dirigentes de departamentos especializados do Estado. As estruturas económicas no meio das quais todos eles agem, tal como as suas ideologias, devem ser devidamente temperadas, sempre e em

qualquer circunstância, pelo conhecimento e pela inteligência que eles têm, ou podem ter, do fenómeno em causa. E, também, não pode esquecer-se que a origem social, de classe ou de família, dos utentes, representa um papel não negligenciável — ainda hoje no Ocidente, pelo menos.

Em suma, não se poderá compreender o desenvolvimento das formas, mesmo a génese e a evolução de uma poética no quadro de uma sociedade, sem conhecer as condições da informação e da vida material que agem no seio da vida artística.

O ensino, as colecções e os museus, as corporações ou as sociedades de artistas, os seus salões, as exposições, a actividade dos mercadores em certos casos (que podem, de resto, ser muito numerosos e muito antigos), assim como os críticos de arte e os historiadores, com as suas orientações e os seus métodos — outros tantos domínios que entram no conhecimento do facto artístico, fenómeno global de que a historiografia da arte deve ocupar-se. Estas pesquisas, sistematizadas de maneira científica, devem, portanto, estender-se a domínios que só por erro se considerariam marginais, com o pretexto de que se arredam da análise directa das obras produzidas.

Sabemos todos hoje (e a definição antropológica de cultura, de que em breve se celebrará o centenário, devida a Ed. Barnett Tylor, não permite que nos enganemos) que a história da arte não pode mais deter-se na simples apreciação dos «objectos de civilização» que são as obras de arte — para já não falar de uma actividade mais simples de inventário descritivo, e, ainda menos, de uma atitude biográfica e anecdótica, uma e outra por demais satisfazendo mentalidades em dificuldade de libertação de processos mentais próprios do século XIX.

É inútil dizer que os inventários e os catálogos continuam a ser instrumentos de trabalho insubstituíveis, ficheiro que é preciso conhecer e que nos permitirá em breve, espremo-lo, constituir redes capazes de ser utilizadas segundo os processos da informática. Com efeito, tudo leva a crer que a historiografia da arte tenha, dentro em breve, direito a um tratamento mecânico de dados, na formulação de uma metodologia verdadeiramente moderna, de que outras ciências humanas já beneficiam, hoje em dia. (2) Sem dúvida, as pesquisas monográficas pelas vias da biografia, mesmo dando lu-

gar á anedota e á «petite histoire» (ousarei afirmar que não há «petite histoire», mas somente «petits historiens» que confundem a quantidade com a qualidade que se pode descobrir no mais pequeno dito — imediatamente significativo pelo próprio facto de ser dito?...), são extremamente úteis e não poderemos prescindir da sua contribuição informativa. No entanto, a história da arte, tal como nos esforçamos por a praticar, de maneira sistemática, no quadro modesto dos nossos trabalhos sobre os séculos XVIII, XIX e XX, ultrapassa, pela responsabilidade sociológica de ciência humana que pretende assumir, estes domínios de imediata aproximação: ela propõe-se um campo operativo de reflexão semântica global mais ambicioso.

Escusado será dizer que esta história não poderá alienar-se do domínio próprio do objecto arquitectural, pictural ou escultural que, no fim de contas, a justifica. A sua análise formal constitui o último motor de toda a compreensão do fenómeno sócio-artístico. É por isso que o historiador de arte não poderá deixar de ser, também, um crítico de arte; para além da sua habilitação filológica, ele deve fazer prova de uma vocação estilística que lhe garanta a leitura formal das obras, a possibilidade de as solicitar, de as fazer viver e de lhes atribuir valores qualitativos. Isto significa que lhes convirá ter um treino metódico na observação, mais ou menos empenhada, da criação artística do seu próprio tempo — sem o que toda a leitura do passado se arrisca a não ser mais do que exercício de emulação desencarnada. A indução cronológica, baseada numa experiência vivida, aqui como em qualquer outro domínio historiográfico, é a regra fundamental deste jogo em que o homem se bate com as forças desconhecidas e, muitas vezes, misteriosas do seu passado e da sua memória.

Uma leitura estética fundada numa consciência «gestáltica» e uma integração sócio-cultural centrada num processo estruturalizante, quer dizer, dinâmico e global, impõe-se, assim, como condições do conhecimento da obra de arte nas suas relações dialécticas com a sociedade, ao mesmo tempo determinante de tais valores, e por eles determinada. A sobreposição desta leitura e desta integração, em relações de dosagem mobil, poderá definir, em conclusão, o método historiográfico que propomos.

(1) J. A. França, *A Arte em Portugal no século XIX* (Lisboa, 1967), vol. I, prefácio, pp 9-10.

(2) Em Abril de 1969, propusemos á Fundação Gulbenkian a organização de um «departamento de informática» (no quadro de um Instituto de Arte cuja criação preconizámos), realizado a um nível internacional, para promover pesquisas sobre as técnicas de computação, etc., aplicadas á história da arte.

(3) Comunicação apresentada no 22.º Congresso de História da Arte, em Budapeste, Setembro de 1969. JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

ALGARVE

VENDE-SE, EM BOAS CONDIÇÕES, PRÉDIO RÚSTICO COM MAIS DE 20 000 m2, COM PRAIA PRÓPRIA, MAGNÍFICA PANORÂMICA, ENTRE TAVIRA E MONTE GORDO (PERTO DE CACELA) OU CEDEM-SE POSIÇÕES TOTAIS NA SOCIEDADE SOB FORMA ANÓNIMA SUA PROPRIETÁRIA • SÓ ATÉ AO FIM DE NOVEMBRO
RESPOSTA À RUA VICTOR CORDON, 10-A, 1.º ANDAR
L I S B O A



APRESENTA EM

4.^a SEMANA

UM FILME SUPERIOR



a Batalha de Inglaterra

"BATTLE OF BRITAIN"

produção de Harry Saltzman e S. Benjamin Fisz

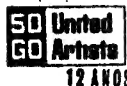
Harry Andrews Michael Caine Trevor Howard Curt Jurgens Ian McShane Kenneth More
Laurence Olivier Nigel Patrick Christopher Plummer Michael Redgrave Ralph Richardson
Robert Shaw Patrick Wymark Susannah York

argumento de James Kennaway e Wilfred Greatorex

realização de Guy Hamilton

Technicolor

Panavision



Quem será

41?

ADULTOS



BALÃO VERMELHO

TUDO PARA CRIANÇA

SECÇÃO N.º 3

UMA COLEÇÃO CRIADA E ADAP-
TADA A SUA PERSONALIDADE
GRANDE VARIEDADE DE MALHAS
ESTRANGEIRAS

AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 1-B — Telef. 41279

A BOCA DO PALCO DO MARIA MATOS

Elvira Velez bebeu pelos seus 77 anos

Pode ser-se jovem aos 77 anos? Sim senhor, pode fazer-se um esforço... Se outra prova não houver, aí está a demonstrá-lo Elvira Velez, que, ontem, à noite, fin- da mais uma representação de «Tombo no Inferno», de Aquilino Ribeiro, no Teatro Maria Matos, se viu envol- vida pelo carinho do público por motivo de festejar o seu 77.º aniversário.

Aplaudiu-se o trabalho dos actores, quando Igrejas Cari- ro pediu mais palmas: eram para Elvira Velez. As pes- soas levantaram-se pronta- mente e o dr. Costa Ferrei- ra, no seu hábito de clérigo, ergueu a taça de «champã- nhe» em nome dos artistas. Seguiu-se o pessoal técnico, as costureiras, toda a gente,

enfim, que contribui para o espectáculo diário. Como habitualmente, fo- ram do palco os jovens que festejavam o seu 17.º an- versário e, para quem «Tom- bo no Inferno» teve bilhete gratuito: Isabel da Silva Vi- dal da Costa, Isabel Maria dos Santos Morgado e Joa- quim Madeira.

Novas palmas para Elvira Velez, que bebeu a sua taça á boca do palco, jovem e bem disposta como só ela!

HOMENAGEM

VISEU, 19 — Foi homena- geado, com um jantar, o dr. Augusto Saraiva, professor do liceu desta cidade.

ADULTOS



Em últimos dias
SÓ ATÉ DOMINGO

AR-CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de lisboa

HOJE, às 21.45 horas

VASCO MORGADO

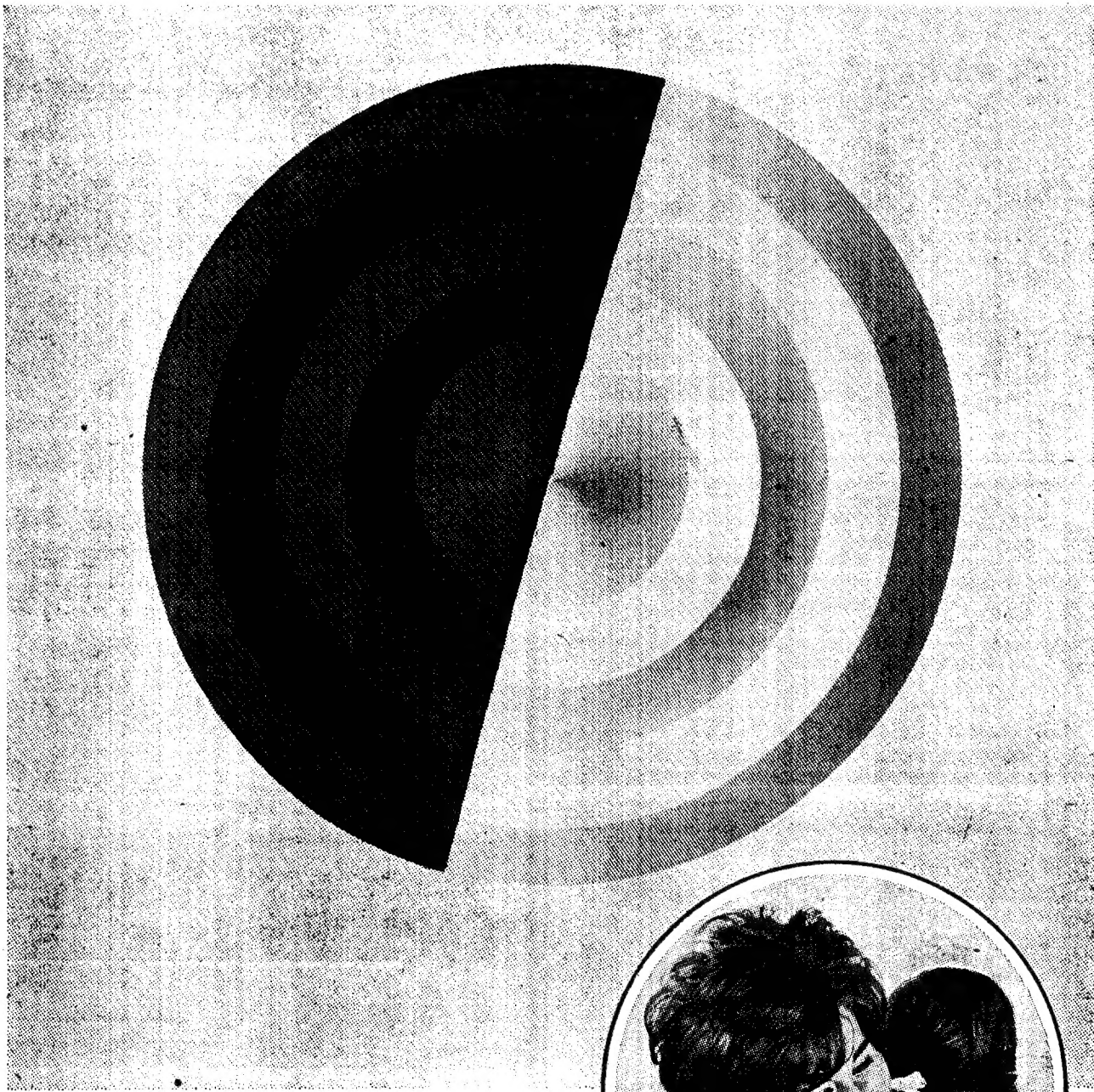
APRESENTA

RAUL SOLNADO

na sua mais brilhante interpretação

«AMOR ÀS RISCAS»Uma divertida e dissimulada
tragédia amorosa, comJO ALVARENGA
e ARTUR SEMEDO

A PARTIR DO DIA 28, ÀS 21.45 HORAS
VOLPONE pelo Grupo Cénico da Associação Académica da Faculdade de Direito (ADULTOS)



O que torna diferente um seguro da ATLAS?

O cuidado com que foi escolhido para ser a solução perfeita do seu caso particular. Porque na ATLAS um seguro é mais do que uma apólice. É o resultado da nossa experiência e técnica em seguros. E da atenção que dedicamos a cada cliente.

Consulte-nos. Estamos ao seu dispor para lhe apresentar o plano de seguros mais adequado aos seus interesses.



ATLAS

COMPANHIA DE SEGUROS, S.A.R.L.



Lisboa — Rua Andrade Corvo, 27 Telef.: 57120/7/8/9/48 e 57354
Porto — Rua de Ceuta, 11-1.º Telef.: 20802/3, 22152
Coimbra — Rua da Sofia, 139-1.º Esq. Telef.: 28901

UM HOMEM PODE SEPARAR-SE DE UMA MULHER DE MUITAS MANEIRAS, MAS

MARCELLO MASTROIANI

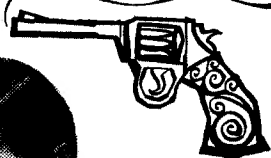
INVENTOU UM PROCESSO MAGISTRAL DE SE DESEMBARAÇAR DA SUA EM

ESTREIA

ROMA

HOJE AS 21,45
(ADULTOS)

**DIVÓRCIO
À ITALIANA**



OBRA-PRIMA
DE
**PIETRO
GERMI**



TALMA
FILMES

TIVOLI ÀS 18 E 30

SEGUNDA, QUARTA E QUINTA-FEIRA
(DIAS 24, 26 E 27)

DEFINITIVAMENTE
ÚLTIMOS DIAS

«AMANHÃ
DIGO-TE
POR
MÚSICA»

PELO

GRUPO 4

DESCONTO DE 50%
A ESTUDANTES



M/17
ANOS

COLISEU AMANHÃ, ÀS 21,30 (MAIORES 12 ANOS)

ESTREIA

NOVA COMPANHIA
INTERNACIONAL
DE CIRCO

As maiores atrações: Entre outras: Barristas
mexicanos * chimpanzés * leões * voadores

BILHETES À VENDA

SOLAR DO MINHO

Rua do Vigário, 60
Telefone: 86 68 11
ALFAMA
(a Santo Estêvão)

PARA ADULTOS

Proprietária: artista **EDUARDA MARIA**
FADOS-FOLCLORE
RESTAURANTE TÍPICO

ABERTO ÀS 21,30 DA MANHÃ

ABERTO AOS DOMINGOS

GIL VICENTE

— Cascais Telef. 280919

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL
APRESENTA ÀS 22 HORAS

EUNICE MUÑOZ interpretando **ARRABAL**
com **SANTOS MANUEL, VITOR DE SOUSA**
e **CARLOS PAULO**

Trad. **ANTÓNIO BARAHONA DA FONSECA**

Encenação **CARLOS AVILEZ**

SUBS. FUNDO TEATRO — FUNDAÇÃO GULBENKIAN — ADULTOS

CAPITÓLIO

Telef. 320879
HOJE, às 21,45 h.
(M/17 anos)

A Empresa Rey Colaço-Robles
Monteiro apresenta o original
de **Bernardo Santeramo**
**O PECADO
DE JOÃO AGONIA**

Sábado às 16 horas — Tarde
a preços reduzidos
Domingo — Tarde especial-
mente dedicada a estudantes

ABC ÀS 20,45 e 23 h.
Adultos
**ENA, JÁ
FALA!**

Em LAGOS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café Portu-
gal.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

**Auditório
Dois**

Amanhã, às 18,30 h.

CONCERTO pelo
QUARTETO ERASMO
Malipiero, Debussy, Dvorak

Sexta-feira, 28 de Novembro, às 18,30 h.
RECITAL DE GUITARRA CLÁSSICA por
MARIA LÍVIA SÃO MARCOS
Villa-Lobos, J. S. Bach, F. Lacerda, Torroba

Terça-feira, 9 de Dezembro, às 18,30 h.
RECITAL DE CANTO E PIANO por
LUISA BOSABALIAN
e **MANFRED SCHANDERT**

PREÇOS: 20\$00 ■ 50% de desconto aos estudantes
A bilheteira está aberta das 13 às 20 horas, todos os dias, com
excepção de domingo, na Fundação Gulbenkian (Av. Berna)

Espectáculo para maiores de 6 anos

HOTEL DOM CARLOS

A reputação do nosso RESTAURANTE é feita pelos
seus próprios clientes. A par da cozinha internacional há
sempre uma especialidade portuguesa à sua disposição.

AMANHÃ AO ALMOÇO:

BACALHAU À MODA DAS TAIPAS

AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53 90 71 — LISBOA



BOUTIQUE IZA'

Tem o
Prêt-à-Porter
melhor
e mais moderno
de Lisboa
Provisoriamente
na rua Borges Carneiro
Nº 59

MARIA VITÓRIA



HELENA TAVARES

A ATRACÇÃO NACIONAL

● HELENA TAVARES

A ATRACÇÃO FILIPINA

● «THE MELODIES»

DOMINGO, «Matinée», às 16 h.

● Um escândalo de gorgothada
é a sensacional revista:

ESPERTEZA SALOA

☆ ÀS 20,45 e 23 HORAS ☆

O triunfo de um ótimo elenco, com:

SALVADOR ● JOSÉ VIANA

● MARIEMA ●

● BARROSO LOPES ●

● DORA LEAL ●

UMA REVISTA DE ÊXITO TOTAL!



HELENA TAVARES
no fado «Quando
a Noite Vem»

SAIBA O QUE É UM TÍTULO DE OCUPAÇÃO

1- Ao adquirir um Título de Ocupação você pode fazer imediatamente a escritura de compra do seu apartamento de férias, escolhendo o mês e o tipo de alojamento que lhe convier. **2-** Os apartamentos encontram-se já prontos a habitar, completamente mobilados e equipados. **3-** Sempre que não pretenda utilizar o alojamento, TORRALTA obriga-se a pagar-lhe 8 a 12% sobre o valor da venda — que poderá receber mensal ou anualmente. **4-** TORRALTA comprar-lhe-á o seu Título de Ocupação se o quizer vender. **5-** Poderá, também, comprar o seu Título de Ocupação, pagando-o em 36 prestações. **6-** Se optar por esta modalidade terá direito ao juro do capital investido, a partir da primeira prestação, em relação às importâncias pagas. **7-** Se por qualquer eventualidade desistir da compra do Título de Ocupação, não perderá o seu dinheiro, TORRALTA comprar-lhe-á a sua posição.

Peça informações a TORRALTA - Av. duque de Loulé, 66-A - Lisboa - Telefones 51748 - 54479 - 555681



PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

Leigh, Warren Beatty, Lotte Lenya, Carol Browne, etc.

Qual a razão recôndita que terá levado a ressuscitar, hoje em dia, esta película intragável? A *Primavera em Roma de Mrs. Stone* não é só um mau filme (cinematicamente falando), como também uma péssima adaptação de uma novela de Tennessee Williams (já de si pouco característica). O mau gosto visceral de tudo isto não tem paralelo (e daí, e daí — até tem. Basta relancear os olhos por alguns títulos presentes em exibição, hélas).

Dirigido em 1961 (portanto com oito anos de atraso que requeiraram por completo o que quer que seja desta *primavera*), o filme de

Quintero fala-nos de uma actriz de sucesso que os anos destruíram. Com mais de quarenta e cinco resolve abandonar a carreira e dedicar-se, confortavelmente, a gastar o dinheiro armazenado pelo seu defunto marido. Vai até Roma (que para os americanos deve ser o centro mundial da depravação concentrada) e aí encontra Paolo que uma megera, dita «condessa», lhe lança no ca-

minho na mira dos costumes dos 50 % de percentagem nos «extras».

Do encontro nasce o amor e o resto já se sabe. Para nós bastou.

Nos principais papéis Vivien Leigh (inreconhecível) e Warren Beatty (então no início da sua carreira).

De José Quintero nunca mais se ouviu falar. Honra lhe seja feita.

L. A.

«ENA, JÁ FALA!»

O ÉXITO CONTINUA

TRÊS MESES DEPOIS DA ESTREIA

No seu terceiro mês de exibição, continua em pleno êxito e a atrair multidões ao novo Teatro ABC a revista «Ena, Já Fala!», um espectáculo cheio de graça, crítica actual aos principais acontecimentos, deslumbrantes cenários e bonito guarda-roupa, linda música e bailados e invulgar interpretação de um escolhido «cast», onde figuram os nomes maiores da cena ligeira nacional.

Continuas gargalhadas provocadas por hilariantes quadros de comédia e numerosos cómicos aliados a uma boa apresentação de quadros de *flamenco* fazem de «Ena, Já Fala!» uma revista que é saudável divertimento com a duração de duas horas.

José Miguel, ao formar um elenco, partindo de uma base que garantisse a simpatia do

público, resolveu contratar Ivone Silva, Ribeirozinho, Nicolau Breyner e a popularíssima cantadeira, Fernandina Baptista.

A música de João Nobre e João de Vasconcelos, que ilustra o alegre «poema» da parceria dos «Oscars da Imprensa» Paulo da Fonseca, Rogério Bracinha e César de Oliveira, tornou-se popular em curto prazo de tempo.

TEATRO DA TRINDADE

(F. N. A. T.)

DOMINGO, 23 DE NOVEMBRO, AS 11 HORAS DA MANHÃ

Concerto pela

BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

Dedicado aos beneficiários da F. N. A. T., Sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. P.

Direcção: MAESTRO CAPITÃO SILVA DIONÍSIO

PROGRAMA

CLEOPATRA (Abertura) — MANCINELLI ★ SINFONIA N.º 2 — BORODINE ★ SUITE PORTUGUESA N.º 1 — RUY COELHO ★ SEVERA (Seleção — F. DE FREITAS ★ FANDANGO — L. FREITAS BRANCO

Distribuição gratuita de bilhetes a partir de hoje Maiores de 6 anos

Durante a execução de qualquer dos números do programa não é permitida a entrada na sala de espectáculos

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Telef. 717017 — Adultos

Teatro
Maria Matos

Av. Frei Miguel Con-
treiras (à Av. de Roma)

SÁBADO, ÀS 16 HORAS — 1.ª tarde popular a preços reduzidos
DOMINGO, À TARDE E À NOITE — 50% de desconto aos jovens dos 17 aos 21 anos

AQUILINO RIBEIRO amava o povo e defende-o corajosamente na peça

TOMBO NO INFERNO

A história de um homem empurrado para o catifeiro por uma sociedade desumana

POR UM GRANDE ELENCO DIRIGIDO POR IGREJAS CAEIRO

Susbídios: Fundação Gulbenkian e Fundo de Teatro

TEATRO DA TRINDADE

(F. N. A. T.)

Amanhã às 21,45 horas M/17 anos

5.º Espectáculo do IV CICLO DE TEATRO AMADOR NA EMPRESA

Com a representação de

O VAGABUNDO DAS MÃOS DE OURO

Farsa em 3 actos, de Romeu Correia

Pelo Grupo Cénico do G. D. P. da Messa

Encenação de José Raul Gonçalves

BILHETES À VENDA — Plateia: 10\$00 e 20\$00; balcão: 2\$50, 5\$00, 7\$50 e 10\$00; Camarotes: 20\$00, 30\$00 e 40\$00; Frisas: 50\$00

VIDA MUSICAL

A Banda da G. N. R. na Teatro da Trindade

A exemplo dos anos anteriores e por iniciativa da F. N. A. T. em colaboração com o comando-geral da Guarda Nacional Republicana, a ban-

da de música desta corporação, dirigida pelo capitão Silva Dionísio, vai realizar mais uma série de concertos no Teatro da Trindade.

O primeiro concerto, que se efectua no domingo, às 11 horas, inclui obras de Man-

cinelli, Borodine, Ruy Coelho, Frederico de Freitas e Luís de Freitas Branco.

Por este motivo, a banda não realiza o tradicional concerto do próximo sábado no quartel do Carmo.

STRINDBERG NA CASA DA COMÉDIA

Mais do que cinquenta vezes se encheu a sala da Casa da Comédia (às Janelas Verdes) para ser testemunha da obra-prima de Strindberg «Dança da Morte», representada pela primeira vez em Portugal. Lisboa soube devidamente apreciar o acontecimento realizado pelo «trio de câmara», duma har-

monia excepcional, de verdade humana e de rigor técnico: Carmen Dolores (prémio nacional de interpretação nesse papel), Alvaro Benamor e Augusto de Figueiredo, dirigidos pelo Jorge Lisboa.

Devido aos compromissos inadiáveis dos intérpretes, a Casa da Comédia será forçada em breve a interromper definitivamente a carreira triunfal desta peça.

Todos os dias, até 30 deste mês, sessões às 22 horas, com excepção de segundas-feiras, dia de descanso dos artistas. Aos sábados, «matiné» às 16 horas, seguida de colóquio.

Marcação de lugares, depois das 18 e 30 horas, pelo Telef. 677299 ou directamente na Casa da Comédia, Rua de S. Francisco de Borja, 22. Espectáculo para maiores de 17 anos, subsidiado pelo Fundo de Teatro.

O Uruguai é membro do Secretariado

Internacional da Lã

Recentemente, constituído no Uruguai, o Secretariado da Lã iniciou as suas actividades em meados do mês findo, após a inauguração oficial das suas instalações em Montevideo, realizada pelo presidente do Secretariado Uruguaio da Lã, sr. J. Scremini, com a presença de sir William Gunn, presidente do Secretariado Internacional da Lã e da Junta dos Produtores de Lã da Austrália e dos srs. G. Joubert, presidente da Junta da África do Sul e B. Trollove, vice-presidente da Junta da Nova Zelândia.

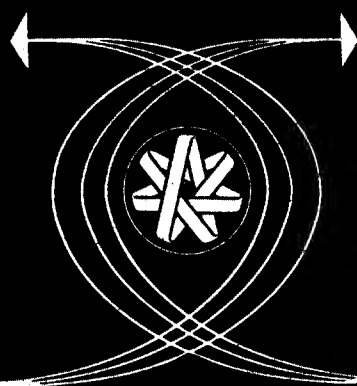
Este foi o primeiro acontecimento duma série de cerimónias que marcaram o início da actividade da organização no Uruguai, que, desta forma, fica a ser o quarto país membro do Secretariado da Lã, formado há 32 anos pela Austrália, Nova Zelândia e África do Sul.

O presidente do Secretariado do Uruguai referiu-se aos benefícios que poderão advir para o Uruguai da sua associação com o Secretariado Internacional da Lã e manifestou regozijo por o Uruguai ser o primeiro país da América Latina a tornar-se membro da organização. Fez ainda votos para que outros importantes países produtores de Lã, particularmente a Argentina, considerassem também a sua adesão, pois tal, segundo afirmou, contribuiria para fortalecer ainda mais a acção mundial do Secretariado na promoção e investigação a favor da lã.

Sir William Gunn anunciou que ia providenciar no sentido de um cientista australiano, especializado em agricultura, visitar periodicamente o Uruguai para dar assistência ao Secretariado. Convidou também dois representantes do Secretariado Uruguaio a visitar os outros países membros para observarem e estudarem *in loco* as actividades desenvolvidas pelas Juntas dos Produtores de Lã.

A cerimónia inaugural assistiram mais de 200 pessoas, entre as quais os srs. A. Malden, e D. V. Damerell, respectivamente director-geral e director regional para a América do Secretariado Internacional da Lã além dos representantes das organizações de criadores de gado da Argentina e do Brasil.

O Uruguai que é o 5.º país exportador de lã do mundo, tornar-se-á membro do Secretariado Internacional da Lã em Julho do próximo ano. A lã representa 46% do rendimento proveniente das exportações do Uruguai.



INCENTIVO PARA O PROGRESSO

Participe no esforço de desenvolvimento económico-social do país, aplicando as suas economias na criação de maior riqueza e bem-estar geral.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano,

isento de impostos.

Segurança total.

Colocação eficaz do seu dinheiro.

Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:

LISBOA

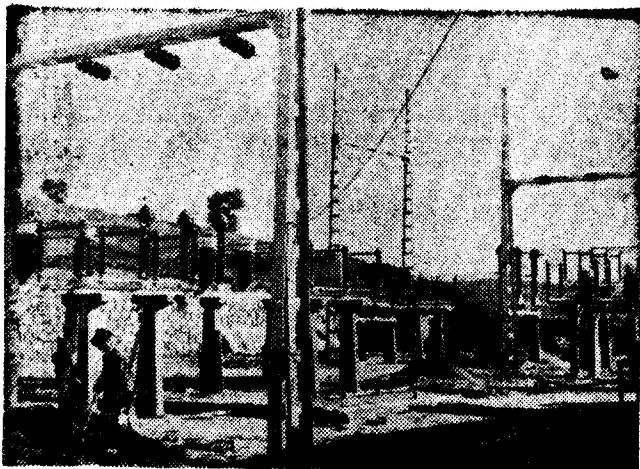
Rua Braamcamp, 5

PORTO

Av. dos Aliados, 58-64



BANCO DE FOMENTO NACIONAL
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS



Aspecto das obras na subestação da Várzea

A distribuição de energia eléctrica na Covilhã

COVILHÃ, 19 — Os serviços municipais desta ci-

dade, continuando na sua obra de ampliação e renovação da rede de distribuição eléctrica, concelhia no seu programa de renovação consta a construção de duas novas subestações, ao ar livre situadas, uma na Várzea; outra nas proximidades do Tortosendo. Deste modo ficarão servidas nas melhores condições as zonas norte e sul concelhias.

Este empreendimento custará cerca de 16 mil contos.

A PISTOLA DOS CIGANOS DISPAROU-SE NO TÁXI

O motorista de «táxi» Vítor Manoel Antunes de Carvalho, residente na Rua da Paz, 47, r/c., participou na esquadra da P. S. P. da Praça da Alegria que, ao seguir na Rua da Palma, transportando dois indivíduos que lhe pareciam ciganos, de súbito reparou que se a brira no pára-brisas do carro um pequeno orifício, o uvinho, simultaneamente, uma detonação que ecoou intensamente dentro do veículo.

Tendo pretendido parar, os dois passageiros ordenaram-lhe que seguisse para o Campo de Santana, onde abandonaram o carro, sem pagar a corrida mas deixando uma mala com diversos cortes de fazenda, toalhas turcas, peúgas, pastas de creme de barbear, sabonetes, etc.

Os dois homens continuaram por descobrir. Segundo parece, a pistola disparou-se inadvertidamente.

REUNIÃO DO VET CLUB

Com a presença de quarenta e seis sócios e convidados, efectuou-se hoje, no Hotel Florida a reunião mensal do Vet Club de Lisboa. Presidiu o sr. prof. dr. José Luís da Silva Leitão. O convidado de honra e palestrante foi o sr. prof. dr. José Júlio Gonçalves, catedrático do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, que falou sobre «Alemanha—impressões sociológicas».

Apareceu o corpo do operário afogado na Ria de Aveiro

ILHAVO, 20 — Como noticiámos, na noite de 10 do corrente, quando atravessava o canal da Ria de Aveiro, entre a Gafanha Boão Vista e a Vista Alegre, num bote, caiu à água e desapareceu com a corrente o operário Manuel Bizarro, de 33 anos, casado com Maria da Conceição Ferreira. Apesar das pesquisas feitas pelas autoridades marítimas, só hoje de manhã foi encontrado o corpo do indolente operário, já em estado de recomposição, no lado sul da ponte Juncal Ancho. O corpo foi transportado pela ambulância dos bombeiros desta vila para a casa mortuária do cemitério, onde será autopsiado.

OS COMERCIANTES DE ILHAVO E A SEMANA-INGLESA

ILHAVO, 20 — Alguns comerciantes desta vila enviaram ao Grémio do Comércio de Aveiro uma exposição, na qual se manifestam no sentido de que se estabeleça, neste concelho, o regime de semana-inglesa. O facto provocou um movimento de reacção por parte de centenas de interessados, os quais fizeram uma exposição que foi entregue ao presidente da Câmara e na qual contestam os argumentos dos que desejavam que fosse alterado o regime em vigor.

Também o delegado do comércio de Ilhavo, sr. Amadeu Estêvão dos Santos se dirigiu ao presidente do Município, afirmando que a alteração do horário actual causaria grandes prejuízos ao comércio local, por motivos vários.

Ao que se sabe, o presidente da edilidade está a estudar o assunto, de modo que a resolução corresponda no desejo da maioria.

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

Capital: 450 000 000\$00

Sede: Rua de Alexandre Herculano, 244 — PORTO

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES PARA AMORTIZAÇÃO

No dia 9 do próximo mês de Dezembro, pelas 10 horas, proceder-se-á, num dos escritórios da empresa, na Rua Duque de Loulé, n.º 98, 1.º andar, no Porto, ao sorteio de 32 487 obrigações, das quais 31 642 são do valor nominal de 100\$00 e 845 do de 1 000\$00 cada uma, para efeito de amortização a partir de 2 de Janeiro de 1970 — data em que se iniciará também o pagamento de juros das obrigações das diversas séries, relativo ao segundo semestre de 1969.

(São 2444 obrigações da série de 4 1/2%; 4627 da série de 4% — 1945; 2151 da série de 3 3/4%; 3949 da série de 4% — 1948; 1788 da série de 5% — 1951; 3405 da série de 5% — 1952; 4627 da série de 5% — 1954; 4431 da série de 5% — 1957; 4220 da série de 5% — 1958; 345 da série de 5% — 1960; e 500 da série de 5% — 1963 — conforme consta dos respectivos quadros de amortização).

Porto, 17 de Novembro de 1969.

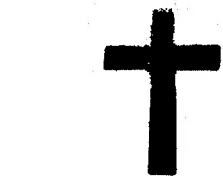
Pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA
O ENGENHEIRO-GERENTE

a) Mamede Fialho

ofereça
aos amigos,
clientes,
representantes,
residentes no
estrangeiro,
vinhos
do porto
madeira
de mesa

gifts

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
Rua do Alecrim, 73, Lisboa
Telefones - 320031/2/3/4
COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
Rua do Bonjardim, 420, Porto
Tel. 26562-32228-35221-37222



JAIME SENNFELT

FALECEU

PARTICIPAÇÃO, MISSA
DO 30.º DIA
E AGRADECIMENTO

Sua mulher, filhos, netos, irmãos e mais família, participam a todas as pessoas das suas relações e amizade que faleceu, no passado dia 21 de Outubro, o seu muito querido marido, pai, avô, irmão e parente, não tendo sido feita participação na altura devida por determinação do saudoso extinto. Igualmente participam que amanhã, sexta-feira, dia 21, pelas 12 horas, será celebrada missa de sufrágio, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem associar-se a este piedoso acto. Igualmente agradecem a todos quantos de qualquer forma lhes testemunharam o seu pesar, especialmente aqueles que por desconhecimento de moradas, o não puderam fazer directamente.

P. N. A. M.

AGENCIA MAGNO
Telef. 534167



ANTÓNIO MARIA
BORGES ROBERTO
FALECEU

Joana Caldas Borges Roberto e mais família participam que foi Deus servido chamar à Sua Divina presença o seu querido e chorado marido, irmão e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, às 10,30 horas, da Igreja de S. João de Deus para o cemitério do Alto S. João.

Agência Viuva Nogueira
Rua D. Estefânia, 76
Telef. 42940

Actualidade internacional

A GREVE GERAL EM ITÁLIA

Os maoístas tentaram sobrepor-se aos sindicatos

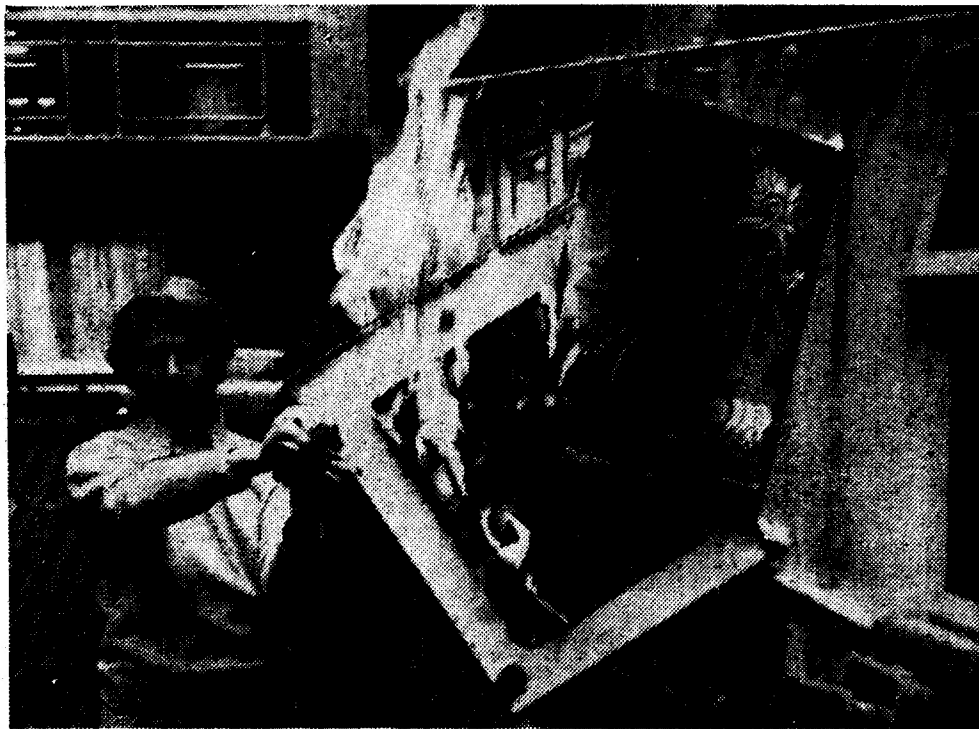
ROMA, 20 — (F. P.) — A violência dos incidentes de Milão contrastou com a calma com que decorreram de norte a sul da península as numerosas manifestações organizadas pelos sindicatos no decorrer da greve geral nacional seguida por uns doze milhões de trabalhadores.

Os elementos maoístas mostraram-se activos tentando sobrepor-se aos sindicatos. Mas estes, em todas as circunstâncias, dominaram perfeitamente os comícios, com excepção de Milão. Tudo começou quando um fúte da Polícia fez cair um manifestante. No

mesmo momento explodiu uma granada lacrimogénica, acidentalmente, ao que parece. Os manifestantes atiraram-se então à Polícia e ao fúte. Brandindo um grande tubo de ferro, um manifestante vibrou um golpe no veículo, perfurou o tejadilho e atingiu na nuca o condutor. Mortalmente ferido, este perdeu o domínio do veículo e foi chocar com dois camiões das forças da ordem. Surgiram outros grupos de manifestantes em auxílio dos primeiros e num ápice ergueram barricadas nas ruas. Armados com pedras, tijolos, barras

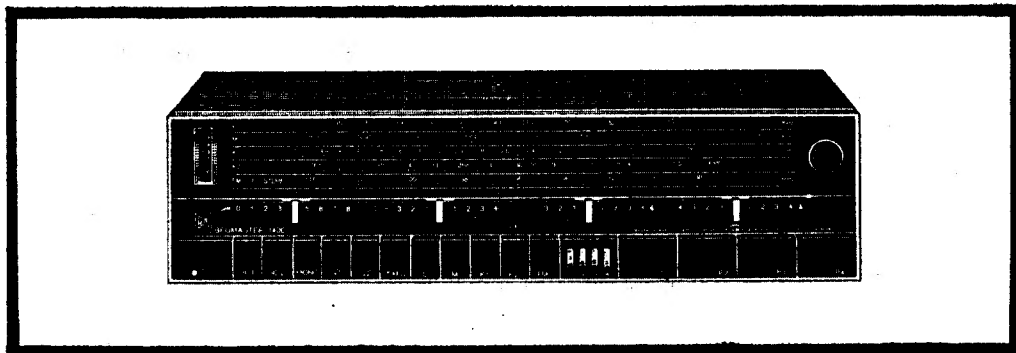
de ferro que retiraram de uma obra, os manifestantes atacaram a Polícia em vagas sucessivas. Por sua vez, os agentes contra-atacaram e organizaram um carrocel desenfreado com os seus fútes enquanto explodiam granadas lacrimogénicas. Só à tarde foi restabelecida a calma.

Os distúrbios de Milão tiveram imediata repercussão na Câmara e no Senado, tendo sido apresentadas moções solicitando ao Governo esclarecimentos sobre o sucedido em Milão.



O PINTOR AUSTRALIANO Helmut Kand (22 anos), cuja primeira exposição está patente na Ewan Phillips Gallery (Londres), queima em tom solene dois dos seus quadros favoritos, designados por «Ikona» e «Labyrinth of Toys». Segundo o pintor, todos os grandes criadores devem queimar sempre parte da sua obra... As cinzas dos quadros queimados serão incluídas na exposição

BANG & OLUFSEN
APRESENTA
um tipo de radio receptor nunca visto - nem ouvido - até agora
BEOMASTER 1400
DE ALTA FIDELIDADE



O BEOMASTER 1400 inclui os mais recentes aperfeiçoamentos em rádio receptor. Um rádio de Alta Fidelidade capaz de proporcionar uma recepção perfeita não só em FM mas em todas as outras ondas, quer para recepção local quer distante com a maior sensibilidade e selectividade. O BEOMASTER 1400 é um rádio e um amplificador estereo de Alta Fidelidade totalmente transistorizado com 2x15 watts de potência de saída e com menos de 1% de distorção. A secção F.M. dispõe de um dispositivo para a recepção de quatro estações pré-sintonizadas e a recepção em onda curta inclui um expansor de banda, permitindo uma sintonia perfeita. O BEOMASTER 1400 pode ser fornecido simples ou com altifalantes de câmara de grão incorporados. Constitui o coração de qualquer cadeia de Alta Fidelidade. Peça uma demonstração do BEOMASTER 1400, um produto da BANG & OLUFSEN - Desenho Dinamarquês - Fabrico Dinamarquês - Perfeição Dinamarquesa. - B&O.



B&O - PARA QUEM O BOM GOSTO E A QUALIDADE CONTAM MAIS DO QUE O PREÇO.



REPRESENTANTE EXCLUSIVO PARA TODO O TERRITÓRIO PORTUGUÊS

CENTRO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA, S.A.R.L.

RUA D. JOÃO V, 2 - LISBOA - PORTUGAL - TELÉF. 690007/8/9

A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS B & O

DELEGADO EM COIMBRA:

LUÍS FERREIRA PINTO

Rua de Saragoça, 75 - Tel. 929974

DELEGADO NO PORTO:

SÍLVIO AZEVEDO SILVA

Rua do Quanza, 4 - Tel. 46347

Polanski processado

SANTA MÓNICA, 20. — (R.) — O director cinematográfico Roman Polanski, viúvo da actriz Sharon Tate, que foi assassinada, e a revista «Life» foram processados pelo proprietário da casa onde foi morta a actriz, e que pede uma indemnização de quase 850 mil dólares (cerca de 25 mil contos).

O queixoso afirma que Polanski concedeu ilegalmente a «Life» os direitos sobre uma fotografia da casa, concessão que foi prejudicial o valor de venda da propriedade.

A fotografia mostra Polanski sentado junto de uma das portas manchadas de sangue e foi acompanhada por um artigo intitulado «Trágica viagem à casa da colina».

OS «CABEÇAS RAPADAS»

—NOVO MOVIMENTO

DA JUVENTUDE INGLESA

LONDRES, 20 — (R.) — Cabeças rapadas, botas enormes e calças usadas um tanto à maneira de um palhaço de circo, eis os sinais característicos dos membros de um novo culto entre adolescentes, que está a alastrar na Grã-Bretanha.

Os seus fanáticos denominam-se a eles próprios «cabeças rapadas» («skinheads»). Ultrapassam e opõem-se ferozmente aos grupos de guedelhudos, como os «hippies» e os «Anjos do Inferno».

Ao contrário dos «hippies», os «cabeças rapadas» não proclamam ser guiados por considerações filosóficas. Desprezam os sermões dos «hippies» acerca do amor entre os homens. Os seus princípios são simples: mantenham-se unidos, vistam-se da mesma maneira.

Na Grã-Bretanha, tanto os «hippies» como os «anjos do inferno» são grandemente imitados dos cultos que floresceram primeiro nos Estados Unidos. Os «cabeças rapadas» parecem ser um fenómeno nativo espontâneo.

Os «anjos do inferno» têm uma estrutura pormenorizada de organização e ritos de iniciação. Um membro em perspectiva recebeu ordem para entrar dentro de um restaurante com um pombo vivo, cortar-lhe a cabeça e comê-la.

Urinar sobre um aspirante a membro da seita é outro costume algumas vezes aplicado entre os «anjos do inferno».

Ao contrário dos «hippies» e dos «anjos do inferno», os «cabeças rapadas» provêm quase exclusivamente da classe trabalhadora. Não pretendem desprezar a sociedade e a maioria deles são operários empregados de pequena categoria.

TREMOR DE TERRA NOS E. U. A.

CINCINNATI (Ohio), 20 — (R.) — Um abalo tectónico, de intensidade relativamente moderada, foi sentido a noite passada numa área abrangendo oito Estados, fazendo estremecer as janelas e o mobiliário e provocando centenas de telefonemas para a Polícia, jornais e postos de Rádio e de Televisão. Não foram anunciadas vítimas.

O terramoto, registado no observatório sísmológico da universidade de Xavier, nesta cidade, tinha o seu epicentro, segundo se julga, na zona sul central da Virgínia ocidental, a cerca de 700 quilómetros de Cincinnati.

Além da Virgínia ocidental, o sismo foi sentido no sul de Ohio, Kentucky, Pensilvânia, Tennessee, Geórgia, Carolina do Norte e do Sul.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

DIVORCIADOS E SEUS PROBLEMAS

por Antónia de Sousa



Não há regras para o divórcio, que tanto pode acontecer nos primeiros anos do casamento como após longo tempo de uma união que parecia estável. O período que vai dos quarenta aos cinquenta anos, tanto no homem como na mulher, é considerado o mais perigoso para o naufrágio dos casamentos.

3

— O MEU MARIDO era alcoólico e mentiroso. Mas a razão principal que me levou à separação foi a mentira. Gostava suficientemente dele para suportar o alcoolismo, mas não lhe podia suportar mentiras constantes! Aterrorizava-me a ideia de que a minha filha iria ser também mentirosa! A mentira e o alcoolismo não eram, porém, motivos bastantes para obter a separação judicial. Tive então de alegar maus tratos e abandono do lar, o que era mentira. Eu é que saí de casa... Quanto aos maus tratos, foi apenas isto: tivemos um dia uma questão em que eu fui muito mais malcriada do que ele e durante a qual me deu uma bofetada, mas depois até se fartou de me pedir desculpa...

A sr.^a X, de quem já falámos, com o estado civil de separada judicialmente, equacionava com a sua experiência um dos aspectos da dissolução do casamento, para o qual a leitura da estatística nos chamara já a atenção: a fraude processual voluntária das partes, que nas acções de divórcio ou separação litigiosas acordam ou invocam determinados motivos para apressar ou conseguir a sentença de divórcio ou separação litigiosas, quando têm interesse em retomar rapidamente a sua liberdade.

O DIVÓRCIO POR MUTUO CONSENTIMENTO

A propósito, durante o debate acerca do Projecto do recente Código Civil, agora em vigor, e rebatendo a eliminação do divórcio por mutuo consentimento o dr. Magalhães Godinho serviu-se do exemplo da França para dizer:

«Mas não ignoramos quanto se tem clamado em França pelo facto de não estar restabelecido o divórcio por mutuo consentimento, precisamente porque a sua inexistência tem dado lugar a muita frau-

de processual nos divórcios litigiosos. Com efeito, há casos em que a vida em comum se tornou absolutamente impossível entre os cônjuges, que já não sentem um pelo outro qualquer amor ou sequer um sentimento de afecto e para os quais a vida em comum deixou de ter qualquer significado. Como, porém, nenhum dos cônjuges tem fundamento legal para requerer o divórcio litigioso, por não se verificar alguma circunstância que o permita, e como não existe o divórcio por mutuo consentimento, o que acontece é que estes cônjuges, para dissolverem o seu casamento, concluíam-se, inventam um fundamento legal — regra geral o adultério do marido — e arranjam duas ou três pessoas que se dispõem, mesmo sabendo que vão mentir, a ir ao tribunal testemunhar os factos de que há-de resultar a prova do adultério, e, assim, surgem as falsas acções de divórcio litigioso, as fraudes processuais.»

ENTREVISTA COM O DR. ALMEIDA RIBEIRO

Para melhor esclarecer este aspecto do problema (o dolo processual nos divórcios litigiosos), procuramos o dr. Angelo de Almeida Ribeiro, vogal do Con-

selho Distrital de Lisboa da Ordem dos Advogados que nos disse:

— Nos divórcios não contestados está-se muitas vezes perante um acordo dos dois cônjuges, em que normalmente se procurou um fundamento não infamante.

Nos divórcios contestados, precisamente porque o clima em que decorre o desenvolvimento do processo é um clima diferente, um clima de irritação, é que a acção toma um carácter mais desagradável a ponto de se virem a focar aspectos da própria intimidade sexual, que deveriam ser remetidos para uma mútua reserva e mútuo respeito pela vida íntima e privada dos dois.

Compete ao advogado consciente dos seus deveres e probidade profissional, evitar que sejam extravasados para o papel selado esses lamentáveis segredos de alcova. Portanto, nas acções não contestadas deve procurar-se um fundamento mais ou menos anónimo para não deixar feridas que nunca mais cicatrizam. Aquilo que se diz debaixo do domínio da pugna judiciária deixa, nos dois protagonistas, feridas difíceis de sarar.

O ideal seria restaurar o divórcio por mutuo consentimento, encurtando-lhe os prazos, de modo a poder resolver-se no mesmo período de tempo do divórcio ou separação não contestados, que normalmente se resolve em três ou quatro meses.

Quando desapareceu o divórcio por mutuo consentimento — continuou o dr. Almeida Ribeiro — aumentou o número de divórcios litigiosos não contestados, por prévio entendimento entre os litigantes. Todos os tribunais se apercebem desse pequeno «dolo processual», mas os próprios juizes preferem-no ao estendal degradante de razões lançadas com

O DOLO PROCESSUAL NOS DIVÓRCIOS LITIGIOSOS

maior ou menor violência por um cônjuge ao rosto e dignidade do outro.

SERÁ ADMISSÍVEL O DOLO PROCESSUAL?

Ao referir os motivos que podem tornar admissível o «dolo processual», afirmou-nos o dr. Almeida Ribeiro que muitas vezes, é escolhido um fundamento não rebarbativo em atenção aos filhos, para que não venham a ter acesso ao processo e tomem conhecimento de uma sentença que lhes comprove oficialmente que têm de envergonhar-se do comportamento materno.

A haver estes escrúpulos, como se explica, pergun-

Respondeu-nos o dr. Almeida Ribeiro:

— De certeza não é por a mulher ser um ente mais adúltero do que é o homem. Na nossa moral social considera-se o adultério da mulher mais grave do que o adultério do homem, sobretudo por causa das consequências quanto a possíveis filhos. Eu não creio que o adultério seja mais fácil de cometer pela mulher do que pelo homem, dada a nossa estrutura social e até porque no consenso geral o adultério do homem longe de constituir um crime, é considerado por muitos como uma manifestação de virilidade, de facto mais aparente do que real, uma vez que não é nesse plano

que esses casos que surgiram foram movidos pelo mando contra a mulher que já vivia numa situação irregular e que esta nem sequer teve coragem para impugnar o invocado fundamento da acção.

Nota-se nos tribunais certa tendência, quando as acções são contestadas e nelas se invoca o adultério da mulher, a não dar como provado esse fundamento.

Os tribunais têm certa tendência para impedir que a mulher fique com o labéu de adúltera num documento oficial, como é uma sentença, a não ser nos casos muito escandalosos de prova muito flagrante. Preferem julgar procedente qualquer outro fundamento menos rebarbativo para que essa nódoa não persiga a mulher durante a vida. E então preferem dar como provado quaisquer outros factos mais «suaves», mas que sejam fundamento para decretar a separação ou o divórcio.

HAVERÁ REGRAS PARA O DIVÓRCIO?

— Não há regras para o divórcio ou separação — disse-nos o dr. Almeida Ribeiro. — No presente momento, tenho dois casos entre mãos, em que, num caso, os cônjuges viveram apenas quarenta e dois dias em comum, e passaram duas ou três noites de vida conjugal para criar entre eles uma incompatibilidade irreductível. No outro caso, ambos os cônjuges em vias de divórcio têm setenta e cinco anos, e meio século de vida em comum. Em qualquer circunstância ou idade podem surgir problemas que perturbem a normalidade do casamento.

Neste último aspecto, sou partidário de uma legislação como a de alguns países estrangeiros, que proibem o divórcio depois de vinte e cinco anos de vida em comum. Reconheço, porém, que o período pior é entre os quarenta e os cinquenta anos, em que o homem e a mulher são atacados pelo «demon do midi», em que há um período de mudança de idade, que é válido para qualquer dos cônjuges.

PENSÃO DE ALIMENTOS COMO CASTIGO

Acerca da pensão de alimentos disse-nos, a termi-

(Continua na 16.ª página)



As crianças precisam, para o bom desenvolvimento psicológico, que os pais se encontrem juntos; mas tantas vezes é mais benéfico a separação efectiva do casal, evitando à criança o traumatismo de uma situação de desentendimento constante.

támos nós ao dr. Almeida Ribeiro, a elevada percentagem de sentenças de divórcio proferidas com base no adultério da mulher, quando a percentagem de divórcio por adultério do homem foi, ao longo de cerca de vinte anos, segundo os dados estatísticos que recolhemos, muito menor?

que os homens se devem afirmar, mas sim noutros aspectos mais válidos da vida.

Em todo o caso, nos países latinos e arabizados como foi o nosso, as concepções do adultério de um ou de outro cônjuge são diametralmente opostas.

O que pode acontecer é

DIVÓRCIOS POR ADULTÉRIO

Anos	1942	1945	1950	1955	1960	1965
Adultério da mulher	221	307	269	178	98	117
Adultério do marido	137	169	271	125	56	65

ECOS

UM intelectual norte-americano, Marvin Gascon, escreve esta frase de terrível advertência: «Somos como grandes icebergues: quando estes penetram em correntes de água quente, começam a fundir por baixo, até que o cimo se desequilibra e cai com grande estrondo.»

COM o título «Ensaio sobre Cultura e História» reuniu Armando Castro um punhado de textos muito valiosos, que confirmam a sua presença de medievista e probo investigador naquilo que se pode chamar a universidade fora da universidade e, ao mesmo tempo, no-lo apresentam como ideólogo que reflete, com uma perspectiva futurante, sobre temas de tão amplo espectro e pronunciado interesse como «Ciência, técnica e cultura», em vivo contacto com a juventude universitária. Afirma Armando Castro que a história do conhecimento científico tem de estar presente na consciência do cientista esclarecido dos nossos dias. «O avanço deste conhecimento tem implicado a descoberta de características e de relações determinantes, isto é, de leis que explicam os fenómenos observados; mas descoberta essa que no seu progresso há-de formular esses caracteres e essas leis com grau de generalidade tal que explique efectivamente com largueza cada vez maior os

traços concretos da respectiva realidade. É por isso que a história da Ciência deve ocupar no ensino superior um lugar insubstituível (...) Mas será insuficiente que revista carácter meramente descritivo, pois o descritivo é apenas o superficial — é indispensável que se extraíam os diversos ensinamentos que tal história comporta.»

A indústria de máquinas-ferramentas é indispensável a um aumento permanente da produtividade, especialmente no que respeita ao ramo da metalomecânica. Na República Democrática Alemã, a produção neste domínio excede já o valor de mil milhões de marcos e espera-se que duplique nos próximos anos. Mais de dois terços desta espantosa produção destinam-se à exploração. Assim se compreende que a R. D. A. tenha conquistado já o terceiro lugar na escala mundial dos países exportadores de máquinas-ferramentas (nada menos de 125 000 máquinas-ferramentas de alta produtividade exportadas por trinta países). O êxito do trabalho colectivo socialista que permitiu chegar a estes resultados deve-se tanto ao esforço operário como a uma apurada e inerelementada investigação científica, que os visitantes da Feira de Leipzig no ano corrente puderam observar e testemunhar.

Dirigentes brasileiros visitam obras de rega em Portugal

Chegam esta noite a Lisboa os srs. dr. Santa Cruz, superintendente do Vale de São Francisco — Salvale (entidade do Governo Federal que promove e executa os estudos e obras de desenvolvimento desse grande rio brasileiro) e o coronel Jader de Carvalho, secretário executivo da Geida (Gabinete Interministerial para a coordenação dos projectos de irrigação e desenvolvimento agrícola). Os dois dirigentes de organismos federais brasileiros têm andado pela Europa em visita a obras de rega, institutos de investigação no domínio do fomento e gabinetes de projectos, tendo permanecido alguns dias em Inglaterra, Espanha e Itália. Em Lisboa, visitarão entidades oficiais e o gabinete de estudos que está realizando projectos de rega para o Brasil, fazendo também visitas a obras de hidráulica agrícola portuguesa. Amanhã, à tarde, farão, na Associação Industrial Portuguesa, às 16 e 30, uma exposição sobre os planos de obras de rega e fomento agrícola que o Governo Federal do Brasil tem em execução e em estudo.

Arrasada por um ciclone a sede da circunscrição de Mecufi (Moçambique)

MECUFI (Moçambique), 20. — (L.) — Violento ciclone arrasou esta madrugada a sede da circunscrição de Mecufi, no distrito de Cabo Delgado, a cerca de cinquenta quilómetros de Porto Amélia. A única casa que ficou de pé foi a dos chefes da secretaria e da administração. O ciclone, que soprou des-

OS DIREITOS DA CRIANÇA EVOCADOS EM PORTUGAL NO X ANIVERSÁRIO DA «DECLARAÇÃO» QUE OS

Faz hoje dez anos que foi publicada, por iniciativa da UNESCO, a Declaração dos Direitos da Criança, que condensa exemplarmente os deveres de todos os homens para que o desenvolvimento das crianças se realize em ambiente de amor e compreensão e em condições de dignidade e liberdade.

Dentro do programa das comemorações da efeméride, em Portugal, haverá hoje às 21 e 30, um Colóquio no Centro de Assistência de Moscavide, em que intervêm Dulce Rebelo.

Também no Liceu Charles Leprieux se evocaram os di-

reitos da criança a propósito do X aniversário da «Declaração». Foi ali inaugurada uma exposição bibliográfica, seguindo-se a recitação de poemas sobre a criança, por Alice Gomes, e um colóquio orientado pelo dr. João Roberto, do Instituto Técnico de Alimentação Humana. A sessão termina com a exibição de filmes sobre a criança.

Para amanhã estão previstos os seguintes actos: às 21 horas, no Centro Espanhol, colóquio em que intervêm João dos Santos, José Tergaminha, Lúcia da Fonseca e Lindley Cintra; e às 21 e 30,

na Cooperativa Pedene, colóquio dirigido por Rogério Fernandes.

No sábado, será inaugurada uma exposição de livros infantis na Sociedade Nacional de Belas-Artes; às 15 e 30, no Centro Social do Beato, haverá representação pelo Teatro de Branca Flor, de Lúcia da Fonseca; às 16, na Livraria Quadrante, colóquio com crianças, orientado pelo nosso camarada de redacção, escritor Mário Castanheira; às 21 e 30, nas Belas-Artes, colóquio orientado por Luís de Carvalho e Oliveira, Margarida Mendo e Rui Grácio.

No domingo, haverá Grupo, nense, Cine-Clube, Branca, cial de

Em SAMO Realiza-se a 1.ª edição do Festival de Pedagogia, com a participação de pedagogos de todo o país. O festival é organizado pelo Conselho Nacional de Pedagogia, com a colaboração de todos os departamentos de Pedagogia das universidades portuguesas.

Declaração dos Direitos da Criança

É o seguinte o texto da Declaração dos Direitos da Criança:

- 1 — A criança gozará dos direitos anunciados nesta Declaração. Estes direitos serão reconhecidos a todas as crianças sem excepção alguma nem distinção de raça, cor, sexo, idioma, religião, opiniões políticas ou de outra índole, origem nacional ou social, posição económica, nascimento ou outra condição, quer da própria criança como da sua família.
- 2 — A criança gozará de uma protecção especial e disporá de oportunidades e serviços, dispensados pela lei e outros meios, para que possa desenvolver-se física, mental, oral, espiritual e socialmente de forma saudável e normal, assim como em condições de liberdade e dignidade. Ao promulgar leis com este fim, a consideração fundamental a que se atenderá será o superior interesse da criança.
- 3 — A criança tem direito desde o nascimento a um nome e a uma nacionalidade.
- 4 — A criança deve gozar dos benefícios de segurança social. Tem direito a crescer e a desenvolver-se com boa saúde; nesta perspectiva deverá proporcionar-se, tanto a ela como a

sua mãe, cuidados especiais, incluindo tratamento pré-natal e pós-natal. A criança terá direito a desfrutar de alimentação, casa, recreio e serviços médicos adequados.

5 — A criança física e mentalmente diminuída ou que sofra alguma deficiência social deve receber o tratamento, a educação e os cuidados especiais que requer o seu caso particular.

6 — A criança para o pleno e harmonioso desenvolvimento da sua personalidade, precisa de amor e compreensão. Sempre que seja possível deverá crescer sob o amparo e responsabilidade dos seus pais e, em qualquer caso, num ambiente de afecto e segurança moral e material, salvo circunstâncias excepcionais, a criança de tenra idade não deve ser separada da sua mãe. A sociedade e as autoridades públicas têm a obrigação de cuidar especialmente das crianças sem família ou que careçam de meios necessários de subsistência. Para a manutenção dos filhos de famílias numerosas convém conceder subsídios estaduais ou de outra índole.

7 — A criança tem direito a receber educação, que será gratuita e obrigatória pelo menos nos graus elementares. Dar-se-lhe-á uma educação que favoreça a sua cultura geral e lhe permita, em condições de igualdade de oportunidades, desenvolver as suas aptidões e o seu juízo individual, o seu sentido de responsabilidade moral e social e chegar a ser um membro útil da sociedade. O superior interesse da criança deve ser o primeiro directivo de quem tem a responsabilidade da sua educação e orientação; esta responsabilidade cabe, em primeiro lugar, a seus pais. A criança deve desfrutar plenamente de jogos e recreações, os quais devem ser orientados para os fins em vista pe-

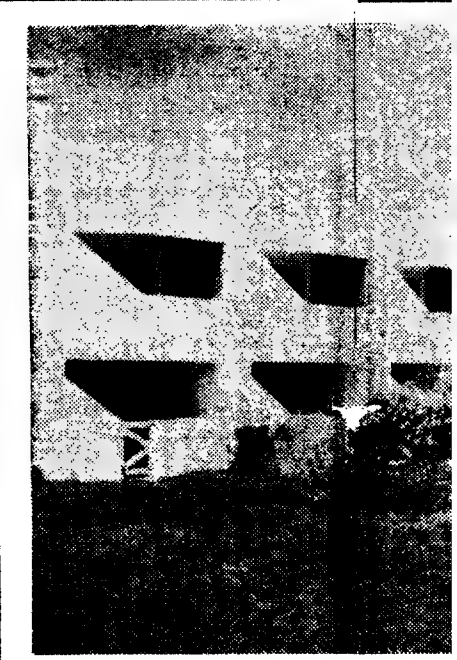
la educação; a sociedade e as autoridades públicas esforçar-se-ão para promover o gozo destes direitos.

8 — A criança deve, em todas as circunstâncias, figurar entre os primeiros que recebem protecção e socorro.

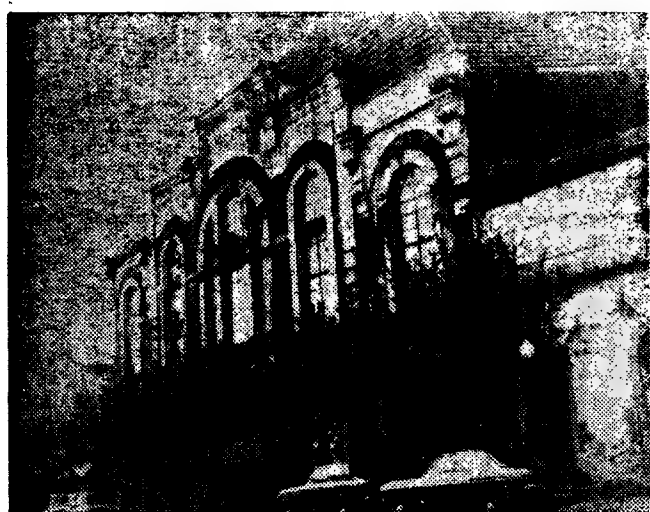
9 — A criança deve ser protegida contra toda a forma de abandono, crueldade e exploração. Não será objecto de nenhum tipo de tráfico.

Não deve permitir-se a criança trabalhar antes da idade mínima adequada, em nenhum caso será permitido, que se dedique a ocupação ou emprego algo que possa prejudicar a sua saúde e impedir o seu desenvolvimento físico, mental e moral.

10 — A criança deve ser protegida contra as práticas que podem fomentar a discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra índole. Deve ser educada num espírito de compreensão, tolerância, amizade entre os povos, paz e fraternidade universal, com plena consciência de que deve consagrar as suas energias e aptidões ao serviço dos seus semelhantes.



Aspecto d



O velho Avenida Teatro de Viseu

VENDIDO O ANTIGO TEATRO DE VISEU

WISEU, 20 — O velho Avenida-Teatro, desta cidade, após uma longa vida cheia de iniciativas interessantes e de tradições, e depois de, nos últimos tempos, ter passado por imensas dificuldades, estando o prédio hipotecado a favor do «Crédito Popular»,

acaba de ser vendido à firma José dos Santos (Sena), desta cidade.

O preço de venda do imóvel foi, segundo consta, de 1700 contos, e ao que parece no seu local vai erguer-se um grande prédio de rendimento. Entretanto, a cidade continua sem ter uma boa e moderna casa de espectáculos, como se impõe. E, que se saiba, nem sequer há o projecto de a construir...

CHOCOLATES TAGHES
FABRICA - LISBOA - QUELUS

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Curiosidade da
GUIA
...GARANTIA DE PROBIIDADE
E COMPETENCIA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)



Pasta Medicinal Couto

Evita e trata
doenças da boca

PORQUE É MEDICINAL

IANÇA TUGAL OS CONDENSE

No domingo, às 10 e 30, haverá sessão de cinema no Grupo Desportivo Sacavenense, com a colaboração do Cine-Clube Imagem; às 15 e 37, representação do Teatro Branca Flor, no Centro Social de Beato.

Em Samora Correia
SAMORA CORREIA, 20 — No sábado, pelas 16 horas, realiza-se na sede da Sociedade Filarmónica União Samorense, por iniciativa conjunta da secção musical e pedagógica daquela colectividade, da Ludus e da Biblioteca Fixa n.º 2 da Fundação Gulbenkian, uma festa comemorativa da Declaração e dedicada às crianças.

Haverá demonstração de teatro de marionetes, faladas, manejadas pelas próprias crianças, com a colaboração de algumas crianças da Escola Francisco Arruda, de Lisboa.

Na parte musical, serão os aprendizes das Aulas de Música da Sociedade Filarmónica União Samorense, quem interpretará pequenas peças a solo, em flauta, requinta, clarinete, saxofone e trompete.

Ainda na parte musical e com a colaboração do compositor Manuel Leonídio Benvenente, serão interpretadas músicas populares, em flauta de cana, que usam os pastores. Serão feitas ainda leituras de poesias e histórias infantis, por senhoras ligadas à vida cultural da colectividade.

A sala estará decorada com desenhos infantis, trechos da Declaração dos Direitos da Criança, listas de nomes de autores portugueses que têm escrito para as crianças, desde os antigos aos modernos, etc.

Nas vitrinhas de diversos estabelecimentos há motivos alusivos à festiva data.

Igualmente a Biblioteca Fixa 2 da Gulbenkian, instalada na sede da União Samorense, mantém uma pequena exposição até ao fim do ano, com distribuição da Declaração dos Direitos da Criança por todas as pessoas ligadas ao Ensino e à Educação, interessadas em conhecer o conteúdo do histórico documento.



Este restaurante, em Armação da Pera, abriu falência. Tinha uma linda vista sobre o mar...

SUL COM NORTE? (2)

ONDE SE PRETENDE INTEGRAR O TURISTA NA CASA PORTUGUESA

por PEDRO ALVIM

O Algarve não pode ser transformado numa feira de hotéis, motéis e esplanadas. Não é só chegar ali um capitalista, construir uma unidade hoteleira e esperar que os turistas a ocupem. Não vale dizer através de uma propaganda colorida que este ou aquele hotel é o melhor de todo o Algarve. O que interessa, verdadeiramente, é uma política de unidade hoteleira. «Uma política de mãos dadas» — como disse alguém no colóquio sobre turismo efectuado no Motel Alagoas

Quer-nos parecer que os propósitos da Imobiliária Construtora Grão-Pará, possuidora já daquele excelente motel (vila de Lagoa) e de uma cadeia de moradias na Praia do Carvoeiro (Solférias), são, em princípio, aceitáveis.

Tenta-se, com semelhantes unidades atrair os turistas estrangeiros da classe média. Soluções de luxo foram postas de parte: riscou-se o mármore e o granito. Optou-se pela cal, pelo lajedo, pelos motivos regionais. Assim se pretende integrar o turista na região. Admira os objectos

baraços. Ora vamos lá raciocinar...

Destinam-se as unidades da Grão-Pará à classe média estrangeira. Essa classe média pagará, segundo tabelas já estabelecidas, quantias semanais que vão até quatro mil escudos nos meses de Julho, Agosto e Setembro; um pouco menos em Maio e Junho cerca de três contos em Abril e Outubro; e, finalmente, dois mil e quatrocentos escudos a dois mil e novecentos escudos nos restantes meses. Estes preços, note-se, não incluem qualquer refeição.

Partindo do princípio de que o turismo é o abraço de um povo a outro povo, como será possível, perante estas somas, a confraternização da classe média portuguesa com a classe média estrangeira?

Afirmou-se, no já mencionado colóquio, sob a presidência do prof. Martinho Nobre de Melo «que os investidores da Grão-Pará têm direito a lucros». Claro: quem investe quer rendimento. Só que

talvez interessasse a esses investidores um melhor conhecimento da realidade portuguesa. Ou não? O leitor que dê a resposta.

Aliás, numa outra ordem de ideias, um jornalista houve que fez a seguinte pertinente pergunta:

— Caso conheçam a falta de infra-estruturas turísticas na região algarvia, os investidores do Grão-Pará não serão ingénuos?

A pergunta não teve uma resposta directa. Afirmou-se, todavia, que «há dois anos que o Algarve apanha pancada». Nesse espaço de tempo, «52 firmas abriram falência». Disse-se, ainda, que «a banca portuguesa deveria conceder empréstimos a longo prazo. Declarou-se finalmente, que «os investidores estrangeiros desistiram do Algarve se o capital investido não proporcionasse lucros». A ingenuidade, portanto, tem os seus limites...

— Seja como for — acentuou-se — este Motel Alagoas é um motel piloto. É o primeiro de uma cadeia de motéis no nosso País, motéis que serão construídos no litoral e junto das auto-estradas. Motéis na costa e na fronteira. Motéis destinados a facilitar a acomodação em Portugal dos turistas estrangeiros pertencentes à classe média...

O general França Borges em Buenos Aires

BUENOS AIRES, 20 — (A. N. I.) — O general França Borges, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, está de visita a Buenos Aires, como hóspede de honra oficial desta cidade.

França Borges é uma delegação de nove elementos da Câmara Municipal irão para Santiago do Chile, na terça-feira, a fim de participarem no V Congresso Hispano-Luso-Americano-Filipino de Municipios, de 21 a 29 de Novembro.

A representação da cidade de Lisboa chegou no domingo a Buenos Aires e, ontem, visitou, na costa do Oceano Atlântico, a estância de veraneio de Mar del Plata.

Figuram na delegação portuguesa o dr. Henrique Mar-

tins Gomes, director dos Serviços Culturais, o dr. Manuel dos Santos Ferreira, director dos Serviços Financeiros, Cl-ro de Oliveira Pinto, director de Urbanização e Obras, Jorge Carvalho de Mesquita, director do Gabinete Técnico de Construção, Manuel da Costa Lobo, professor do Instituto Superior Técnico, e Vasconcelos Porto, da Junta dos Portos.

Prendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OUIVESARIA DA MODA RUA DA PRATA, 257

Novo CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 AS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

DANY DANIELLE
VEGETA DA
CANÇÃO FRANCESA

MARISKA
ANTIPODISMO E FANTASIA

MARIA DA FE

DORISS DANCERS
DO "MOULIN ROUGE" DE PARIS

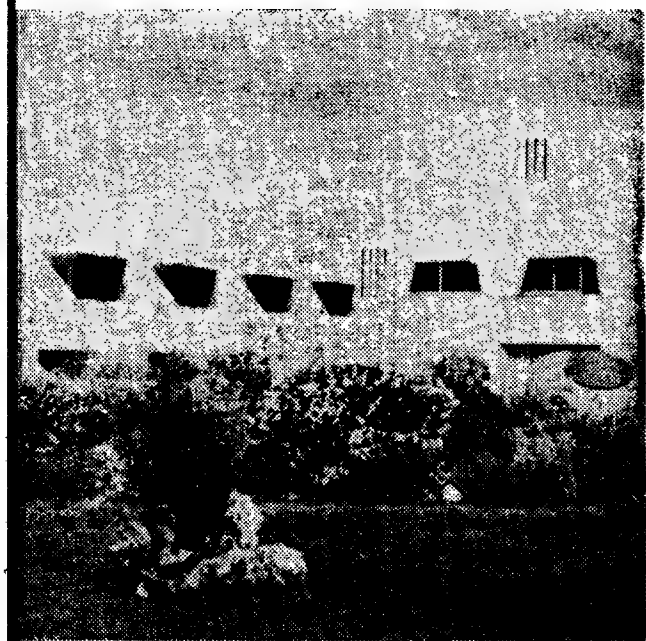
"OS ROCK'S"
CONJUNTO DE **BOBBY CAMPOS**
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

AMYRA
SO NO WONDER BAR

No cinema, às 17 e 21.30 h.

UM DÓLAR FURADO
(M. 17 anos)



pecto do motel piloto construído na vila de Lagoa

MEDICINAL

loais, come a comida local, bebe o vinho local...

Mas...

Mas acontece uma coisa que, no plano interno, não deixa de ser bastante em-

20/XI/1944

20/XI/1969

Meia de Vidro

Pela passagem de mais um aniversário, cumprimenta e agradece a todos os seus Ex.^{mos} clientes e amigos, assegurando-lhes a continuação de bem servir.

ATRASO DE UM ANO NO PROGRAMA ESPACIAL RUSSO

WASHINGTON, 20 — (A. N. I.) — A União Soviética está atrasada em mais de um ano, no que respeita à descida do homem na Lua, devido à grande explosão numa rampa de lançamento, registada no Verão passado — afirma uma re-

vista de assuntos espaciais, a «Aviation Week and Space Technology». No seu último número, afirma que um protótipo de foguetão, no valor equivalente a cerca de setecentos mil contos, explodiu durante as operações de

lançamento, em Tyuratam. Essa explosão — acrescenta a revista — «fez peregrinar o programa de exploração e de alunagem tripulada por isso não se prevêem para o ano de 1970 experiências russas de descidas tripuladas na Lua».

Os cosmonautas russos tinham-se referido em Junho a uma descida soviética na Lua, possível no fim do ano. Segundo um

—segundo uma revista americana

informador, que segue atentamente o programa russo de exploração do espaço, o programa lunar da U. R. S. S. «está definitiva-

mente fora de questão», o que não confirma nem desmente a notícia da revista. A agência U. P. I. noticiou de Moscovo, a 4 de Julho, que dois foguetões não tripulados russos tinham explodido nas suas rampas de lançamento, malogrando-se as diligências soviéticas para se obterem amostras do solo lunar.

Os cosmonautas soviéticos, interrogados então acerca desta notícia, recusaram-se a confirmá-la ou a negá-la. Mas alguns peritos espaciais ocidentais, que se encontravam em Moscovo, afirmaram que a notícia era exacta.

Um desses peritos, interrogados acerca das malogradas diligências russas, replicou: «Nada falhou. Rebentaram ainda na rampa de lançamento».

«Esta explosão e os casos políticos respeitantes ao conflito sino-soviético concorreram para a demora dos planos de exercícios espaciais relacionados com a M. O. P. (palavra formada com as iniciais de «Plataforma Orbital Tripulada», em inglês) marcados para os fins de 1969 e princípio de 1970», informa ainda a revista «Aviation Week».

CONFISSÃO!!



Ficámos para trás...
...ainda
não operamos
na Lua.



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

A SEGUNDA ALUNAGEM VISTA DA TERRA

HAMBURGO, 20 — (F. P.) — Embora o 19 de Novembro seja um dia de festa religiosa nas áreas de predominância protestante, os fiéis foram menos numerosos nas igrejas. As ruas das cidades estiveram por assim dizer desertas à hora em que Conrad colocou os pés na Lua. O consumo de electricidade aumentou súbitamente.

Segundo uma sondagem de opinião pública, 82 por cento dos adolescentes e adultos tinham declarado querer ver a alunagem na televisão, ou seja 10 por cento menos do que no primeiro desembarque na Lua.

CONVITE

BONN, 20 — (F. P.) — Este segundo desembarque é um convite para a Europa não se deixar distanciar e organizar o seu potencial científico e técnico, declarou Walter Scheel que teve palavras de homenagem à «colossal precisão técnica e científica» da missão Apollo-12.

A TV CHECA TRANSMITIU EM DIRECTO

VIENA, 20 — (F. P.) — A Televisão checoslovaca retransmitiu em directo as imagens transmitidas da Lua pelos cosmonautas... até à avaria da câmara.

Os telespectadores austríacos por sua vez puderam ver as imagens coloridas da Lua, e os cafés e lojas com receptores a cores estavam cheios.

A Surveyor 3 assemelha-se a um LEM em miniatura

HOUSTON, 20. — (F. P.) — A Surveyor 3, a 180 metros da qual a Apollo 12 desceu ontem a leste do Oceano das Tempestades, alunou em 20 de Abril de 1967.

Esta sonda automática cujos principais elementos Charles Conrad e Alan Bean trarão para a Terra, tirou 7315 imagens do panorama lunar. Por outro lado a sua minúscula escavadora telecommandada abriu no solo lunar um sulco de 15 centímetros de profundidade.

Pesando mais de 900 quilos ao ser lançado de Cap Kennedy, este veículo não excede os 280 quilos, na sua forma actual de carcaça metálica que se assemelha a um «LEM» em miniatura.

A Surveyor 3 e, consequentemente o módulo lunar Intrepid encontram-se a uns 112 quilómetros a sueste e a 90 quilómetros a nordeste dos Montes Rhipaeus. O maior vulcão das imediações é Frau Mauro a uns 80 quilómetros para sueste.



BARBARA GORDON, SUE BEAN E JANE CONRAD, as mulheres dos astronautas que constituem a tripulação da Apollo-12. Barbara, Sue e Jane têm seguido, desde o primeiro instante, todos os momentos da viagem da Apollo. Quando Conrad e Bean, a bordo do «Intrepid», pousaram na Lua, suas esposas, em Terra, «saltaram» de alegria, por saberem que tudo tinha corrido bem até ali.



As mulheres dos astronautas vivem também a hora lunar

HOUSTON, 20. — (F. P.) — As mulheres dos três astronautas da Apollo-12 seguem de perto a acção dos maridos e vivem como eles a hora lunar. Avidas de notícias, escutam directamente as conversas com a Terra, as quais, na maior parte dos casos são trocadas quando é noite nos Estados Unidos.

Barbara Conrad, Jane Gordon e Sue Bean declararam ontem que tinham ficado decepcionadas com a avaria da câmara, que devia transmitir as imagens televisadas dos dois lunasutas, e escutaram atentamente todas as trocas de palavras entre Conrad e Bean, durante a primeira excursão lunar e as afirmações de Richard Gordon, que só aos comandos da cabina-mãe continua a rodar em torno da Lua esperando pelos seus dois companheiros. «Pete está de tão bom humor como de costume. Não mudou nada», declarou a sr.^a Conrad.

«Allen fala com uma voz segura», disse a sr.^a Bean. «Pelo tom de voz vejo que está tudo a correr bem». No entanto, a sr.^a Gordon declarou que o marido lhe tinha parecido taciturno: «Não é bem ele, mas sei que não é nada de graves».

Recorda-se que Gordon não escondeu a sua tristeza por não poder também pou-

sar na Lua e lamentou que as suas qualidades de piloto tenham feito com que a NASA lhe confiasse a missão de guarda dos seus companheiros.

Depois de terem ido para a cama na quinta-feira de manhã no momento em que os cosmonautas regressaram ao Lem as três mulheres acandaram a noite, ao mesmo tempo que os maridos, para escutarem bem as peripécias da segunda saída para a Lua.

Hábitos terrestres...

HOUSTON, 20. — (R.) — Os hábitos terrestres são difíceis de quebrar, mesmo para os astronautas na Lua.

Alan Bean esquecendo-se por momentos que estava completamente isolado pelo vácuo, soprou para a caixa das amostras para tentar tirar a poeira que a cobria.

QUADRO COMPARATIVO DAS DUAS MISSÕES LUNARES AMERICANAS

HOUSTON, 20. — (F. P.) — Quadro comparativo das duas missões lunares americanas Apollo 12 e Apollo 11:

— Duração total da missão (do lançamento até ao regresso à Terra): Apollo 12, dez dias e quatro horas e meia (14 de Novembro a 24 de Novembro); Apollo 11, oito dias e três horas (16 de Julho a 24 de Julho).

— Área de alunagem: Apollo 12, Mar das Tempestades, a 1536 m do ponto de alunagem do módulo da Apollo 11; Apollo 11, Mar da Tranquilidade.

— Duração da permanência na Lua: Apollo 12, trinta e uma horas e meia; Apollo 11, vinte e duas horas e meia.

— Numero de passeios lunares: Apollo 12, dois (o primeiro de três horas e 42 minutos e o segundo de três horas e 15); Apollo 11, um (duas horas e 14).

— Distância máxima a que os astronautas se afastaram: Apollo 12, uma quilómetro; Apollo 11, 75 metros.

— Aparelhos científicos colocados na Lua: Apollo 12, seis; Apollo 11, três.

— Transmissões de TV: Apollo 12, a cores (falhou ao fim de 45 minutos); Apollo 11, transmissão a preto e branco, sem interrupções.

POEIRA NEGRA É FINA COBRE O MAR DAS TEMPESTADES

HOUSTON, 20. — (F. P.)

— Tão fina como o pó-de-arroz, mas preta como pólvora para canhão, a poeira levantada pela alunagem do «Intrepid» maculou rapidamente a brancura dos escafandros de Charles Conrad e Alan Bean, bem como os sacos de plástico onde guardam as amostras de «pedras lunares» e todos os instrumentos científicos do ALSEP que, entretanto, foram instalados no solo.

«Quando um de nós se move, mesmo que seja pouco, a poeira levanta-se rapidamente e cai sobre nós

Tudo o que toca no chão fica rapidamente coberto de poeira», declarou Charles Conrad durante a sua primeira saída. A câmara de televisão também ficou coberta de poeira, mas não parece que isso tenha sido a causa da interrupção da transmissão directa do segundo desembarque humano na Lua.

Parece que a poeira do Mar das Tempestades é bastante mais fina do que a do Mar da Tranquilidade, onde foi efectuado o primeiro desembarque. No entanto, Conrad e Bean não sentem qualquer sensação de perigo. Desde a primeira missão lunar que os selenólogos tinham avisado os astronautas do risco de colocarem um aparelho pesado, como é o módulo lunar, numa superfície coberta por uma grande camada de poeira.

O sector está cheio de crateras, pequenas e grandes, mais numerosas do que na região onde desceu a «Águia» da Apollo-11, em 20 de Julho. Os peritos pensam que o bombardeamento de meteoritos deve ter sido mais intenso neste local e aguardam a possibilidade de examinar e analisar a poeira.

Os astronautas percorreram 1800 metros

HOUSTON, 20. — (F. P.)

— O segundo passeio lunar durou três horas e 45 minutos. Conrad e Bean percorreram nesta segunda saída uma distância total de 1 quilómetro e 300 metros.

No caminho de regresso ao «Intrepid», os cosmonautas tiraram mais algumas fotografias, ao mesmo tempo que recolhiam outras amostras do solo lunar, catalogando-as e dando referências ao centro espacial de Houston. Hoje recolheram 24,49 kg que se juntam aos 19 kg de rochas apanhadas ontem.

Atmosfera lunar

HOUSTON, 20. — (F. P.) — Menos de uma hora antes do início do segundo passeio lunar de Conrad e Bean, a N. A. S. A. anunciou que um dos aparelhos do «Alsep», o pequeno laboratório científico montado pelos dois astronautas, revelou a existência de uma «atmosfera lunar» cuja densidade seria a milésima parte da que existe na Terra.

Todavia, antes de tirar conclusões, os cientistas da agência espacial norte-americana pediram a Conrad e Bean que verificassem o funcionamento de todos os aparelhos do «Alsep», para confirmarem se funcionavam bem.

Entre as novas actividades a que os dois homens teriam que se dedicar, durante o seu segundo passeio, a N. A. S. A. pediu-lhes que, ao dirigirem-se à Surveyor-3, fizessem rolar algumas rochas pelos declives das crateras que encontrassem pelo caminho. O fim desta operação não foi expressamente indicado, mas parece que seria experimentar o sismómetro ultra-sensível que faz parte dos instrumentos do «Alsep».

Erro de manipulação — possível causa de avaria da TV

HOUSTON, 20. — (F. P.) — Há poucas probabilidades de voltar a funcionar a câmara de televisão a cores que deveria enviar para Terra as imagens das duas saídas lunares de Charles Conrad e Alan Bean.

Foram em vão todos os esforços para a pôr a trabalhar orientados pelos técnicos que a construíram. A câmara só funcionou durante 45 minutos e depois parou. Ainda não se conseguiu descobrir com precisão a causa profunda da avaria. Tudo leva a crer que será talizado que a câmara seja desmontada e trazida para Terra. Com efeito, está fixada na base do Lem, que ficará na Lua.

Parece que a avaria foi originada por um erro de manipulação. Segundo os especialistas, é possível que Alan Bean tenha apontado por erro a câmara para o Sol, que nesse momento rasava a superfície da Lua e que os seus raios tenham danificado seriamente o tubo de imagens.

A poeira poderá comprometer as experiências

(Continuação da 1.ª página)

riosos «montículos» (que, à primeira vista, pareciam materiais), viram o que poderá ser o leito rochoso da Lua (que os astronautas da Apollo-11 não viram) e recolheram amostras; obtiveram uma colecção de rochas de profundidade, muito variadas e coloridas. A colecção é tão impressionante, que levou um geólogo a ter este desabafo: «Não consigo descansar enquanto não lhe puser as mãos em cima»; colocaram a primeira estação científica na Lua, tendo essa estação começado imediatamente a trabalhar.

Além disto, a alunagem extremamente precisa que efectuaram, prova que é possível enviar os futuros astronautas para muitos locais de interesse para a ciência, mesmo perigosos: terras altas, montanhosas, crateras profundas, «canyons», etc.

Segundo declarou o prof. Thomas Gold, o local de alunagem da Apollo-12 pode ter mais interesse científico que o da Apollo-11, e

isto por duas razões: 1.ª — Os astronautas tiveram a possibilidade de recolher material que, provavelmente, inclui rochas situadas a 3200 ou 4800 metros abaixo da superfície lunar, e que podem constituir chaves importantes para a descoberta da composição da Lua; 2.ª — O facto de o local de alunagem da Apollo-12 se apresentar fortemente coberto por poeira poderá determinar uma melhor compreensão da superfície lunar e do modo como esta se formou ao longo dos tempos. Na ver-

dade, não há ainda uma explicação completa para a maneira como se formou a superfície poeirenta, solta, aderente e vitrea da Lua.

Conrad e Bean montaram uma estação central, uma bateria atómica e experimentaram os cinco aparelhos da ambiciosa estação científica espacial (que custou 25 milhões de dólares) ALSEP.

A Alsep foi transportada até uma distância de 182 a 210 metros do trem de alunagem. Com efeito, o pó levantado aquando da partida da Apollo-11, determi-

Antes do regresso

(Continuação da 1.ª página)

chegar à Surveyor e embora, em dada ocasião, tivessem anunciado que se tinham afastado 360 metros do módulo lunar, não se sabe ao certo a área explorada.

Foi a primeira vez que terrestres chegaram até junto de um objecto manufacturado que não tinham levado consigo para a Lua.

Quando se aproximaram da sonda e se encontravam a cinco metros dela, os astronautas perguntaram de que cor ela era quando iniciara a sua viagem para a Lua.

O «contrôle» de Terra comunicou então que a estrutura principal da sonda fora pintada de branco e que uma pá, destinada a levantar uma pequena porção do solo e de pedras para uma análise tosca, fora pintada de azul.

«Bem, tornaram-se da cor do bronze... algumas partes mesmo castanhas», disseram os lunasutas.

Embora o passeio de hoje não tivesse decorrido na atmosfera hilariante do de ontem, o riso de Conrad era ouvido com frequência a acompanhar os comentários sobre as suas actividades.



Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

se é rapaz de se barbear com gilete
também sabe aparar o seu cabelo com a

isitrime

TOLEMANA - ROSSIO, 41 CARAYENA - ROSSIO, 16
PARACARIA PORTUGUESA RUA AUGUSTA, 117
SUPERMERCADO DO MONDO * FLORESIMOS CONTRASTE
OU PEÇA A COBRANÇA AS APARADOR N° 5100-LISBOA S

é nova é pratica é jovem

Preço 6000\$
Recorre imitações
Emulsores bons



HOJE PODE VER...

Eurovisão: APOLO 12

Cerca das 19 e 30, está «no ar» mais uma transmissão da viagem da Apollo 12. Desta vez são transmitidas imagens da acostagem do LEM no regresso da Lua.

«PIPI INVENTA UMA PALAVRA»

Pelas 19 e 45, exibe-se o filme «Pippi inventa uma Palavra» oitavo episódio da série juvenil «Uma Garota Endiabrada», com Inger Nilson na protagonista e Maria Person no papel de Annica e Pär Sundberg no de Tommy.

Certo dia, Pippi inventa uma palavra: SPUNK. Que querará ela dizer? Pippi e os seus amigos percorrem, então o campo, as lojas e a cidade à procura do significado de SPUNK...

«ZIP-ZIP»

Preenche a emissão o programa n.º 22 da série «Zip-Zip» já transmitido na rede nacional em 20 do mês passado.

CONVERGÊNCIA

Coordenado por Eurico rário «Convergência», que de Jesus, a RTP transmite, inclui, entre outras rubricas, a habitual crónica de mero do quinquenário literário de Fernando Botelho.

Jogo da Vida: «A Confissão»

Pelas 22 e 5, a exibição do episódio «A Confissão», da série «O Jogo da Vida», com Tony Franciosa no principal papel.

Gene Bacry, Santa Berger, Susan Saint James e Paul Lukas interpretam os restantes papéis e a realização é de Leslie Stevens.

* «O fotógrafo Peter Max é acusado de ter morto Nicole Clair. Pede, então, ao jornalista Jeff Dillon que descubra o assassino, pois ele está inocente. Jeff encara-se da missão e acaba por descobrir um Sindicato do Crime...»



Tony Franciosa é o protagonista de «A Confissão», episódio desta noite na série «O Jogo da Vida».

canal da crítica

PACTO NO FORNO, À FRANCESA

A noite escoa-se lentamente. Noite fria, inoportunamente fria, noite novembrina, a lembrar-nos que o Inverno estava a chegar com seus arrepios, seus olhos claros e desiludidos, seus membros despidos subitamente humanizados. Eu acabava de, piedosamente, dar paz ao televisor depois da companhia maravilhosa que me tinham feito José Carlos Picoto, Carlos Saraiva e François Bross. O «Trio em mi bemol», de Mozart, gerado na amizade, apoderara-se de mim, pacificara-me.

Quando as canetas na pa-nóplia, dobrei o caderno, repousei-o na prateleira. Dirigi-me tranquilamente para a cama (deveria talvez escrever *leito*, em atenção ao carácter literário desta crónica...) quando me batem momentaneamente à porta. Vou abrir, depois de longa hesitação pelo ralo. Era D. Bernardo, meu velho conhecido que, nas promissas do século XIX (mais precisamente em 1802...) me dera conselhos de tranquilidade e de silêncio.

DOM BERNARDO — Viva. Então que lhe dizia eu? EU — Desculpe, D. Bernardo: dizia-me o quê? DOM B — Aquela história dos jacobinos. Aquela história dos pedreiros-livres... EU (na retranca) — Não compreendo... DOM B — Ora, ora, não compreendo... É o que todos dizem: não compreendem. Não compreendem mas lá vão embarcando nessas histórias da liberdade, da fraternidade, da igualdade... É ou não é?

EU — P'ra mim é igual... DOM B — (Imprevisto) — Digame: o que é a liberdade? EU — Por favor... Não tome essas liberdades, não pergunte tamanhas coisas. O meu caro amigo sabe bem que, nestes tempos... (A acção passa-se, como já es-

clarei, em 1802)

DOM B. — Não sabe responder, é o que é... Partam-se de dar vivas a isto e aquilo, mas quando se pergunta pelo conteúdo... A propósito: o que tem nessa garrafa?

EU — É vinho do Porto. DOM B. — (Serve-se) Ah, que belo vinho! Pois liberdade é isto.

EU — Beber o meu vinho sem minha licença? DOM B. — Não, homem, liberdade é isto de que nos falava Balzac: cortar cabeças a torto e a direito, mandar o rei desta para melhor, retirar as hostias para o serviço do culto, dizer palavrões e apamhar umas valentíssimas piegas...

EU — D. Bernardo também viu a peça...

DOM B. — Claro que vi, homem. Não perco uma a. Aquele Balzac é um tipo, hem? Nunca as mãos lhe doam. Na minha opinião, a peça deve ser a coisa melhor que se escreveu em França, não?

EU — Não sei. Nunca ouvi falar nela...

DOM B. — Ignorante! Com a ignorância que lava por este país, não sei onde iremos todos parar. Ao trazer esta peça ao conhecimento do público, Jorge Figueiras tomou-se, praticamente, um benemérito. Eu comovime, palavra de honra, comovime com o arrependimento do carrasco do Luís...

EU — (Aflito, sou amigo dele) — Do Luís Cerqueira?

DOM B. — Não, homem, do Luís XVI. O pobrezinho perdeu a cabeça.

EU — O Luís XVI? DOM B. — Não, homem, o carrasco.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Noticiário; 16 e 36: Luz no horizonte; 16 e 36: Que quer ouvir?; 17: Gráfica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Chou-pal até à Lapa; 18 e 10: Programação da mulher; 18 e 45: Repartição da viagem do Apolo 12; 19 e 45: Rádio Rural; Música, 56 m; 20: Solistas ligeiros; 20 e 38: 7.º episódio do folhetim «O Herói da Caridade (Vida de S. João de Deus)» por Odette de Saint-Maurice; 21 e 30: Orquestra José Santos Rosa; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 30: Noite de Teatro «O Filho Sózinho» de Francisco Ventura; 23 e 55: Programa da noite; 1: Fecho.

3.º Programa (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s; As 23: Música de piano; 23 e 26: Festivais da Páscoa em Salzburgo de 1969 — Um programa cedido pelo Instituto Alemão — 1.º acto do drama musical «Siegfried», de Ricard Wagner; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — As 19 e 10: Aventura; 19 e 15: A Universidade e a Nação; 19 e 15: Rádio Clube — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e Noticiário; 20 e 7: Momento ABC; 20 e 12: Conjuntos Vocais; 20 e 30: Jornal dos espetáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 3: Diálogo; 21 e 9: Portugal de Hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 8: Música tradicional e palestra religiosa; 23 e 22: Grande nota; 0 e 2: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 2: Diário rural; 7 e 3: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 4: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 21 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa à Gô-Gô; 0 e 2: Em órbita-de; e 3: Banda sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 3: Miscelânea; 19 e 20: Rábiolac; 19 e 35: Estúdio 64; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 10: Norte da-dia; 21 e 2: Contrastes musicais; 21 e 15: Sô-Rádio; 21 e 30: Leituras; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 3: O santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 4: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Rádio-rama; 18: Orquestras das Américas; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 5: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditação; 21: Variedades; 21 e 30: Artistas portugueses; 21 e 45: Melodias do cinema; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular: Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30; Rádio Voz de Lisboa: Das 10 às 12 e das 19 e 30; 22: Clube Radiofónico de Portugal: Das 8 às 10 e das 22 às 24; Rádio Graça: Das 14 e 30 às 19 e 30.

EU — O carrasco fez-lhe perder a cabeça... DOM B. — Na minha opinião, perdeu-a. EU — Perdeu-a mas só no fim da peça.

(Continua na página seguinte)

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19: Telejornal; 19 e 3: Eurovisão — Apolo 12; 19 e 5: «Uma garota endiabrada»; 20 e 15: Tómbola; 20 e 25: Portugal de hoje; 20 e 55: Convergência; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: «O jogo da vida»; 23 e 25: Actualidade desportiva; 23 e 40: Marcha do Mundo; e Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: «Zip-Zip» — 22.º programa; 0: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — As 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil — «O Homem, as Livros e as Coisas»; 20 e 15: Lanterna Mágica; 20 e 30: Cartaz TV; 20 e 55: «Casi com uma felicidade»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: «Departamento 5»; 23: Concerto; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 40: Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema — «Objectivo, Burma»; 0 e 15: Fecho.



ALMOCE OU JANTE a preços acessíveis num ambiente agradável, podendo apreciar os últimos MODELOS DA MODA para homem e senhora, de Roma, Londres e Paris. Ar condicionado ● Aberto até às 2 da manhã AVENIDA DE ROMA, 48 ● Tel. 71402/4

Oferta excepcional

VOLUMES ENCADERNADOS A ESCOLHA PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 52\$50

Entrega das obras contra o primeiro pagamento

Obras encadernadas em balacuir de

ALEXANDRE HERCULANO
AQUILINO RIBEIRO

CAMILO CASTELO BRANCO

CHARLES DICKENS

JULIO DINIS

STEFAN ZWEIG

WALTER SCOTT

170 autores de várias nacionalidades, sendo: 200 volumes originais de autores portugueses e brasileiros — 200 volumes, traduções portuguesas, mencionados numa lista que remetemos, grátis e sem qualquer compromisso, a quem a solicitar. Todas as obras têm o formato mínimo de 0,19x0,12 m. O número de exemplares disponíveis para esta oferta é limitado. Solicite imediatamente a lista à LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO — Telefone 22286, ou à sua Filial em Lisboa — Av. Almirante Reis, 102, r/c, Dt. — Lisboa-1 — Telef. 58796 e 58798

Recortar este cupão e remeter

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Alberto Aires de Gouveia, 27
PORTO

D. L. — Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, a lista das obras da OFERTA EXCEPCIONAL e um impresso-proposta para a sua aquisição.

Nome
Morada

ESTUDANTES!

3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO

CISNE

RECEPCÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

A MELHOR APLICAÇÃO DOS SEUS CAPITAIS É EM J. PIMENTA, S. A. R. L.

Rendimento de 6 a 10% garantido por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no

Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito.

Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade

PREÇO DOS APARTAMENTOS MOBILADOS

135.000\$00	—	215.000\$00
140.000\$00	—	225.000\$00
150.000\$00	—	230.000\$00
155.000\$00	—	250.000\$00
165.000\$00	—	255.000\$00
175.000\$00	—	265.000\$00
180.000\$00	—	305.000\$00
185.000\$00	—	325.000\$00
190.000\$00	—	350.000\$00
195.000\$00	—	470.000\$00
200.000\$00	—	600.000\$00

PREÇOS DOS ANDARES

3 assoalh.	190.000\$00
3 »	200.000\$00
3 »	220.000\$00
4 »	300.000\$00
5 »	380.000\$00
6 »	440.000\$00
9 »	750.000\$00
12 »	880.000\$00

LOCAIS ONDE POSSUIMOS ANDARES E APARTAMENTOS

REBOLEIRA-AMADORA — CENTRO DA AMADORA — VENDA NOVA-AMADORA (Junto à Garagem Eduardo Jorge) — PAÇO DE ARCOS (Espargal) — PAREDE (Rua do Lobito, à Quinta do Junqueiro) — LISBOA e CASCAIS

MORADIAS LUXUOSAS

9 DIVISÕES ASSOALHADAS, 3 CASAS DE BANHO, COZINHA, GARAGEM, QUINTAL E JARDIM MAGNÍFICA VISTA DE MAR E SERRA, SITUADA NA RUA JOSÉ FERRÃO CASTELO BRANCO, EM PAÇO DE ARCOS

Facilita-se parte do pagamento

Apartamentos em exposição: Reboleira, Amadora Paço de Arcos (Espargal), Cascais (por detrás do Hotel Baía)

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

Azulejos nacionais e estrangeiros — Plásticos para revestimentos de paredes e tectos. Toda a gama de materiais de construção, utilidades para o lar, flores e apetrechos para jardins, encontra V. Ex.ª nos mais baixos preços, nos estabelecimentos da Organização J. Pimenta, em Amadora e Queluz, junto às estações de caminho de ferro respectivas.

Escritórios: LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15 — Tels. 45843 e 47843 QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Tels. 952021/22; AMADORA-REBOLEIRA, Tel. 933670

A nossa organização vende mais barato e com mais garantias porque é a única do país devidamente apetrechada na indústria e comércio do ramo

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

DOM B. — (Com infinita paciência) — Não...

EU — Não me diga isso, D. Bernardo, então eu não o vi a ir para a guilhotina na plataforma do autocarro?

DOM B. — Não me refiro a isso. Você está a raciocinar muito terra-a-terra e eu estou a fazer metafísica.

EU — Perdão: o que D. Bernardo está a fazer é a beber-me o vinho todo.

DOM B. — Ora, meu velho,

soufremos tanto com a revolução francesa que merecemos, finalmente, a tranquilidade de um copinho. O que eu estava a dizer era que o carrasco perdeu a cabeça.

EU — Isso não tem pés nem cabeça...

DOM B. — Mas o «cidadão sem nome»... ah... como é que ele se chamava na peça...

EU — «Cidadão sem nome».

DOM B. — Claro, o nome pouco interessa. O tal cidadão perdeu a cabeça mas depois não quis perder a alma. Estou mesmo a ver na sua caninha que não concorda comigo...

EU — Fale baixo, Dom Bernardo!

DOM B. — Depois, uma peça muito sensata. O revolucionário sanguinário partidário do campo utilitário funerário acaba por reconhecer que a revolução francesa era evitável e censurável; nada de violências, que só atraem violências!

EU — Como é que se devia ter feito?

DOM B. — Reformas, meu

menino, reformas! Fazer reformas nem que se tivesse de empregar a força. O próprio revolucionário fundibulário não era contrário a esse espírito reformatório.

EU — Então para que se fez ele revolucionário?

DOM B. — Homem de Deus!, ele fez-se revolucionário para Balzac escrever a peça, para Jorge Figueiras a traduzir, para a R. T. P. a transmitir e para a gente a...

EU — ...gramar... Desculpe, D. Bernardo, eu só estava a dizer que era uma peça medíocre, sem nenhum significado.

DOM B. — Ai este homem! Não é bastante significado prestar-se homenagem à memória de Luís XVI?

EU (satisfeito, sou amigo dele) — Do Luís Cerqueira?

DOM B. — Não, homem, do Luís XVI.

EU (exaltado) — Homens, gear-se a opressão, D. Bernardo, acha isso bem?

DOM B. — Morria aqui, monda aqui seu jacobinozinho da Rua Luz Soriano... Balzac pretendia, não homenagear a opressão, mas sim a grandeza — da grandeza, a grandeur de la France Catholique et Eternelle... E agora, que já lhe bebo o vinho todo, vou-me embora. (Apreensivo).

Mas agora reparo: se estamos em 1802, Balzac ainda nem sequer começou a escrever, é que nem sequer sabe ler ainda...

EU — Tem razão. E agora?

DOM B. — Agora, não tem importância nenhuma, primeiro porque ninguém reparou, depois, porque depois de uma garrafa imberber de vinho do Porto sabe-se lá quem nasceu antes e depois...

MÁRIO CASTRIM



Rua Mendes e Fernando Gusmão discutem o «jogo» na peça de James Saunders. Ao fundo João Lourenço, outro jovem do Grupo 4

O GRUPO 4 NO TIVOLI PARA MAIS TRÊS ESPECTÁCULOS

O Grupo 4 vai repor em cena no Tivoli a peça «Amanhã digo-te por música», de James Saunders. Está já marcada uma nova série de três espectáculos para segunda, quarta e quinta-feira, à hora da segunda «matinée» (18 e 30).

«Amanhã digo-te por música» atraiu muito público aos primeiros seis espectáculos. Enchentes consecutivas marcaram este regresso do Grupo 4, uma mini-associação de jovens interessados no teatro de vanguarda (que nem sempre — ou quase nunca — podem fazer por outros meios). Basta dizer que o último espectáculo esgotou a lotação três horas antes de o pano subir, criando assim a necessidade moral, digamos, de repor a peça logo que possível.

— Estivemos parados dez dias — disse Rui Mendes — por exigências da programação cinematográfica do Tivoli. Agora voltamos para os últimos espectáculos em Lisboa. Convém pôr mesmo

que são os últimos, está bem? É que depois vamos para o Porto e «arde».

A série de espectáculos no Porto (Teatro S. João) está

marcada para os dias 4 a 8. Coimbra também verá o Grupo 4, mas em data a escolher pelos promotores locais (C. I. T. A. C.).

Artes plásticas

Palestras no Museu

O Museu Nacional de Arte Antiga prossegue a sua série de palestras, especialmente destinadas à juventude. O novo ciclo, orientado pelo dr. Rio-Cavallho, obedece ao tema geral «Para uma compreensão do nosso tempo». As palestras serão realizadas às sextas-feiras, de Novembro a Janeiro, às 18 e 30, sendo a primeira na sexta-feira, com o seguinte programa: Introdução: caracterização da expressão «Nosso Tempo»; reflexões: o «Surrealismo», o «Bauhaus». Entrada livre pela Rua das Janetas Verdes. **Eduarda Lapa na Sociedade Nacional de Belas-Artes** Eduarda Lapa, artista de

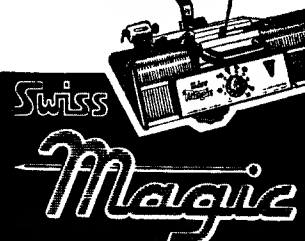
grande público e que muitos êxitos obteve na sua carreira de pintora, volta a animar as salas da Sociedade Nacional de Belas-Artes onde tantas vezes triunfou.

A grande pintora das marinhas, do retrato e das flores, aquelas flores de Eduarda Lapa, apresenta-se ao público depois de amanhã, pelas 16 horas. São cinquenta anos de pintura que revivem nas salas da S. N. B. A.

Em ODEMIRA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Augusto da Conceição Correia, Rua Alexandre Herculano, 16.

MÁQUINA DE TRICOTAR SUPERAUTOMÁTICA

MODELO DUPLO



Produto da indústria suíça de alta qualidade. Inteira e totalmente metálica. Facilidade de manejo. Garantia e assistência técnica asseguradas por pessoal especializado.

Pretende-se nomear agentes em concessões ainda livres. Consulte:

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: RAFAEL BURGHEDE, LDA. LISBOA: R. António Enes, 20-1. Tel. 53 50 57. PORTO: Rua Formosa, 172. Tel. 26 90 2

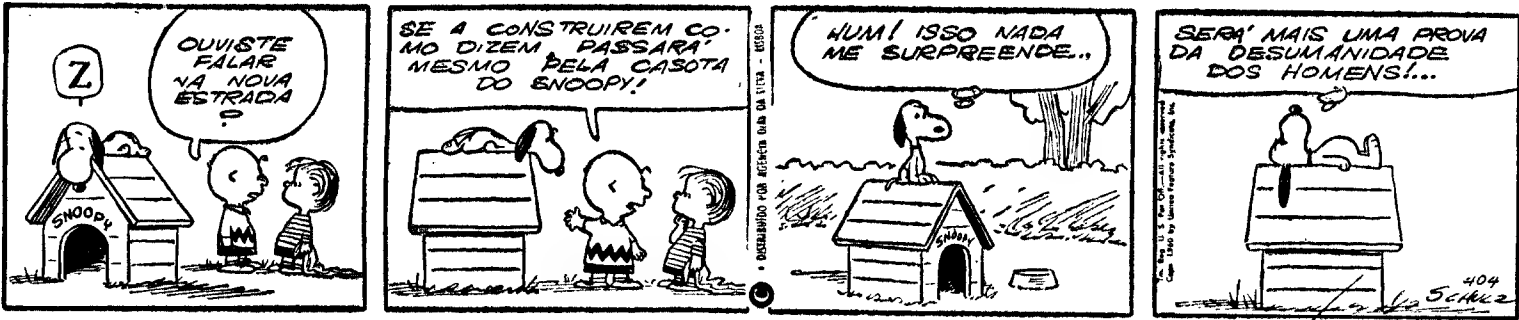
Pretende receber publicidade e preços. Nome, Morada, Localidade.

SESSÃO CULTURAL NA ESCOLA FRANCISCO ARRUDA

Sábado, às 9 horas, a sessão cultural integrada nas actividades circun-escolares da Escola Francisco de Arruda, será constituída pela apresentação de grupos corais; narrativa de um conto pelo actor Artur Semedo; comentários semanais do director da Escola; série cinematográfica «Ensinando Visual das Ciências», e um filme recreativo comentado no intervalo.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

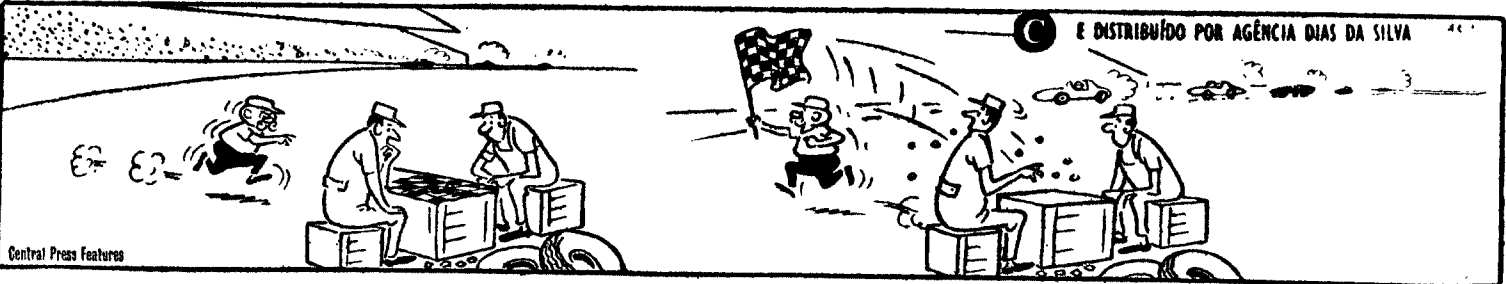
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



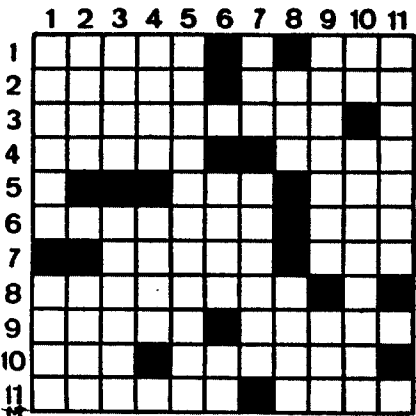
Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5364

HORIZONTAIS: 1 — Desconto, Benigno, 2 — Escarneçam, Anagem, 3 — Animais irracionais, 4 — Alimento, Rio de Moçambique, que separa o distrito de Manica e Saffa das de Gaza e Inhambane, 5 — Executa, Avistar, 6 — Ave-inhantada, Iga, 7 — Alastrar-se pouco a pouco, Nacião, 8 — Agacha, 9 — Moeda de cinquenta centavos (pop.), Espirinhoso, 10 — Tenho, Des-cansar no sono, 11 — Poisou no mar (avião), Desdita.

VERTICAIS: 1 — Alisa, Pedaco de madeira para queimar, 2 — Palmatoada, Filtrem, 3 — Correlacionado, Estimaria, 4 — Receita, Deus romano do vinho, 5 — Amarratada, 6 — Transfere para outra ocasião, Alternativa, 7 — Rio da Rússia, Levantar ferro (navio), 8 — Chefe etíope, Equipa, 9 — Repetiam, Combina bem, 10 — Artigo (pl.), Vigília, 11 — Amoleceu.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5363

HORIZONTAIS: 1 — Metastrosas, 2 — Aia, Outeiro, 3 — LAGRIMAS, Ar, 4 — Al, AC, 5 — Ganso, Ópera, 6 — Ao, Gueret, 7 — In, São, DE, 8 — Dás, Puxarel, 9 — Aderência, 10 — Dó, Ao, Eco, 11 — HERDEIROS.

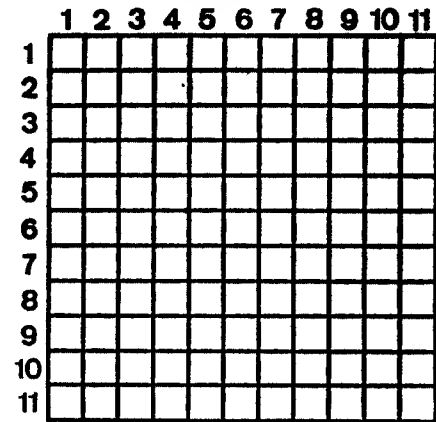
VERTICAIS: 1 — Malignidade, 2 — Eia, Nada, 3 — Tagana, Se, 4 — RISOS, 5 — Fol, Apear, 6 — Ruma, Gounod, 7 — Atocou, XC, 8 — Sés, Pegal, 9 — Ti, Ter, Raer, 10 — Ara, Rede, Ca, 11 — SORRATEIROS.

(Provérbio: LAGRIMAS DE HERDEIROS, RISOS SORRATEIROS)

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 9207

HORIZONTAIS: 1 — Anteriormente, Tostam, 2 — Cidade da antiga Caldeia, Requeima, Próprio pessoal, 3 — Cidade de Portugal, Obrigam, 4 — Fruto da amoreira, Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday, 5 — Carumas, Ave trepadora, 6 — Rata, Nome de letra, 7 — Atmosfera, 8 — Cadela, Rangífere, 9 — Encolizais, Peça de teatro, 10 — Basta, Pássaro do Brasil Nesse lugar, 11 — Os dois, Cidade de Itália.

VERTICAIS: 1 — Salas onde se lecciona, Toca, apita, 2 — Enredar, Estavam, 3 — Antiga cidade da Palestina, 4 — Partii em torcas, Causa ridícula, 5 — Tributas com essa, Emparelhas, 6 — Pronome pessoal, 7 — Dá ânimo, Tramava, 8 — Adicionara, Época, 9 — Barba de espiga dos cereais, 10 — Levava o sirga, Gostai muito de, 11 — Variedade de café (Brasil), Empregais.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9206

HORIZONTAIS: 1 — Parga, Apaga, 2 — Amel, lina, 3 — Paira, Iscas, 4 — An, Amida, Vi, 5 — Isar, Uras, 6 — As, lit, 7 — Cr, Al, Rs, As, 8 — Acarear, 9 — Nadar, Amuar, 10 — Tris, Ocar, 11 — Oiros, Isara.

VERTICAIS: 1 — Papai, Cento, 2 — Amansar, Ari, 3 — Rel, As, Adir, 4 — Girar, Acaso, 5 — Am, Fiar, 6 — Im, 7 — Id, Area, 8 — Pisou, Samos, 9 — Arc, Rik, Ruça, 10 — Gravata, Aar, 11 — Oásis Surra

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 20 de Novembro de 1939 publicava: «LUXEMBURGO — A Agência Belga informa, de origem autorizada, não haver conhecimento de que Maurice Thorez, o «leader» comunista francês, se tenha refugiado na Bélgica, depois de abandonar Esch-sur-Alzette, no Luxemburgo, onde se teria refugiado. Como se sabe, Thorez é desertor do Exército francês.»

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto. A casa que melhor trabalha ANIBAL GRAVADOR Rua Nova do Almada, 64 LISBOA

PENSÃO RESIDENCIAL S. ROQUE

Trav. da Conceição da Glória, 18, r/c., 1.º e 2.º Telef. 32 60 38 — 32 48 31 LISBOA

Campeonato Nacional de Futebol (1.ª DIVISÃO) Vitória de Setúbal-Benfica

DOMINGO, 23 DE NOVEMBRO

A C. P. organiza em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica um comboio especial de Barreiro à Praça do Quebedo, e volta, em ligação às carreiras normais entre Lisboa (Terreiro do Paço) e Barreiro, no dia 23 de Novembro, por ocasião do desafio de futebol «VITÓRIA DE SETÚBAL-BENFICA», ao preço de 22500.

HORÁRIO

Partida de Lisboa (Terreiro do Paço) 13-15 Chegada a Praça do Quebedo 14-28 Partida de Praça do Quebedo 17-25 Chegada a Lisboa (Terreiro do Paço) 18-55 Bilhetes à venda na Secretaria do «Sport Lisboa e Benfica» e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Terreiro do Paço).

CAMINHOS DE FERRO

Horários dos comboios na Zona Sul

Comunica-nos a C. P. que a partir de 20 de Novembro de 1969 são feitas diversas alterações ao Horário actualmente em vigor nas Linhas e Ramais a seguir indicados:

Linha do Sul — (Circulações ascendentes e descendentes)
Linha de Évora e Ramais de Reguengos e Mora
Ramais de Montijo — Montemor — Aljustrel e Moura

Linhas de Vendas Novas e Ramal de Portalegre

Via Fluvial e Tranvias — Lisboa — Barreiro — Praias Sado — Seixal — Lisboa

Linha do Sado e Ramal de Sines

O pormenor destas alterações consta dos CARTAZES HORÁRIOS afixados nas estações e nas Secções de Informação ao Público, das estações de Lisboa (Santa Apolónia), Lisboa (Rossio) e Lisboa (Terreiro do Paço).

morphy-richards

MANTENDO PRESTÍGIO ACERCA DE 25 ANOS EM PORTUGAL.



DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

F. C. PORTO-NEWCASTLE (0-0)

AS DUAS FACES DO ZERO

Tal como acontecera em Guimarães com o Southampton e em Alvalade com o Arsenal, e quase ia acontecendo em Setúbal com o Liverpool, os ingleses do Newcastle empataram ontem, no Estádio das Antas, com o F. C. Porto. Ficaram, claro, encantados da vida. Empate é igualdade, mas nestes jogos a eliminar há sempre uns que ficam «mais empatados» que os outros. O zero-zero de ontem, como o de Alvalade, como o três-três de Guimarães, teve o sabor de um princípio de vitória dos ingleses. Foram igualdades que deixaram perspectivas muito desiguais evidentemente favoráveis àqueles que passaram pelo pior bocado que é o jogo no campo do adversário.

A reconhecida e famosa «vantagem de jogar em casa» avoluma-se nestes encontros entre grupos de países diferentes, porque os visitados são ainda mais visitados do que nas partidas dos campeonatos nacionais. Há, para isso, uma série de factores, que vão desde o clima à novidade do «ambiente» passando pelo empolgação e pelo desejo de superação que estes jogos sempre provocam aos grupos visitados e que permitem muitas vezes, «ilógicas» vitórias dos mais fracos sobre os mais fortes.

Dai que, nestas eliminatórias de 180 minutos, sendo metade em casa de cada um dos opositores, o tal empate tenha dois sabores bem diferentes. Ontem, nas Antas, não houve um único gol, não houve vencedores nem vencidos, mas os ingleses saíram certamente do estádio muito mais confiantes na qualificação, enquanto os portugueses, embora, muito naturalmente, saíram a pensar que ficaram com a vida muito mais complicada.

É isto precisamente, que dá a estes jogos umas características muito especiais, que não deixam de ser inimigas do espectáculo. O futebol é um jogo interessante e muito bem concebido (dai a sua popularidade quase universal) mas baseado na ideia de que ambos os contendores procuram a vitória. Quando assim não acontece, a finalidade do jogo está adulterada e perde-se muito do que possa ter de atractivo. Pois nestes jogos o que se vê quase sempre é que o visitante dispensa perfeitamente a vitória, contenta-se com o empate, e se perde só por um, já as coisas não estão mal de todo.

No final do jogo de ontem ouvimos comentar que «final, o tal Newcastle não joga nada.» Claro que é um erro pensar assim. O Newcastle (detentor da Taça das Feiras) não deixou de mostrar, em certos

períodos, que é uma equipa de verdadeira categoria, e nessas alturas agradou-nos até mais que o Liverpool, há oito dias, em Setúbal. Trata-se, sem dúvida, de uma equipa que

180 minutos que lhes interessa ganhar.

O que se viu foi o que se costuma ver em tais circunstâncias. O Newcastle, primeiro com «4-3-3», depois com «4-4-2», mas sempre com muita atenção à sua baliza do que à contrária, foi aguentando o ímpeto vão dos portugueses, que, aliás tiveram lances excelentes nos primeiros 20 minutos.

Com pura perda, este bom começo dos portugueses. E em pura perda porque, não tendo proporcionado quaisquer frutos mais desencorajou os britânicos da aventura de atacar, afrouxando a guarda à sua rede. Por outro lado, a ausência de resultados práticos — de golos — nesse bom jogo desanimando os jogadores do Porto. Como se perguntassem a si próprios: «mal, afinal, está aqui a gastar o meu latim, para quê?» Como se, de-

esteve para não jogar) e Sêninho hábil mas frágil, não fez quanto podia para merecer essa forte oposição.

Só quando os portugueses perderam um pouco do seu ânimo os ingleses se sentiram animados a fazer seus contra-ataques. E não teria sido nada de surpreendente se tivessem marcado um gol, tal a velocidade e o sentido prático dos seus golpes.

Na segunda parte, o jogo foi-se arrastando assim até à monotonia. O Porto, já sem a ligação e o desembaraço de entrada, ia tentando, pouco convencido de que daí tiraria quaisquer vantagens. E o Newcastle cada vez mais satisfeito com o «vitorioso empate», a aguentar calmamente o balanço e, de vez em quando, a lançar a bola para os dois isolados do ataque, a ver o que se poderia conseguir de me-



A defesa central do Newcastle corta mais um lance de ataque dos portistas

era capacíssima de proporcionar um belo espectáculo de futebol, no Estádio das Antas e cremos que o teria feito se este fosse o «único» jogo da eliminação e, portanto, o empate não servisse a ninguém.

Mas os ingleses não vieram ao Porto para se preocupar com o espectáculo, para deixar boa impressão nos espectadores. E só muito em segundo plano se preocuparam com a exibição, ou mesmo com o triunfo. O empatezinho já era bem bom. Afinal esta era apenas a meta de mais difícil do grande jogo de

pois de falar muito e bem, alguém chegasse à conclusão de que o parceiro era surdo e não adiantava gastar argumentos.

Foi muito brusca, na exibição do F. C. Porto, a passagem de um futebol escorelho e limpo, de jogadores em movimento e de passes largos e perfeitos, para o atabalhoamento, a indecisão colectiva, a demora no que até aí tinha sido rápido e convicto. Foi muito brusca e foi muito cedo para que se possa atribuir fadiga, ideia aliás desmentida por alguns vigorosos «espasmos» de inconformismo, na segunda parte.

Falhou nesse período inicial, para o prolongar com outras perspectivas um gol. Merecia-o o Porto, Merecia-o por esse jogo agradável, bem comandado por Rolando, Pavão e Salim, e esteve perto de o marcar embora o ataque mostrasse aquilo que é a grande inferioridade do actual futebol português: a falta do chamado «sentido de penetração», o esforço orientado no sentido da meta que é a baliza, a força do remate, o «poder de síntese» nas jogadas. Claro que não é fácil, perante uma defesa agrupada, com jogadores muito rápidos e possantes, como é o caso do excelente Moncur, «capitão» do Newcastle. Mas o Porto, com Pinto menos ardiloso do que habitualmente (aliás, adoentado,

sem pôr em perigo o que esteve a ser conquistado.

Rui, Gualter (que jogou frequentemente como extremo) e os jogadores da linha intermediária no período inicial, foram os melhores de uma equipa que terminou descrente e confundida. Quanto aos ingleses (todos excelentes atletas) aproveitou-se a acção sempre bem orientada de Moncur, o formidável incedente de Robson e Arentoft e o jogo incisivo de Dyson e Grothie. Não tenhamos dúvidas: o Newcastle continua a ser uma bela equipa e proeza estupenda será a do F. C. Porto se conseguir em Inglaterra resultado idêntico ao que os ingleses conseguiram ontem nas Antas. As vezes, há coisas...

MARIO ZAMBUJAL

Estádio das Antas.
Árbitro: Roland Marcondes (suíço).

F. C. PORTO — Rui; Gualter, Valdemar, Vieira Nunes e Succena; Pavão, Rolando (capitão) e Salim; Sêninho, Pinto e Nóbrega.

NEWCASTLE — Mc-Faul; Craig, Burton, Moncur (capitão) e Clark; Gibb, Arentoft e Guthrie; Robson, Dyson e Davies.

Na equipa inglesa, aos 26 minutos do segundo tempo, Guthrie cedeu o seu lugar a Griggs.

ADIAR — O TERMO COMUM

Em recente assembleia geral de uma conhecida agremiação desportiva, quando se debatia a delicada situação económica da mesma, um associado (que fez questão de manter o anonimato) tornou possível a efectivação de uma operação bancária para salvar os compromissos assumidos e corresponder a obrigações aceites a um prazo relativamente curto.

Foi assim encontrada uma solução para o problema que afligia a colectividade, solução que, naturalmente, fez desanuviar horizontes obscurecidos por responsabilidades e que irá permitir ao clube continuar nos mesmos caminhos, percorridos até agora, no âmbito do futebol profissional, a razão maior do desequilíbrio financeiro que regista a contabilidade clubista.

Infelizmente o quadro é comum a quase todos (que tentação sentimos, de escrever «a totalidade») os clubes portugueses empenhados nas competições desportivas, quer estas sejam de modalidades profissionais quer sejam amadoras. Existem sempre sócios afeiçoados que

não hesitam em «abrir as carteiras» ou apor uma assinatura (válida para os bancos) num documento descontável, de molde a que, embora transitória, se eliminem as exigências que estrangulam e comprometem a vida dos clubes.

Não se buscam soluções definitivas. O que fundamentalmente importa é «sair de apertos», terminar o mandato. Depois...

É precisamente isto que está errado. Adiar não é, de nenhum modo resolver. Exageradamente se tem adiado no desporto português a busca dos caminhos que conduzam à sua valorização. Apenas se tem procurado embelezar a cúpula, esquecidas as bases. E a cúpula oscila à menor ameaça de tormenta.

Apesar de se reconhecer a necessidade de decidir, adiar continua a ser o termo comum, a solução generalizada que se aceita mas que não resolve. E o desporto continua a viver dos «balões de oxigénio» que os médicos de ocasião lhe possam proporcionar.

E. V.

VOLEIBOL

Vitória (difícil) do Lisboa Ginásio

No Pavilhão do Estádio Universitário realizou-se a 3.ª jornada do Torneio de Abertura de Voleibol.

O Benfica venceu pela marca sensacional de 3-0 (15-0, 15-0 e 15-0) a equipa da Costa do Sol.

O Técnico, que apresentou uma equipa longe do seu melhor, venceu o Externato de Moscavide por 3-0 (15-12, 15-12 e 15-11).

No encontro mais equilibrado e emotivo da jornada, o L. Ginásio venceu dificilmente o C. D. U. L. por 3-1 (16-14, 17-15 e 14-16).

Boa réplica dos universitários que mesmo não contando com Barão Pinto rea-

lizaram excelente exibição. Para o Torneio de Juvenis o Benfica venceu o Cif por 3-2 (11/15; 10/15; 15/5; 15/11; 15/5).

Francisco Freire
treinador
do Lisboa Ginásio

Em virtude dos seus afares profissionais, o internacional José Borges que há algum tempo vinha a orientar as equipas do L. Ginásio, viu-se forçado a abandonar o lugar.

Para sua substituição o L. Ginásio assegurou os serviços do prof. Francisco Freire que já orientou a sua nova equipa.

Acontecimentos DE ONTEM

HÓQUEI EM PATINS

Tiveram ontem o seu início os Campeonatos Nacionais de Hóquei em Patins das categorias de juniores e juvenis, cujos encontros ambederaram o desafio C. U. F.-Paço de Arcos, referente à fase final do Campeonato Metropolitano.

Em juvenis, o Paço de Arcos ganhou à Juventude Salesiana, por 5-1, e, em juniores, o Campo de Ourique e a Salesiana empataram a dois golos.

No encontro principal da

noite, para o Campeonato Metropolitano, C. U. F. e Paço de Arcos também empataram, a um gol. Os cufistas marcaram primeiro, por intermédio de Fernandes, e o Paço de Arcos igualou, por intermédio de Vieira, minuto e meio depois.

Sob a arbitragem de Jorge Rosa, as equipas alinharam: C. U. F. — V. Domingos; J. Carlos; J. António, Leonel e J. Fernandes (1).

P. DE ARCOS — Monteiro; Alfredo; Vieira (1), Abreu e R. Soares.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO

ATLETISMO (8)

QUEM SÃO OS 20 MELHORES ATLETAS DA ÉPOCA DE 1968-1969

A época que findou, apesar de não ter sido excepcional para os atletas já com certas responsabilidades (referimo-nos aos seniores), foi, contudo, agradável, pois, através das várias competições oficiais, pudemos observar que uma vintena de atletas conseguiram marcar marcas que vão dos 865 a 928 pontos da tabela portuguesa de pontuação.

Nesta lista de valores vamos encontrar 13 atletas leoninos, 6 benfiquistas e 1 do Centro Universitário de Lisboa. A excelente percentagem sportinguista exprime, não há dúvida, a preponderância da equipa de Alvalade na modalidade.

Também através da referida lista é-nos dado observar que as disciplinas mais em evidência e que alcançaram marcas ou tempos de óptimo recorte técnico, são as corridas (400 m; 1500 m; 100 m; 800 m; 5000 m; 1000 m; 3000 m; e 10 000 m) e episódica e mente, o triplo-salto; martelo; comprimento; altura e 400 m barreiras.

Das vinte marcas mais pontuadas na temporada que findou (contando para cada atleta apenas a melhor em cada

Barceló de Carvalho (Bf.) o melhor de todos

prova), cinco delas alcançaram mais de 900 pontos, o que é muito bom, no âmbito nacional, e excelente, no sector internacional.

São elas: 400 m (47,2 s.), 928 p.; martelo (61,54 m.), 915 p.; 1500 m (3 m. 48,5 s.), 907 p.; altura (2,00 m.), 903 p.; e 1500 m (3 m. 49,1 s.) 902 pontos.

Foram autores destas provas: Barceló de Carvalho (Bf.), Carlos Sustelo (Sp.), Morujo Julio (Sp.), Tavares Alves (Sp.) e Carlos Tavares (Bf.).

A marca do primeiro destes atletas em termos de comparação equivale a 10,3 s. nos 100 m; a 21,2 s. nos 200 m; a 1 m. 49,5 nos 800 m; e a 3 m. 45,6 s. nos 1500 m; a do segundo, 2,02 m no salto em altura; a 7,46 m no comprimento; a 15,76 m no triplo; a 4,35 m no salto com vara; a 17,02 m no peso; a 52,77 m no disco; e a 75,48 no dardo; a do terceiro, a 10,4 s. nos 100 m; a 21,4 s. nos 200 m; a 47,8 s. nos 400 m; a 1 m. 51,1 s. nos 800 m e a 4 m. 7,8 s. na milha; finalmente, a do quarto, a 7,38 m no comprimento; a 15,60 m no triplo; a 4,29 m no salto com vara; a 16,72 m no peso; a 51,65 m no disco; a 60,23 m no martelo; e a 73,87 m no dardo.

Se tomarmos como ponto de partida para uma apreciação de valor técnico as 25 melhores marcas da época finda verificamos que a média global é de 905 pontos, o que representa um índice elevado no âmbito nacional e um contraste com a opinião de alguns sectores oficiais.

Quer isto dizer, que a tem-

porada que findou deu-nos uma melhor refinação de processos técnicos e, também, uma maior assiduidade por parte de atletas responsáveis das competições e, ainda, aos treinadores, pois sem estes últimos não poderá haver progresso.

Do quadro que juntamos a estes apontamentos, ressalta, sem dúvida, a quebra nalgumas disciplinas que eram do agrado dos atletas lusitanos. Referimo-nos, por exemplo, aos 110 m barreiras; a milha e aos 3000 m obstáculos para não falarmos de outras disciplinas.

Por outro lado, também, é pena que apenas atletas do Sporting e do Benfica intervenham na sua quase totalidade no quadro das vinte marcas mais pontuadas do ano.

As 20 marcas mais pontuadas

1.º — Barceló Carvalho (Bf.), 47,2 s., (400 m)	928 p.
2.º — Carlos Sustelo (Sp.), 61,54 m. (martelo)	915 p.
3.º — Morujo Julio (Sp.), 3 m. 48,5 s. (1500 m)	907 p.
4.º — Tavares Alves (Sp.), 2 m. (altura)	903 p.
5.º — Carlos Tavares (Bf.), 3 m. 49,1 s., (1500 m)	902 p.
6.º — Alberto Matos (Sp.), 52,5 s., (400 m. bar.)	896 p.
7.º — A. Fonseca e Silva (Bf.), 10,5 s., (100 m)	892 p.
8.º — José Pina (Sp.), 1 m. 52,2 s., (800 m)	888 p.
9.º — Tadeu de Freitas (Sp.), 15,39 m. (triplo)	888 p.
10.º — José Diogo (Sp.), 3 m. 51,3 s. (1500 m)	886 p.
Alberto Matos (Sp.), 14,5 s., (110 m bar.)	886 p.
11.º — Manuel de Oliveira (Sp.), 14 m. 30,2 s., (5000 m)	883 p.
Barceló Carvalho (Bf.), 21,6 s., (200 m)	882 p.
Morujo Julio (Sp.), 1 m. 52,7 s., (800 m)	881 p.
Manuel de Oliveira (Sp.), 3 m. 52,2 s., (1500 m)	880 p.
José Pina (Sp.), 2 m. 26,2 s., (1000 m)	878 p.
12.º — Pêricles Pinto (Sp.), 7,20 m. (Comprimento)	876 p.
13.º — Ed. Albuquerque (Bf.), 49,24 m. (Martelo)	875 p.
14.º — Anacleto Pinto (Bf.), 14 m. 35 s., (5000 m)	873 p.
15.º — Carlos Lopes (Sp.), 14 m. 35,2 s., (5000 m)	873 p.
16.º — A. Aldegaia (Sp.), 30 m. 40,4 s., (10 000 m)	873 p.
17.º — Américo Barros (Sp.), 8 m. 24,8 s., (3000 m)	872 p.
18.º — Julio Fernandes (Sp.), 15,8 m. (triplo)	866 p.
19.º — Fernando Reis (Bf.), 53,6 s., (400 m bar.)	865 p.
20.º — Joaquim Peralta (U.), 53,6 s., (400 m bar.)	865 p.

Realiza-se em Viena (Áustria) a eliminatória da III Taça da Europa

Está já definitivamente assente que a eliminatória da III Taça da Europa em atletismo, na qual participará uma representação portuguesa, se disputará em Viena de Áustria, a 20 e 21 de Setembro do próximo ano.

GOLFE NO ESTORIL

Mais de cem jogadores em acção durante todo o dia

As instalações do Clube de Golfe do Estoril começaram esta manhã a registar as suas jornadas de maior animação da temporada.

O leitor melhor avisado entende já que é hoje véspera do início do Campeonato Internacional Aberto de Portugal — o já tradicional Open.

Para que se faça ideia do movimento e animação hoje registados no excelente campo do Estoril, basta dizer que o habitual torneio amador-profissional reuniu 110 inscrições, sendo 54 de amadores e 56 de profissionais.

A hora do nosso jornal começa a circular ainda irão a caminho do 18.º buraco os últimos pares saídos, quando passava já das 13 horas.

O torneio de hoje, com vencedor imprevisível constitui magnífico treino para o «Open», que amanhã se inicia, disputado por cerca de 90 jogadores, entre amadores

e profissionais de dez nações e que se prolongará, numa intensa azáfama, até domingo.

A 15.ª edição da prova prevê-se a melhor de sempre, quer pela quantidade de concorrentes (está batido o «recondo» de inscrições), quer pela sua qualidade, quer, ainda, pelas possibilidades reveladas por muitos dos jogadores que pela primeira vez vieram até nós, atraídos pela fama do «Open» de Portugal.

Amanhã, as partidas começam a ser dadas às 9 horas, com intervalos de dez minutos entre cada grupo de três concorrentes. Das algumas das horas das partidas que mais podem interessar: José Lapa e Sousa e Melo, às 11 horas; Alfonso Angelini, às 11 horas; Andrew Forrester (o primeiro amador em 1968), às 11 e 30; Jean Garandille, às 11 e 50; Angel Gallardo, às 12 e 40.

HOJE A NOITE



BARCELÓ DE CARVALHO

ANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa, da 2.ª Divisão: Boa Hora-Casa Pia, Vendedores de Jornais-Internacional e Madrugada Deus-Oriental, no pavilhão da Ajuda, a partir das 20 e 30 horas.

GINASTICA — Sessão solene, palestra e distribuição de medalhas, no Ateneu Comercial, às 21 e 30 horas.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonatos Nacionais de juvenis e juniores, entre o 1.º e 2.º classificados do Porto; em seniores, Carvalhos-F. C. Porto, no pavilhão do Infante de Sagres, a partir das 20 e 30 horas.

TÊNIS DE MESA

BENFICA — ÚNICO INVICTO DA TAÇA «DIÁRIO POPULAR»

A mais importante prova de quantas a Associação de Tênis de Mesa de Lisboa promoveu para assinalar o começo de mais uma época de actividade — a de seniores, dotada com a Taça «Diário Popular» — teve, ontem, o primeiro encontro de maior interesse.

Tendo os sucessivos sorteios evitado um despique entre as mais fortes representações (equipas A) do Benfica e do Sporting, nada admirou que os eternos rivais tivessem atingido tão adiantada fase da competição, contando por vitórias os encontros disputados. No ténis de mesa lisboeta isso foi naturalíssimo.

Mas, ontem, os «leões» receberam os «encarnados», e nem a circunstância de uns e outros se enfrentarem em Alvalade permitiu a concessão de favoritismos. O desfe-

cho do encontro foi incógnita até ao disputar do último ponto.

A sorte da luta pendeu para os benfiquistas. Estes chegaram a 3-0, ainda que sem a prontidão que desses números se pode concluir visto que, em duas das três partidas realizadas, só o quinto jogo ditou o vencedor.

E, quando se pensava assim, a derrota não desistiu. Vejamos os resultados.

João Rui (Bf.) v. Delfim Soares (Sp.), por 21/19, 20/22, 16/21, 21/19 e 21/11; J. Alvoeiro (Bf.) v. Luís Amorim (Sp.), por 22/20, 21/15 e 21/17; J. Rui/J. Alvoeiro (Bf.) v. D. Soares/A. Gamelas (Sp.), por 21/19, 17/21, 21/17, 15/21 e 22/20.

Para o resto da prova teremos: Benfica, sem derrotas; Belenenses e Sporting, com uma derrota.

PELÉ: o golo n.º 1000 foi de «penalty»



RIO DE JANEIRO, 20 — (R.) — Pelé, o famoso jogador de futebol brasileiro, marcou, a noite passada, o seu 1000.º golo, ao converter uma grande penalidade.

Os espectadores que enchiam o Estádio do Maracanã, com capacidade para 200 000 pessoas, ergueram-se dos seus lugares e invadiram o relvado quando o árbitro Manoel de Lima autorizou que o jogo fosse interrompido.

Pelé foi levado aos ombros dos espectadores, com os fotógrafos esforçando-se por conseguir tirar retratos da ocasião.

Registava um empate a uma bola no desafio entre o Santos, a equipa do «rei», e o Vasco da Gama, quando Eberval fez falta sobre Pelé na grande área.

A falta ocorreu aos 78 minutos de jogo, e Pelé não perdeu, convertendo a grande penalidade.

Um ambiente de Carnaval reinava no Estádio, o santuário do futebol brasileiro, quando o início do jogo sofreu um atraso de quase meia hora, devido a cerimónias que se realizaram antes do encontro, e aos fotógrafos que invadiram o campo para tirar retratos ao famoso jogador.

Um batalhão de fuzileiros navais efectuou um exercício no meio do Estádio, acabando por formar as palavras «Rei Pelé», após o mais célebre jogador de futebol do mundo hastear a bandeira do Brasil. «Quando marquei, esta noite, o meu 1000.º golo pensei em todas as crianças do mundo, em todos os que sofrem necessidades» — declarou Pelé, à saída do terreno, depois de ter marcado o famoso golo.

Muito calmo até essa altura, Pelé, então, não pôde reter a sua comoção, e, ao pronunciar estas palavras, tinha a voz embargada pelos soluços.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — **DIVÓRCIO À ITALIANA** — R O M A

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 21.45
ESTREIA
A obra-prima de Pietro Germi
DIVÓRCIO À ITALIANA
com Marcello Mastroianni
As 15.30 — NOITES DE OUTROS TEMPOS — Adultos

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
As 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Um tema altamente ousado!
DESEJO PERVERSO
com Lina Gostoni e Lou Castel

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 328283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
3.ª SEMANA
LOTAÇÕES ESGOTADAS
com MILU e CALVARIO
O DIABO ERA OUTRO
com Nicolau Breyner, Julieta Castel, Fernanda Borsatti e Armando Cortês
Fados por HERMINIA
Canções de JOÃO NOBRE
Eastmancolor

MONUMENTAL

(M. 17 anos) Tel. 555131
As 21.30
Jovem, bela e cruel, caprichosa e violenta, dominada pela ambição
A PERVERSA
com Ryan O'Neal e Leigh Taylor-Young

QUINZENA DE TERROR
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
A MALDITA, O GATO E A MORTE
de Roger Corman; com Vincent Price, Peter Lorre e Basil Rathbone.
Quinzena: Moderno Cinema Americano

VOX

(M. 12 anos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
George Peppard e Mary Tyler Moore
Na mais louca e imprevisível comédia do ano...

O MAGNÍFICO INTRUSO

Um filme de George Seaton em techniscope e technicolor
R. Bulhão Pato (à Av. Roma)

LIZ

(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
DAVEY, O FOLGAZO
O REGRESSO
DOS 7 MAGNÍFICOS

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729
As 17 e 21 e 30 h.
UM DÓLAR FURADO
com Montgomery Wood e Evelyne Stewart

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 505595
As 3 e às 6.15 da tarde (p. red.) e às 9.30 da noite
FRANK SINATRA
num filme policial de grande categoria
O DETECTIVE
com Lee Remick

POLITEAMA

(Adultos) Tel. 326305
Hoje, às 15.15 (p. r.) e às 21.30
UM FILME SENSACIONAL ARROJADO E PROVOCANTE
A PRIMAVERA EM ROMA DE MRS. STONE
com Vivien Leigh e Warren Beatty.
TECNICOLOR
HOJE, às 18.30 — (Adultos) — SESSÃO CLASSICA

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
4.ª SEMANA
Um filme de John Frankenheimer
Alan Bates, Dirk Bogarde e Elizabeth Hartman em
O HOMEM DE KIEV
(METROCOLOR)

ESTUDIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
A obra-prima várias vezes premiada de André Delvaux
O HOMEM DA CABEÇA RAPADA

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
As 21.45
4.ª SEMANA
Um festival de belas canções no cenário maravilhoso do Brasil
QUIMERA
com Gianni Morandi e Laura Efrikian

LIDO

Praça D. João I — AMADORA
As 21.30
Emoção e violência num filme policial espectacular!

A ROLETA DA MORTE
com Robert Wagner e Peter Lawford

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
CASEI CONTIGO POR ALEGRIA
com Monica Vitti e Giorgio Gubertazzi

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
Uma atriz quase desconhecida Um título quase vulgar... Um filme excepcional... Um espectáculo de rara qualidade...

SOU EU A NATALIA
com Patty Duke, James Farentino e Elsa Lanchester
Cor De Luxe

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
Uma atriz quase desconhecida... Um título quase vulgar... Um filme excepcional... Um espectáculo de rara qualidade...

SOU EU A NATALIA
com Patty Duke, James Farentino e Elsa Lanchester
Cor De Luxe

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 535743
As 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE ÊXITO
Amor, desejo, loucura e crime no vibrante filme de Michel Boisrond

UMA NOITE NA PRAIA
com Genevieve Grad, Dahlia Lavi e Jean Desailly
Metro: Estação Picoas

CONDES

(Adultos) Tel. 522523 - 326710
As 15.15, 18.15 e 21.30 h.
Nathalie Delon e Renaud Verley
4.ª SEMANA
O amor e o sexo Uma mulher e um jovem!

A LIÇÃO PARTICULAR
com Robert Herson
VERSAO INTEGRAL

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
O filme de Pietro Germi que obteve o GRANDE PRÉMIO NO FESTIVAL DE MOSCOVOI
SERAFINO... É SEXACIONAL!
com Adriano Celentano e Ottavia Piccolo
TECNICOLOR

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) As 15 e às 21 h.
A PARTILHA
NAO FAÇAS ONDAS

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 horas
NASCI PARA AMAR
MISSÃO TEMPESTADE

SÃO JORGE

(M/ 12 anos) Tel. 54153/4
As 15.00, 18.15 e 21.30
Em 3.ª SEMANA de classe invulgar

A BATALHA DE INGLATERRA

com Laurence Olivier, Michael Redgrave, Trevor Howard, Curt Jurgens, Christopher Plummer e Susannah York

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661018
As 21.30
Jack Lord e Melodie Johnson em
O BANDOIRO NEGRO
Technicolor

Arrabal no Experimental de Cascais

Apesar de todas as dificuldades com que se debate, o teatro português pode manter uma certeza: a de que os bons espectáculos agradam aos sectores mais diversos do público que anima as salas onde eles decorrem. A comprovação, o êxito de Arrabal.

Num teatrinho (o «Gil Vicente», de Cascais), um grupo sem grandes possibilidades financeiras, mas ambicioso no que respeita a uma boa programação (o Teatro Experimental de Carlos Avilez), vem a prová-lo, todas as noites, através da representação das peças «Oração» e «Os dois Verdugos», de um dos maiores autores da actualidade: Fernando Arrabal.

Quantos ali têm ido (e são muitos) manifestam unanimidade de opiniões: a representação de Bunce Munoz e Santos Manuel é inextinguível na primeira das pequenas peças, mantendo a consagrada actriz, na segunda, o nível de interpretação que a guindou alto entre nós. E unanimidade continuam a ser as opiniões de quem respeita a qualidade da obra em que está patente toda a infantilidade cruel de uma linguagem sem segundas intenções nem equívocos.

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno D

AJUDA — Mendes Gomes, Calç. da Ajuda, 222 (638256) * **TAPADA, Lda.**, Calç. da Tapada, 83-A (634721)
ALCANTARA — Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Lusa, Av. Almirante Reis, 99-A (41269) * **Romão Baptista**, R. Passos Manuel, 61-C (50593) * **Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479)
ALTO DO PINA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A (à Pr. Paiva Couceiro) (843571).
ALVALADE — Libia, Av. da Igreja, 4-8-C (711681) * **Nova Iorque**, Av. Estados Unidos da América, 140-13 (junto a Entre-compos, 769658)
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (681515)
AREIRO — Marbel, Av. de Roma, 131-A (776235) * **Lustosa**, Avenida de Roma, 8-A (735443) * **Chinde**, R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331)
AVENIDAS NOVAS — Lungenit, Avenida da República, 55-A (772132) * **Providência**, R. D. Filipo de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego (770324) * **Sã da Bandeira**, R. Marques 56 da Bandeira, 36-42 (41961-54672) * **Olivera**, Viegas, Rua Viniata, 29-A (48966-55360).
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zira, Casas Novas, lote 66 (310172).
BAIXA — Simões Pires, Rua do Prato, 115 (362350).
BENFICA — Benfilius, E. de Benfica, 444-A (782606) * **Benficia**, Estrada de Benfica, 180-A-B (780511) * **Progresso**, Estrada A-da-Mala, 64-C (702226) * **Macedo**, Est. do Poço do Chão, 69-G (703697).
CAMINHOS-DE-FERRO — Cruz de Malta, L. Chafariz de Dentro, 36 (866126).
CAMÕES — Andrade, R. de Alecrim, 125 (329446-370685).
CAMPO DE OURIQUE — Unleido, R. Ferreira Borges, 30 (660955) * **Findar**, R. D. Maria Pia, 514 (687949).
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (593308).
CAMPOLIDE — Renil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) * **Zénel**, Rua A, 182 (Bairro da Liberdade) (651840) * **Nova**, R. de Campolide, 297 (687475).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo), Justino Padrel, 21 (832580).
ESTEFÂNIA — Fonseca, Largo de D. Estefânia, 4-5 (54808).
GRACIA — Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A-39 (862909) *

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «O pecado de João Agonia» (17 anos).
GIL VICENTE — As 22: «Oração» e «Os dois Verdugos».
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 23: «Esperteza solista» (17 anos).
MARIA MATOS — As 21 e 45: «Tombo no Inferno» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — As 22: «A dança da morte» (17 anos).
A B C — As 20 e 45 e às 23: «Ena já fala» (17 anos).
VILLARET — As 21 e 45: «Amor às riscas» (17 anos).

CAÇADA ÀS RAPOSAS

MONTARGIL, 20 — Na herdade do Paul, houve uma caçada às raposas. Foram abatidos oito belos exemplares — que mais não apareceram. Os habitantes da região ficaram contentíssimos, pois viram-se libertos de oito indesejáveis «clientes» das suas capoeiras.

CINEMAS

MOSCAVIDE — As 21: «Quando beijos um desconhecido» (17 anos).
ARCO IRIS — As 21: «O charlatão» (12 anos).
IDEAL — As 21: «A beira do abismo» (17 anos).
OLÍMPIA — As 19: «A invasão da Terra» (12 anos).
CINEARTE — As 21: «Emboscada na sombra» (12 anos).
JARDIM — As 21: «Mal por mal, antes com elas» (17 anos).
SALAO LISBOA — As 19: «Robert Carlos em ritmo de aventuras» (17 anos).
CINE-ORIENTE — As 21 h.: «A Batalha das Andenas» (12 anos).
PROMOTORA — As 21 h.: «Blue» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — As 21 h.: «Carnaval de assassinos» (17 anos).
CAMPOLIDE — As 21 h.: «O último degrau» (17 anos).
UNIVERSAL — As 21 h.: «Com a pedra no sapato» (17 anos).
SPORT L BENFICA — As 21 e 30: «Pêndulo» (17 anos).

Linha de Cascois

ALGES — STADIUM — As 21 e 30: «Unity Girl» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21: «Norman Gamboa» e «Brincadeiras proibidas» (12 anos).
PARADE — ROYAL-CINE — As 21: «Um certo sorriso» e «Munieta» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e às 21 e 30: «Um dólar furado» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «O jogo é mator» (17 anos).

Outra banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «Assalto ao forte» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — As 21 e 15: «Descolços no Parque» (17 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOAO V — As 21 e 30: «Tempo de Massacre» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21: «Carabinas inimigas» e «Jerry 8 3/4» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21: «Grande golpe dos dois homens de ouro» e «Nova York chama o super dragão» (12 anos).

ALCOCHETE — Gamboa, L. António dos Santos Jorge 5 (Tel. 723400).
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (7224020).
ALMADA — Nuno Álvares — Av. D. Nuno Álvares Pereira 39 (Tel. 270504).
BAIXA DA BANHEIRA — Atenção — Est. Nacional 74 (Telefone 224302).
BARREIRO — Pimenta — R. Cons. Joaquim António Aguiar 259 (Tel. 2273012).
COVA DA PIEDADE — Carqueja — Atouza, p. 5 de Outubro 18 (270254).
MOITA — Silva Rocha — P. da República 6 (Tel. 239029).
MONTIJO — Diego, R. Almirante Canódo dos Reis 42 (230032).
SESIABRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (722028).
SETUBAL — Bocagema — R. do Romeu (Tel. 23425).
SEIXAL — Godinho — L. do Grelo, 5 (Tel. 225580).

SINTRA — Marras — Largo Raimundo D. Amêlio, 20 (Tel. 980155).
COLARES — Cetele — Abrejo — Tel. 990988.

Outra banda

ALCOCHETE — Gamboa, L. António dos Santos Jorge 5 (Tel. 723400).
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (7224020).
ALMADA — Nuno Álvares — Av. D. Nuno Álvares Pereira 39 (Tel. 270504).
BAIXA DA BANHEIRA — Atenção — Est. Nacional 74 (Telefone 224302).
BARREIRO — Pimenta — R. Cons. Joaquim António Aguiar 259 (Tel. 2273012).
COVA DA PIEDADE — Carqueja — Atouza, p. 5 de Outubro 18 (270254).
MOITA — Silva Rocha — P. da República 6 (Tel. 239029).
MONTIJO — Diego, R. Almirante Canódo dos Reis 42 (230032).
SESIABRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (722028).
SETUBAL — Bocagema — R. do Romeu (Tel. 23425).
SEIXAL — Godinho — L. do Grelo, 5 (Tel. 225580).

SERVÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 * **Companhias Reunidas**, 537011 * **Gazdita**, 538821 * **Gazdita**, Idem e feriados, 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 322222. Voluntários, 538524.
POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * **Segurança Pública**, 866141 * **Judicário**, 535380 * **Marítima**, 326456 * **Internacional**, 362721 * **Vigância e Trânsito**, 42205 * **G. N. R.** (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 * **Enfermagem permanente**, 766161 * **Enfermagem de urgência**, 43738 * **Hospital de Santa Maria**, 775171 * **Hospital de S. José**, 860131 * **Sangue**, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * **Transfusões**, soros e oxigénio, 538524 * **Centro de Intoxicações** (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * **Caminhos-de-ferro**, (C. P.), 869029 * **Caminhos-de-ferro** (Estoril), 861121 * **Estação fluvial** (T. Paço), 325345 * **Estação marítima de Alcântara**, 663195 * **Estação Marítima da Rocha**, 672445 * **Estação fluvial** (Belém), 638511.

BOM APETITE

CASTANHEIRA

E. de Toro - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(M. 15 anos)

NOVO RESTAURANTE SÁO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM

AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Tel. 22 82 44
LOCAL APROPRIADO PARA
ALMOÇAR e TOMAR CHÁ

POPFADO

Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE

BAR-BOITE

(M. 17 anos)
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D
(à Av. Duque de Loulé)

CERVEJARIA E RESTAURANTE

SERVÇO REQUINTADO AMBIENTE SOBERBO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ AS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Tel. 42963

Diário de Lisboa Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telf. 32 02 71-2-3 e 32 11 84-5
End. Tel. DISOA, Telex 1369
Lisboa 2 — Portugal

Um esclarecimento oficial sobre a ampliação do aeroporto da Portela vai ser pedido pela Câmara Municipal

De vez em quando

Já por mais de uma vez vos falei da minha rua. Volto hoje a fazê-lo, pois se trata de uma rua como as outras, igual às ruas de cada um de nós. Pois aconteceu na minha rua... Prezo-me de ver com bons olhos quanto de sinal de progresso. Mas fico sempre de sobreaviso, não vão esses sinais ser apenas fogo-de-artifício, tal como aconteceu com a mercearia — lá da minha rua, está claro. O proprietário resolveu pintar a fachada, dar novo arrumo aos expositores e pouco mais, mas considerou a modificação suficiente para que a loja deixasse de ser mercearia para ser supermercado. Claro que o progresso, assim, em boa verdade, fica iludido. É quase como que matar o bicho e deixar ficar a peçonha.

V. D.

tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado e o vento era fraco a moderado. Nordeste.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 19,2; mínima: Penhas da Saúde — 1,5.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 7; Faro, 12; Funchal, 16; Lisboa, 10; Penhas Douradas, 0; Portalegre, 5; Porto, 7.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 13; na água do mar: 15,2.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Nas regiões do Norte, céu geralmente pouco nublado; nas do Centro e Sul, céu com períodos de muito nublado, períodos de chuva ou aguaceiros e possibilidade de trovoadas no Algarve; vento fraco a moderado de Leste; em todo o território.

Amãhã
Nascer às 8 e 26
Ocaso às 18 e 20

MAREAS
PAREIA-MAR: Dia 20 — 18 (3,6 m); 13 e 37 (3,8 m); Dia 21 — 2 e 07 (3,9 m); 4 e 27 (3,9 m); Dia 22 — 2 e 50 (3,9 m); 15 e 17 (4 m); BAIXA-MAR: Dia 20 — 7 e 10 (1,4 m); 19 e 38 (1,2 m); Dia 21 — 7 e 58 (1,2 m); 20 e 22 (1,1 m); Dia 22 — 8 e 41 (1,1 m); 21 e 02 (1,1 m)

A Câmara Municipal de Lisboa vai pedir um esclarecimento oficial sobre as projectadas obras de remodelação e ampliação do Aeroporto da Portela, afirmou hoje na reunião da edilidade o vice-presidente em exercício, sr. Aníbal David, ao responder a uma intervenção do vereador Antunes Branco.

O tema foi ainda comentado pelo vereador Manuel Casimiro de Almeida, que já em tempos se lhe referira a propósito da urbanização da zona ocidental de Lisboa, contrariada, como hoje reforçou, pela servidão militar e aeronáutica do até agora único aeródromo internacional da cidade.

leu e pasmou, os técnicos da Aeronáutica Civil preocupam-se com a remodelação e ampliação urgentes do Aeroporto da Portela; prevê-se uma segunda aerogare (junto à Avenida do Brasil) e o início das obras estaria dependente apenas da decisão final do Governo; enfim o «novo aeroporto» (do Pinhal Novo) não servirá o tráfego da próxima década, já que a sua construção é em função do «tráfego aéreo do futuro».

A Direcção-Geral da Aeronáutica Civil veio posteriormente esclarecer que «as informações contidas na referida reportagem não tinham carácter oficial».

— Mas a verdade — comentou o vereador — é que sem embargo as citadas obras, obras de grande vulto, estão a ser realizadas no Aeroporto da Portela. Por isso aquele esclarecimento pouco adianta e sobretudo não tranquiliza a população da cidade, que todos os dias sofre, em incómodidade e risco de acidente, os efeitos de um tráfego aéreo internacional que, sendo já intenso, mais se acentuará em futuro próximo, aumentando na mesma medida não só a incómodidade da população mas ainda o risco — que é real, quer queiramos quer não — de acidente catastrófico sobre a cidade.

Ruas, casas e um hotel

O resto da sessão foi preenchido com uma intervenção do vereador Arlindo Tavares sobre o trânsito na capital (para o qual pediu uma «regulamentação rigorosa», já que todos os dias aumenta «a quantidade de vidas ceifadas pela terrível máquina que é o automóvel») e com a aprovação de várias propostas para levar à praça uma série de lotes de terreno para construção.

Destes cabe mencionar um em especial: na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, onde se ergue um hotel.

A SOCIEDADE DE NATURALOGIA TEM 57 ANOS

Faz hoje 57 anos a Sociedade Portuguesa de Naturalogia, em cuja sede (Rua do Alecrim, 38, 3.º) decorre, às 20 e 15, um jantar comemorativo. As inscrições podem fazer-se pelo telefone 33335.

O seu colega Manuel Casimiro de Almeida apoiou a intervenção. Também ele tem dedicado tempo e cuidados ao assunto, e não se escusa de afirmar (como afirmou):

— Há que tornar conhecido o seguinte: se certas coisas se não fazem não é por culpa da Câmara, mas porque são vetadas por poderes mais altos. E a Câmara fica com o odioso da questão...

Jovens dirigentes reunidos em Cascais por iniciativa do «Atlantic Institute»

«The Atlantic Institute» é uma organização privada, a nível internacional, fundada em 1961, cujo objectivo consiste em promover a cooperação entre os países atlânticos nos sectores da economia, da política, da sociologia e da cultura.

Trata-se do primeiro centro não governamental, e de carácter multinacional, para o estudo de problemas atlânticos comuns. Sob a actual presidência de John Loudon, cinquenta personalidades de dezoto nações dedicam-se a aturados estudos para uma aproximação efectiva entre os homens.

Hoje, em Cascais, (The Atlantic Institute) deu começo a uma reunião de dirigentes jovens, reunião que terminará no próximo sábado.

Os participantes, ao princípio da tarde, foram obsequiados com um almoço oferecido pelos srs. drs. Manuel Espírito Santo Silva e André Gonçalves Pereira, elementos

portugueses do «Atlantic Institute».

Depois do almoço, efectuou-se a primeira sessão, tendo sido discutida a evolução interna e a projecção externa da Península Ibérica.

Amãhã, de manhã, serão discutidos os principais acontecimentos do mundo atlântico: política externa assumida pelos E. U. A.; problemas do Mercado Comum; relações entre o Ocidente e o Oriente; e, finalmente, a situação da Alemanha Ocidental depois das últimas eleições. A tarde, será discutido o futuro da Europa: integração económica mais ampla, novos institutos políticos, o sistema de segurança europeia a partir das alianças já firmadas.

A reunião termina sábado (como acima se disse) com uma discussão sobre desenvolvimento. Preside à sessão final o professor André Philip, presidente do Centro de Desenvolvimento (OECD).

GANADARIA ESPANHOLA EM PORTUGAL

MADRID — Por contrato assinado nesta capital, D. Manuel Prieto, proprietário da ganadaria «Priego», nomeou o comendador Francisco José Simões, proprietário da exploração agro-pecuária Quinta das Terras, seu agente exclusivo em Portugal metropolitano.

Este o assunto dominante de uma sessão que decorreu sem a presença do general França Borges, em viagem pela América do Sul, e que por isso mesmo teve a dirigi-la o vice-presidente Aníbal David. Presentes, também, o outro vice-presidente, eng.º Segismundo da Câmara Saldaña, e dez dos doze vereadores.

Antes da ordem do dia o sr. Aníbal David saudou os vereadores Santo se Castro e Ricardo Horta (ausente) pela sua eleição para a X Legislatura da Assembleia Nacional. São, segundo as palavras do vice-presidente, «dois novos e ilustres deputados, lidimos trabalhadores pelas causas justas».

Agradecendo a saudação, o deputado da U. N. (e vereador em exercício) Santos e Castro concedeu que «não terá sido indiferente para o critério da escolha o facto de ele e o dr. Ricardo Horta pertencerem à vereação da C. M. L. Estabeleceu-se, pois, um vínculo a que ambos saberão corresponder».

Aviões na cidade

A já referida intervenção do vereador Antunes Branco foi-lhe sugerida, segundo disse, por uma reportagem publicada no 7 deste mês.

Uma grande máquina fotográfica que cabe na palma da mão !...

Minolta 16 mm.

3 MODELOS :
16 PS
16 II
16 MG

CRUZEIRO STAR DO FIM DO ANO
no paquete
«SANTA MARIA»
especialmente fretado pela STAR
27 de Dezembro a 2 de Janeiro
LAS PALMAS - TENERIFE - FUNCHAL
UMA SEMANA DE SOL, REPOUSO, ENCANTO E DIVERTIMENTO
ALGUMAS CATEGORIAS ESGOTADAS

Preços desde Esc. 2.190\$00
UTILIZE O CREDI-STAR

CONSULTE A STAR
Telfs. 539871 - 362501
OU O SEU AGENTE DE VIAGENS

STAR
TURISMO VIAGENS
Lisboa Estoril Faro
Porto Funchal Luanda

A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

CÂMARAS FOTOGRÁFICAS
Minolta 16mm.
O PEQUENO GIGANTE DA FOTOGRAFIA

A VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

O Presidente da República assistiu a uma sessão privada no Cinema S. Jorge

Realizou-se esta manhã, no cinema S. Jorge, uma sessão privada promovida pela F. N. A. T., para apresentação de alguns documentários que reflectem as actividades daquella organização.

Entre os filmes projectados, todos eles produzidos por Francisco de Castro, constavam «Crónica do esforço perdido», realização de António Macedo, cinco vezes premiado; «Saude e desporto para trabalhadores», «Inauguração do Parque Desportivo Salazar», em Ramalhe, no Porto, e «Actualidades portuguesas».

A esta sessão assistiu o sr. Presidente da República. Estiveram também presentes o ministro das Corporações, os subsecretários da Juventude e Desportos e do Trabalho e Previdência, almirante Henrique Teixeira, dr. Manuel Telles, presidente da Corporação dos Espectáculos, drs. Bento Pereira do Amaral e Frutuoso de Melo, respectivamente presidente e vice-presidente da F. N. A. T., bem como muitas outras entidades oficiais e personalidades relacionadas com as actividades corporativas.

SUPLEMENTO

Diário de Lisboa

LITERÁRIO

N.º 589/20 DE NOVEMBRO DE 1969

Um inédito de
MANUEL DE LIMA

Apresentado por
LUIZ PACHECO

(página 8)



ABOMINÁVEL é um adjetivo difícil. Um homem sem cabeça (no Campo Grande) após um desafio de futebol (caiu do eléctrico, veio o atrelado e — zás...) é horripilante. Uma velha sem dentes numa cervejaria (no Campo Pequeno) mastigando marisco com as gengivas é repugnante. Mas que degradações será preciso ultrapassar para atingir o abominável? Abominável é uma palavra difícil até custa a dizer...

abominável novo mundo



Desenho de Topor

por José Vaz Pereira

Uma literatura do abominável? Isso mesmo, sem tirar nem pôr. Contos abomináveis? Tal e qual. A medida de um mundo abominável, à medida da cumplicidade de muitos na abominação de todos.

Note-se por exemplo, a elegância técnica (a boa *short-story* à maneira americana) de Richard O'Connor em *A Caça do General Zaroff*. Aliás, aí, o abominável não se insere na descrição, no desenho mais ou menos carregado de um pormenor odioso. A narrativa é elíptica, o diálogo semivariado. O abominável encontra-se na aberração de um aristocrata que, esgotados todos os prazeres da caça corriqueira desde os abutres às feras, se decidiu pelo requinte de caçar o único animal com função cerebral superior. Crime? Desporto de senhores enfastiados. Mas a caça ao homem — feita em silêncio, espectacular ou ritualista — será algo que nos choque? Claro que a *A Caça do General Zaroff* relaciona-se com uma série de coisas abominavelmente

contemporâneas, com o triunfo dos fortes sobre os fracos e inclusive com a agressividade arrogante do fascismo. Mas o abominável não se detecta imediatamente.

Não se pode afirmar o mesmo dos outros contos que formam a antologia. O abominável surge com a insuportabilidade de um inseto no plano de uma lâmina a contar um globo ocular, como no *Chien An-dalou*, de Bufuel.

Mas a conclusão que se atinge, desde esse admirável *Hop-Frog*, de Edgar Allan Poe, até autores mais recentes, como Arrabal e Boris Vian, é comum. E impõe-se, sem deixar lugar a dúvidas: o paralelismo inquietante do mundo abominável com o nosso mundo. E seria talvez uma lacuna se para confirmar em absoluto esta tese, um conto como *Não Esperavam Outra Coisa*, de Dino Buzzati, não tivesse sido antologado.

Igualmente nessa fábula feroz sobre a crueldade do homem em relação a outros homens, o odioso cria-se através de uma deter-

minada atmosfera. Atmosfera de intolerância, de desconfiança, de frieza e de hostilidade em relação ao intruso. Reações primitivas contra os que insistem, mesmo em cidades desconhecidas, em amar-se. *Não Esperavam Outra Coisa* consiste precisamente nessa ofensiva brutal contra o cada vez mais atacado direito de ser diferente. Perante a ferocidade com que uma justiça de turba (em nome da «ordem e da segurança») se abate sobre um casal de estranhos que procura simplesmente um quarto num hotel ou um banco no jardim ou um lugar à sombra atrevemo-nos a pensar em que parte é que deste abominável mundo novo, para lá de comédias ou filmes americanos, poderíamos realmente os amantes andar «descaídos no parque»...

O conto de Buzzati torna-se implacável por essa ausência de claridade com que nós, a cada passo, coexistimos. Dada a estrutura dialectal do italiano, para Anna e Antônio, o casal repellido e por fim enjaui-

lado, até a linguagem se transforma em mais um obstáculo, em mais uma barreira, em mais uma segregação. Mas na época do assassinato de Luther King, do «apartheid» e de uma rapariga solteira expulsa de uma ilha por ter um filho — *Não Esperavam Outra Coisa* põe-nos perante uma construção meramente literária ou perante uma realidade que não nos atrevemos a olhar de frente? Não conhecemos todos imensas Annas, inúmeros Antônioos desprotegidos, indefesos perante os cães de guarda? E se o General Zaroff mata e a comunidade respeitável do conto de Buzzati encarcerará não estará isso dentro daquilo a que sinistramente se chama a lógica do quotidiano?

Dirão certamente que nem todas as coisas são assim. Que esses contos têm — e é verdade — para lá do *Grand-Guignol* (confesso que vi o *Grand-Guignol*, hoje fechado, e me impressionou muito menos que as histórias

(Continua na página seguinte)

Novo colaborador da revista francesa «Jazz-Hot», Ted Joans é um poeta americano de quem a editora «Terrain Vague» publicou recentemente as «Propositions pour un manifeste Black Power». Também nos E. Unidos saiu no mês passado «A Black Pow Pow of Jazz Poems», uma colectânea de poemas seus. Ted Joans; um homem cuja autobiografia quase se confunde com a história do jazz. Aqui a revelamos.

Ted Joans: Autobiografia

«Meu nome é Ted Joans/ nasci a bordo dum barco do Mississippi / ouvi os sons do jazz antes mesmo de nascer / meu pai trabalhava a bordo, minha mãe, grávida, passava as noites a tricotar atrás do palco / aos cinco anos ofereceram-me uma trompeta tão velha, com os «pistons» tão perros, que eu tocava-a como se ela fosse um clarim / trabalhei num teatro de «vaudeville» em Kentucky e Indiana / foi lá que ouvi as orquestras de J. Lunceford, D. Ellington, C. Basie, E. Hines, B. Carter, B. Eckstine e muitas das orquestras brancas dos anos 40 / conheci Miles Davis quando ele era trompetista na orquestra de B. Eckstine; lembra-me que ele me mandou comprar-lhe uma

«coca-cola»... / Nessa altura Louis Jourdan era o James Brown da época / Na escola pertenci a um grupo, «Two men from Mars», que cantava com a orquestra de Gene Krupa / escrevia na altura letras para temas «bop» mas fartei-me depressa de cantar sempre a mesma coisa / passei a tentar dizer poemas, como solista / como era muito difícil decidir passar a escrever os meus poemas e a recitá-los com música / sempre imitando o fraseado dum saxofone ou duma trompeta, eram, por assim dizer, «solos poéticos» / a era das grandes orquestras foi um dos melhores períodos «colectivos» de toda a história do jazz / Todos se ajudavam uns aos outros / há certas alturas que pergunto a mim mesmo: que será feito de todos esses músicos, onde estarão eles agora? / todas as orquestras que ouvi tocar, ou o faziam em balles ou em

(Continua na 7.ª página)



«O jazz é a música dum povo, do meu povo»



Desenho de Topor

Abominável

(Cont. da página anterior)

abomináveis reunidas neste volume) uma determinada qualidade literária, uma valorização da dimensão onírica da nossa vida, um ataque surreal à banalidade e à falta de imaginação. Mas, precisamente por isso mesmo, seria lamentável colocá-los dentro da redoma reservada ao delecto dos cultores do estilo pelo estilo. Um relato como *As Formigas*, de Boris Vian, entronca-se perfeitamente na tradição protestária de um Erich Maria Remarque ou de um Barbusse, no grito solitário e revoltado de um Céline, na insensata destruição do ser humano em *Os Nus e os Mortos*, de Norman Mailer. Lembro-me, há muitos anos, de espelhar por um óculo (instalado em barracas de romarias e feiras — olhadela a \$20 ou a \$50) onde se viam «acontecimentos da guerra» ou seja, num sépia arrepiante, soldados com a cabeça

esburacada por balas. Não sei se os diapositivos se referiam à guerra da Espanha, à guerra da Abissínia ou a outra Grande Guerra que se iniciara nessa altura. Só sei que iniciavam o longo processo de viver ao mesmo tempo que a abominação. Abominação que é um polvo com muitos tentáculos, muitas ventosas. Abominação que o homem não conseguiu ainda arrancar do homem. Esta antologia mostra a persistência desse pesadelo. O abominável... sim, o abominável. Como no Bê-fra, filha.

ANTOLOGIA DO CONTO ABOMINÁVEL

Seleção, tradução e notas de Aníbal Fernandes
Prefácio de Victor Silva Tavares

Capa e orientação gráfica de Carlos Fernandes
Edição de Fernando de Mello
Coleção Antologia — («Afrodite») — Lisboa, 1969

Nunca ninguém

OS GRILOS NÃO CANTAM AO DOMINGO
Humorismo, por Santos Fernando
Parceria A. M. Pereira, Lda.
Lisboa — 1969

A TENTACÃO É FORTE: ressaltar do efêmero jornalístico textos que se foram acumulando no decorrer dos anos, já constituem um volume de tomo mesmo após uma necessária seleção, são negociáveis, são dignos (ou assim se julga; julgam os autores, enlevados, arrastados pela sua humana babosice criadora ou vaidade) de figurar, fazer um livro, perpetuando-se nele. O processo é corrente, deu origem a muitas obras-primas (cá e na estranha) e também a inúmeros flascos, monos, sucata impressa vendida a granel, a peso. Porque apresenta riscos e graves, acrescidos (cá) por um acervo de limitações e óbices que obrigam a prosa improvisada para as tantas colunas de tralha quotidiana ou semanal ou qualquer outra produção jornalística a um salto para a sua posterior coleção em livro, onde quase tudo se estatela, esparrinhando em redor futilidades, pressas, alusões episódicas (quem se lixa é o bey de Tunís, confidência sempre citada do Eça), em suma: as molas da fabricação são contrárias, porque no jornal impera a actualidade, que esquece e morre ao virar da página para o livro requere-se uma ultrapassagem dela, tentativa de um perene que não estava ou incomodamente podia aflorar no espírito da sua concepção original. Logo (e para abreviar esta meia-dúzia de verdades consabidas, de lugares-comuns que, no entanto, me senti no dever de recordar como aviso-prémio à matéria em debate): além de uma seleção rigorosa uma readaptação, um aprofundamento, um alargar de objectivos que resulte. Transplantar, sim, mas precavendo rejeições a mais longo ou curto prazo. Melindrosa tarefa. Sujeta que livre-nos Deus!, embora muito boa gente cada nela e me sinta *mea culpa* réu do mesmo pecado.

Perante Santos Fernando e esta sua última colectânea, não, livro que publica, parece-me que estarei a pregar o padre-nosso ao vigário... decerto que ele ponderou e maduramente, com uma larga experiência, ao que se atreva e me poderá replicar que eu próprio o incitei. Havia, de facto, nas centenas de crónicas ou contarelhos humorísticos que em anos sucessivos publicou aos domingos no «Diário Popular» abundante material que aproveitaria — peneirado, revisto circunscreto ao essencial e mais duradouro, enformado num volume sem repetições nem páginas mortas. Mas...

Assim como a noveleta (fracassada), *Consolação Número Três* (editada em 1963, mas de factura anterior) marcava um retrocesso ou um passo em falso em relação a *Tempo de Roubar* (1964), quanto a

mim a sua obra mais conseguida e contundente, *Os Grilos Não Cantam ao Domingo*, ora editada, não vai muito além d'*As Uvas Estão Maduras* (1965). Ainda nos seus melhores trechos. Exemplificando: seguem estes, em meu entender, glosando mas não amplificando, a lição de exemplar *nonsense* que era, ali, uma peçazinha de antologia. O avô esborrachado, ferindo justo e pelos mecos mais singelos, mais directos. Aqui, textos como *Objectos Perdidos*, *O Peixe dos Outros*, *Nos Fatos e nas Almas Mais Puras* ou *Sempre Muita Sorte* apontam a nível semelhante. Sim. Mas impunha-se uma certa depuraçãozinha no pormenor; linguagem, por vezes, desliza-se afrouxa por exeresências, redundante em efeitos fáceis compro-



metendo autênticos achados, temas estupendos menorizados por um não acabamento de que sentimos o A. capaz mas a modos que preguiçoso. Numa lassitude que pode ser levianidade ou auto-suficiência e dá pena (a mim, dá; enche-me de raiva). E aí estão as breves páginas do monólogo *Incerteza* a demonstrarem-nos o que



Santos Fernando, num à-vontade surpreendente, no mais genuíno do seu talento (ironia espontânea, alerta, desprentiosa), seguro no seu profissionalismo adrega atingir, querendo. Do grosso do volume, sem excepção da croniqueta que lhe dá o título, acrescenta-se que há muita palha (pena, que pena!). Principalmente, atendendo ao tom de superficialidade, ao forçado e repetição de certos truques, a uma visão limitada. Condicionada, somas levados a crê-lo, pela própria primitiva finalização do local de publicação e clientela leitora a atingir. Embora nos pese, digamolo sem reboço: crises de grilo dominical a pendurar num esquecimento inevitável logo após o primeiro sono.

«Nunca ninguém me mandou escrever», afirma Santos Fernando n'Os Grilos Não Cantam ao Domingo. Ainda bem. Mas como seu admirador (e estimulante), vejo-me em boa situação para lhe recordar que sendo assim e acreditado já que a sua vasta produção deriva apenas do apelo íntimo e fecundo do seu talento (inegável), ele o não malbarate pela facilidade, a vulgaridade, que amesquinham; ou a insis-

tência, que cansa. Se me dá licença, um *récapé*: ou-sadia e rigor; atenção às circunstâncias; entranhas (suas) na travessa; vontade de descoberta; a longa paciência (Buffon); auto-seperação para o seu décimo livro. É exigir muito? Pois isso mesmo lho devemos. *Ele se deve.*

L. P.

Soma e segue

Apareceu ao público um novo número do *Jornal de Letras e Artes*, este relativo ao mês de Outubro.

Com excelente apresentação gráfica (devida a Manuel Simões), o *Letras e Artes* n.º 271 conta com colaboração de João Paes (*Festivais de Salzburgo e Bayreuth*), Luís Filipe Cos-



ta (*Festival de Veneza*), António Pedro de Vasconcelos, Paulo Rocha, Fernando Guerreiro e Eduardo Paiva Raposo (*Festival de Avignon*), Fernando Pernes (*Exposição de Lisboa*) e Manuel Gusmão (*Da violência em Poesia*, 3), além das habituais secções *Um mês de Letras e Artes* e *Pare, Escute e Olhe*.

O novo *Jornal de Letras e Artes* anuncia para o próximo número (certamente mais atento à realidade portuguesa do que o presente) uma entrevista com André Delvaux, colhida em Bruxelas. O tema será *O Homem da Cabeça Rapada e Laços Eternos*, para além do cinema em geral, de Murnau a Hitchcock, passando por *Shane* e *Laura*.

Anuncia igualmente a redacção da revista um aumento de preço. O *Letras e Artes* de Novembro já custará 7\$50. Exigências do custo de vida.

GRANDE PRÉMIO DOS LIVREIROS FRANCESES DE 1969

um ROMANCE DIFERENTE

por RENÉ BARJAVEL



318 páginas
Esc. 60\$00

Edição da

Portugalense Editora

A VENDA NAS LIVRARIAS

acaba de sair

LÍRICAS PORTUGUESAS

4.ª série

selecção, prefácio e notas de ANTÓNIO RAMOS ROSA

POETAS INCLUIDOS:

Maria Alberta Menéres, Herberto Helder, António José Forte, E. M. de Melo e Castro, José Bento, Ruy Belo, Cristovam Pavia, Pedro Tâmen, M. S. Lourenço, Fernando Assis Pacheco, José Augusto Seabra, Maria Teresa Horta, João Vário, José Carlos Ary dos Santos, Manuel Alegre, Casimiro de Brito, Armando da Silva Carvalho, Fiana Hasse Paiz Brandão, António Barahona da Fonseca, Luiza Neto Jorge, Gastão Cruz.

COLECÇÃO
ANTOLOGIAS UNIVERSAIS

PORTUGÁLIA EDITORA

Absurdo e representação

por Rocha de Sousa

ANTÓNIO AREAL
Galeria S. Mamede

NO FILME de André Delvaux ultimamente apresentado em Lisboa, Govert, empurrado contra o limite da solidão, reflecte que a realidade é confusa, e acrescenta que a vê sempre em duplicado ou triplicado. Para o artista, que vive em solidão muito da sua experiência quotidiana e do seu trabalho reflexivo, o real desdobra-se de forma semelhante, com esse carácter movente e ambíguo. Ainda que o registo da sua constatação possa ser diferente, e outra a densidade da sua loucura ou da sua lucidez, há uma experiência paralela no que se refere à sobreposição das imagens relativas ao mundo aparente. E não apenas a essas, mas, sobretudo, às que se formam no seu espírito — afinal decorrentes da sua irremediável inserção na realidade. Por esta realidade podemos entender a extensão presente, passada e futura das coisas e fenómenos que *realizam* o mundo; e o real deverá, então, definir-se como tudo aquilo que existe em cada momento. Ao domínio do real podemos, assim, ligar uma certa quantidade de registos ou de recolhas que correspondem ao momento vivido e a uma determinada forma de reacção. Esses registos, multiplicados no decorrer da vivência, sobrepõem-se uns aos outros, prolongam-se nas dissemelhanças esclarecedoras, equiparam-se à produção que, a partir deles ou contra eles, desenvolvemos no nosso espírito. A realidade, entendida, portanto, no sentido global da sua caracterização possível, é sempre o objecto

da arte, não apenas quando esta a representa, a reconstrói ou transforma, mas, também, quando a nega. Vê-se bem, dessa forma, que uma representação absurdamente fiel de segmentos da realidade, ou de aspectos do real, pode estabelecer tanto a negação do que foi representado como um objecto de arte encerrado em si próprio, e, portanto, não concreto do ponto de vista das suas identidades com o mundo visível envolvente. Não é a representação em si mesma que define a atitude realista, mas o seu *sentido*. O que é importante é reconhecer-se que os *sentidos* possíveis dessa representação, realista ou não, podem debater imediatamente recolhas logradas a partir do mundo aparente ou registos já elaborados no nosso mundo interior. Em ambos os casos, o artista situa-se sempre no domínio da realidade, que é objecto do seu esforço e da sua aventura criadora. As *aparências* ou os *sentidos* em duplicado definem-lhe a mobilidade das suas apreensões sucessivas e permitem-lhe descobrir ou destruir relações na extensão do real em que ele de facto se move. Os rebatimentos lógicos empreendidos pela criança correspondem a uma forma de realismo tão correcta como a tradução virtual da perspectiva num quadro do século passado: o tipo de mobilidade é que se liga a princípios e formas de existência diferentes. Ambos os comportamentos, que poderíamos tornar complementares um do outro, circulam legitimamente em volta do mesmo objecto, embora os resultados práticos de cada um deles se traduzam em imagens contraditórias, se não opostas.

Desenhos de António Areal

Poderemos, agora, dizer que os desenhos de António Areal expostos na Galeria S. Mamede, de imediato impossíveis de localizar na opacidade do real que experimentamos quotidianamente, reflectem, no entanto, essa experiência num *sentido* particular. São, evidentemente, representações que obedecem a uma lógica interna e que têm por objecto a realidade. Sentimentos, atmosferas, angústia pela confrontação do infinito, tudo isso nasce dentro da experiência existencial do autor e devolve-se ao plano numa corporalização necessária, ao mesmo tempo real e irreal, ao mesmo tempo terrífica e melancólica, ao mesmo tempo clara e absurda. Poeticamente, não é o linismo das imagens reflectidas que conta: o que conta são as relações e as tensões internas da obra, é o caminho inesgotável, subterrâneo e concreto da realidade que exprime. Não se trata aqui de uma realidade apreendida através de um método científico ou estritamente baseado nas operações psicológicas imediatas, mas de uma verdade mais íntima, do processo da própria imaginação, da disponibilidade que o artista realiza e assume ao decidir *escrever* e, portanto, ao desenvolver determinadas formas de comunicação. Tudo o que pertence ao domínio do imaginário, nestes desenhos pretéritos de António Areal, traduz-se, igualmente, em consciência de sentimentos e situações que realizam a sua preferência interior, que atmosféricamente referem uma visão do mundo. De início, essa visão exprime-se por intermédio de

formas que definem uma perspectiva cénica e fantástica da paisagem desabitada. A técnica é, portanto, tributária dessa realização formal, concretizando no plano os registos que permaneceram do sonho, as duplicações absurdas de uma certa realidade vivida, pressentida, ou já esgotada nas suas diluições constantes. Futuro, presente e passado aí se confundem num tempo estagnado, numa paisagem negra e imóvel cujas formas simultaneamente se reconhecem e se negam pela metamorfose do delírio. Esse delírio é, enfim, necessário para que o artista se aproprie da realidade do seu gesto, tão concreta e precisa como a montanha fabricada que particularmente o comoveu. É, então, que a escrita se afirma com maior impaciência, criando um contraponto dinâmico na serenidade medonha da paisagem, provocando rupturas, desvendando as formas uma cronologia nova e, do mesmo passo, sucessivas destruições cuja urgência se reveste de um cunho dramático. A indefinição da realidade consequente não exclui o rigor dos contrastes, a densidade do claro-escuro, o peso das formas ou de um certo horizonte que emerge do caos: com efeito, torna os objectos sobejantes mais míticos,



Desenho de António Areal (1958)

acentua o divórcio do seu significado, delimita, portanto, um espaço absurdo e inquietante. A intensidade desta arte reside mais na perturbação que provoca do que na possível justaposição significativa dos seus símbolos. Por isso, ela há-de ser, mais tarde, reflexão rigorosa do seu próprio destino — e, assim, do destino do homem também. Reflexão irónica e sistemática de situações irreversíveis, de uma realidade que se exprime pelo rigor quase matemático e que se destrói, no futuro, em pleno vazio. O conhecimento

desta crise é hoje mais claro quando se analisam as suas raízes. A visão do artista altera-se com os materiais disponíveis, com as técnicas e com a sua posição no mundo, mas a trajectória da sua vida atravessa da realidade é sempre reconhecível nos objectos que produz. De uma espécie de terror cósmico pode passar-se à ironia e ao desespero: em todo o caso, a interrogação é basicamente a mesma e o objecto desta urgência existencial permanece no horizonte de uma forma fatalmente incómoda.

Prémio Soquil

EXPOSIÇÃO PRÉMIO SOQUIL
Galeria Buchholz

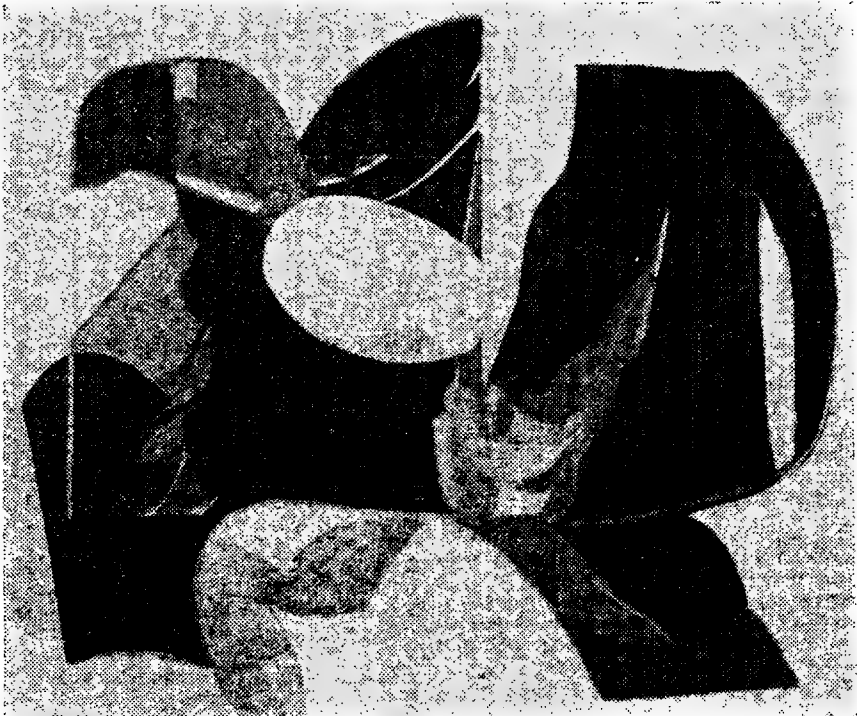
RECENTEMENTE atribuído pela segunda vez, o Prémio Soquil distinguiu este ano Noronha da Costa. Além deste artista, o Prémio estendeu compensações a Eduardo Nery, Palolo e Vasco Costa. Esta distinção anual, cuja origem já foi suficientemente apreciada, tem uma finalidade publicitária em relação à Sociedade que a instituiu e, do mesmo passo, uma função cultural através das chamadas artes plásticas. A sua atribuição, ao que parece, foi agora entregue com carácter definitivo à competência da A. I. C. A. Tal como no ano passado, a Galeria Buchholz impôs-se o encargo de expor os autores cobertos pelo Prémio. Dadas estas circunstâncias, e ainda em face das declarações do Presidente da Secção Portuguesa da A. I. C. A., dr. José-Augusto França, este Prémio Soquil é Soquil e é da crítica. A sua responsabilidade aumenta sobremaneira e o próprio júri — depreende-se na evidência — pode alterar-se democraticamente em atenção aos quadros da A. I. C. A.

O apoio da A. I. C. A. a esta iniciativa é de sinal mais, ao contrário do que já tem acontecido com outras realizações em que participou parcialmente através de um ou mais dos seus membros. O apoio agora é

global, porque as condições do Prémio se aproximam do seu próprio critério nesta matéria e porque o pode controlar por completo. José-Augusto França definiu num dos seus últimos «Folhetins Artísticos» a situação criada pelo Prémio Soquil, apoiando nela a orientação preferida pela A. I. C. A. «O artista — escreveu — fez a sua vida artística

como muito bem lhe pareceu, e os críticos do júri fazem a deles; uns produzem, outros apreciam — mas sem porem os produtores na posição de competidores, que só involuntariamente são. E sem que estes em tal situação se reconheçam. Nos quadros das vidas artísticas, no Ocidente,

(Continua na 7.ª página)



Pintura de Menez, actualmente exposta na nova galeria de arte JUDITE DACRUZ. Esta Galeria, inaugurada no passado dia 7, agrupa principalmente quatro artistas, dentro de normas estatutárias que regem a natureza desse convite. Experiência nova entre nós, travada no limiar de um mercado cujas consequências devem ser acatadas, a Galeria JUDITE DACRUZ procura defender didáctica e comercialmente um sector da nossa produção artística e ao mesmo tempo criar contactos com o estrangeiro e convidar em regime especial artistas portugueses de mérito reconhecido

DOIS
HOMENS
RAYMOND * DANIEL
UMA
MULHER
REBECCA
UMA
MOTOCICLETA

O
ROMANCE
MAIS
PERFEITO
E
PERTURBANTE
DE
ANDRÉ
PIÉYRE
DE
MANDIARGUES
A MOTOCICLETA

COL CONTEMPORANEA

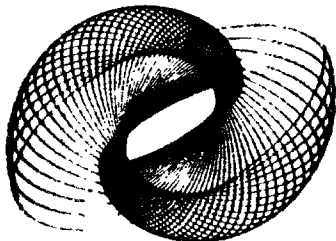
PORTUGÁLIA EDITORA



Inventariemos, inventariemos

Folhetim artístico de José-Augusto França

INVENTARIAR O QUE HÁ é boa política para saber o que, na verdade, se é... Uma empresa distribuidora de gasolina em Portugal, a «B. P.», teve a ideia de fazer perguntar quais são e como são as colecções particulares portuguesas, de pintura nacional — e esta iniciativa é, sem dúvida, de aplaudir. Inscreve-se ela no quadro de uma publicidade de prestígio, debruçada sobre a vida artística do País. Exposições, concursos, prémios, têm sido realizados ou instituídos, sobretudo a partir do ano passado, por outras empresas industriais e bancárias, que culminaram no prémio SOQUIL de atribuição anual — mas o campo da acção artística não pára aí, dado que tudo está por fazer neste domínio, no nosso virginal país. Pesquisas, publicações (e porque não um MUSEU realizado por um conjunto de empresas, pois que oficialmente jamais ele existirá?) São outras tantas portas a abrir, conforme a consciência cultural das administrações — e o seu sentido de uma publicidade indirecta mais eficiente, em certo nível, que a publicidade directa, de massacrar os ouvidos, os olhos e o juízo...



A ideia da empresa em questão, apoiada por serviços técnicos da Fundação Calouste Gulbenkian e contando, acertadamente, com jovens conservadores-estagiários, foi excelente — ou poderá ser excelente, quando tiver atingido o plano da realização. Se esta for satisfeita por um programa definido metodologicamente e a sério Dele nada sabemos, por enquanto — a não ser que se publicará regularmente os volumes do inventário.

Como serão eles realizados, qual será a sua estrutura e, imediatamente, o esquema das fichas? Tudo depende das respostas a estas questões axiais. Não basta, é claro, visitar as colecções — é preciso saber o que se está a ver e o que se vai ver, ao nível estético mas também ao nível sociológico.

Uma colecção tem quadros — e «porquês». Quem coleciona interessa tanto quanto o que se coleciona... A razão do agrupamento dos quadros é um elemento básico para o conhecimento da «vida artística» que, inventariando as obras, se aborda.

Inventário é indispensável — mas não é tudo. Primeiro, há que observar as obras, que as descrever, depois saber porque estão lá. E neste saber entram datas de aquisição (até preços, se possível...), origem das peças, condições da

compra — etc. O valor de um quadro numa colecção depende de variadas circunstâncias e da globalidade da própria colecção. Senão, trata-se de um acaso, e ter conhecimento dele útil apenas ao nível da localização para uso futuro.

Há portanto que distinguir: pretendem os organizadores dizer-nos apenas onde estão certos quadros ou podem eles ir mais longe e informar-nos de como é o fenómeno de colecção em Portugal?

Se se limitam ao primeiro domínio, já muito fazem; mas mais interessante será o segundo propósito. Ali, ficam na matéria bruta, aqui elabora-la — ao culturalmente. Por outras palavras — será estático ou dinâmico o inventário anunciado.

Bom será que os responsáveis pela execução, e a própria administração da empresa meditem neste problema, ao resolverem levá-lo a cabo. É um problema novo (e não só em Portugal); importa ter consciência dele. Um inventário hoje terá que ser diferente (em método e fins) daqueles que em Portugal já se fizeram — desde o da colecção dos Sousa-Calharizes, por sinal que em latim, o da colecção Tarouca feito por Vieira Lusitano, até por exemplo, ao das colecções Marialva ou Daupias, que são catálogos de vendas — efectuadas em Paris, á minguia de compradores portugueses... De qualquer modo, com todo o interesse se aguarda o 1.º volume dos inventários.

...Á minguia de compradores portugueses, disse eu. Esta minguia é uma constante portuguesa também, desde, pelo menos, com documentos na mão, o tempo de Francisco de Holanda que disso se queixava. No século XIX sobejam as críticas, as queixas e os protestos. «Astro maligno» a perseguir os artistas, dizia Machado de Castro; «Sibéria das Artes», berrava o Cristino, meio século depois. Passou mais um século — e é isto que se sabe...

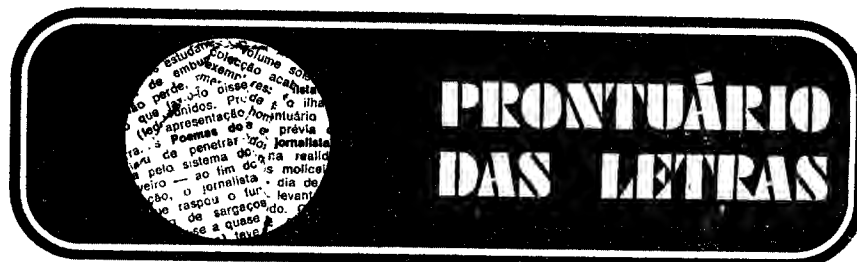
A maior colecção portuguesa actual é, sem dúvida, a do industrial e editor Agostinho Fernandes; outra, importante, a do dr. Anastácio Gonçalves, há três anos falecido. A colecção do agente de viagens do Porto, Augusto de Abreu, é notabilíssima — e ainda mais o gosto que ele pôe, homem de qualidade que é, no convívio com os muitos e valiosos quadros que possui. Impensável saber de Dominguez Alvarez, sem ir a um quarto seu; e António Carneiro Aurélia de Sousa ou Julio Resende, ganham também em passar-se através da sua colecção.

Entre os coleccionadores de autores mais modernos, há um, notável e único (que pede para não imprimir o nome: o dr. J. P. de F.), que se abalança a comprar avisadas e de gosto, no estrangeiro. Também em Portugal a sua colecção é importante — e Amadeo de Sousa Cardoso só pode ser visto em Lisboa na Fundação Calouste Gulbenkian e em sua casa. O industrial Fernando Seixas possui notáveis coisas de António Soares — e o dr. Manuel Vinhas uma larga colec-

ção de Almada, que são indispensáveis para o estudo do pintor.

Para apresentar a sua iniciativa, a «B. P.», escolheu nas colecções Abreu, Seixas, Vinhas, e ainda na do actor Igrejas Caetano e do falecido escultor e escritor de arte Diogo de Macedo, uma centena de peças, agora em exposição na S. N. B. A. Louvável decisão também — que permite ver muitos quadros de

qualidade, sem outra pretensão. Algumas das obras expostas são menos necessárias — e faltando uma peritagem em certos casos, lá se vê também um Henrique Pousão que não parece sê-lo, e um A. Cardoso que não será «Alves» mas, hipoteticamente, «Alberto», problema que convém investigar, se não antes da exposição, ao menos antes do inventário prometido.



Novo tempo, novo modo

«Há quase um ano (ou mais?) que falámos de um novo O Tempo e o Modo. Deitaram-se foguetes, e a festa tardava. Mas chegou. Não como nós a queríamos, não sem hóspedes indesejáveis, mas chegou. Novo aspecto, novas caras, novos nomes e novas coisas mais novas. Apenas, quando tudo isto ficou impresso nos pareceu que não era a altura (ainda) de falar de tudo isto que se processou durante muitos meses, muitas reuniões, muito fumo, muito trabalho.»

«O Tempo e o Modo», nova fase, começou no n.º 73 e está ao alcance de mais gente (o preço baixou para 12\$50). Novo formato, nova paginação, inclusão de gravuras, ausência de lombada a transformá-lo de «livro» em revista. Nomes no sumário: Amadeu Lopes Sabino, Sebastião Lima Rego, Luís Matoso, João Martins Pereira, Armando Abreu, Manuel Teixeira. Também a tradução de um sirventes de Peire Cardinal por Jorge de Sena. A nova equipa promete que o «T. M.» sairá regularmente a 15 de cada mês.



Os poetas publicam-se

Não há muitos editores de poesia. Há até relativamente poucos: quantos jovens poetas andará em busca de alguém que lhes publique os primeiros ou segundos versos? Assim sendo, a grande maioria dos postulantes edita-se a si própria, como aconteceu agora a Luís Bettencourt, Alfredo Canana e Fernando Melro. Bettencourt lançou de uma só vez dois livros: «Os doze ramos da árvore» e «Amigos, eu vos conto», este último com um desenho de João Alberto na capa. Alfredo Canana, jornalista, estreou-se com «Um adeus na Primavera» (500 exemplares). Finalmente o padre Fernando Melro, figura muito conhecida nos meios católicos, não fez mais do que regressar à poesia, já que «A bordo dos dias» é o seu segundo volume. Mas é o segundo volume em dez anos. E também este editado pelo autor... (Como se queria demonstrar).

Soljenitsyne

Alexandre Soljenitsyne em francês, editado pela Senil na colecção «Combats». Ao preço acessível de sete francos e meio: «Les droits de l'écrivain», agora mais actual do que nunca depois do anúncio oficial (pela «Literaturnaya Gazeta») da sua expulsão da União dos Escritores Soviéticos.

Eliot

Também em francês é também na Senil: «Poésie», de T. S. Eliot, edição bilingue vertida por Pierre Leyris. Os editores gauleses anunciam «o con-

junto da obra poética» e oxalá seja mesmo, pois assim muito bom leitor português descobriria por língua interposta um dos maiores poetas da língua inglesa de todos os tempos. (Para que conste: os «Quatro quartetos» de T. S. Eliot existem em português numa versão de Maria Amélia Neto e com a chancela da Ática).

Mais (i)novidades

Mais novidades da Editorial Inova: a segunda edição de «Terra com sede», de Papiniano Carlos (quase vinte e três anos depois da primeira), os «Ensaio sobre Cultura e História», de Armando Castro, e «Modo de Ler», de Oscar Lopes (vol. II da «Crítica e Interpretação Literária»). Preços respectivos: 55\$00, 70\$00 e 80\$00.

«Os idólatras»

De Maria Judite de Carvalho, nome que os leitores do «Diário de Lisboa» regularmente encontram na terceira página, acaba de sair «Os idólatras» (na Prelo Editora). Antes mesmo de a crítica se pronunciar já Maria Teresa Horta nos referia entusiasticamente este livro que considera «novo e diferente».

Para anotar

Apareceram nas livrarias: «Estudos de Cultura Medieval» (Mário Martins), «Animação de grupos» (Charles Maccio), «Cristianismo e Marxismo no mundo de hoje» (da Paulus-Gesellschaft), «Assim na terra» (Antonieta Gómez), «O meio divino» (Teilhard de Chardin), «Marido e mulher meditam» (Feliciano Blázquez), «Cartas aos meus filhos» (Jean Onimus), «A Igreja e os sacramentos» (Louis Evelyn), «Ensinai-nos a orar...» (idem), «Fraternidade e Evangelho» (ainda idem), «Teilhard de Chardin» (Ernest Kahane), «Cristãos em rodagem» (Valentin Galindo) e «Teilhard de Chardin-Pró e Contra» (André Monestias e Louis Sateron). Chamamos a atenção para os três livros de ou sobre Teilhard: é um súbito e curioso interesse este.

O CINEMA QUE VEMOS

	AdC	ArC	APV	JVP	LA	MML	VST
A Lição Particular (Michel Boisrond)	0	—	0	—	1	1	—
O Detective (Gordon Douglas)	—	—	3	—	4	—	—
A Batalha de Inglaterra (Guy Hamilton)	—	—	—	1	1	1	1
Os Loucos do Amor (Stuart Rosenberg)	3	—	3	1	3	2	—
Noites de Outros Tempos (A. Crispino e L. Lucignani)	—	—	—	—	0	—	—
Desejo Perverso (Salvatore Samperi)	2	2	2	1	4	3	—
O Homem de Kiev (John Frankenheimer)	1	2	0	—	4	2	1
O Homem da Cabeça Rapada (André Delvaux)	—	3	5	4	5	5	5
Serafino (Pietro Germi)	—	—	0	—	0	0	2
O Diabo Era o Outro (Constantino Esteves)	—	—	0	—	0	0	0
Sou Eu, a Natália (Fred Coe)	1	—	—	—	0	0	—
Uma Noite na Praia (Michel Boisrond)	—	—	—	—	0	0	—
O Magnífico Intruso (George Seaton)	—	—	—	—	2	—	—

Os «números»: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com algum interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

Os «votantes»: AdC (Adelino Cardoso, Revista «Rádio e Televisão»); ArC (Armando Castro, dirigente cineclubista); APV (António Pedro Vasconcelos, «Jornal de Letras e Artes»); JVP (José Vaz Pereira, D. L. e «Scara Nova»); LA (Leandro António, D. L. e «PBX»); MML (Manuel Machado da Luz, D. L. e «Scara Nova»); VST (Vitor Silva Tavares, D. L.).

UM ANARQUISTA SENTIMENTAL

Boris Vian

e a sua lenda

por Mathieu Galey



Boris Vian e uma mão-cheia de filmes

DEZ ANOS DEPOIS da sua morte, Boris Vian é já tema de seis estudos (1) aos quais vêm agora juntar-se duas obras, um «ensaio de interpretação e documentação» (2) que tenta assentar coordenadas com um rigor, que gostaríamos de ver mais flexível, quando se trata de um autor tão pouco conforme com a norma universitária, e uma biografia (3) fácil de ler, por vezes um pouco trapalhona, mas bem documentada e que não se sacrifica a essa admiração incondicional que estraga os melhores trabalhos.

Uma tal profusão de exegeses patenteia aquilo que Rybaika classifica de «facto sociológico»: o êxito póstumo de Boris Vian e a sua lenda. É certo que ainda não se disse tudo sobre esta «operação», que não deixou de se fazer com uma ligeira concessão ao destino normal de um autor desaparecido, mas os factos aí estão, eloquentes: três romances de Vian figuram em colecções de bolso e a quase totalidade dos outros foram reeditados.

Podemos contentar-nos com a explicação dada por Jacques Duchateau, segundo a qual o destino de Vian, que morreu desconhecido, aos 39 anos, se reveste de «todos os ouros do romantismo», disfarce necessário ao êxito? No entanto, são numerosos os escritores que, estando nessas circunstâncias, não sobrevivem ao esquecimento. Vian beneficia de um milagre mais raro: está de acordo, está em comunhão de espírito com a geração que lhe sucedeu.

Uma infância frágil em Ville d'Avray, estudos na Centrale, mulher, dois filhos, um divórcio, muitas *journalées* com uma orquestra mais ou menos conhecida, alguns livros — um dos quais, devemos dizê-lo, muito célebre, mas que não é o melhor — peças, traduções, numerosos artigos, muitos amigos, *charme*, e

um fim súbito. Nada havia nesta vida para construir um mito. Sendo assim, a que se deve esta imprevisível ressurreição de Boris Vian?

A eclosão brutal de Saint-Germain-des-Près, logo a seguir à libertação, corresponde bastante à aclimação que nestes últimos anos — sobretudo no fim da guerra da Argélia — se regista em França dos modos de pensar e de viver importados da América. Grosseiramente, poderíamos dizer que os cabelos compridos do *hippy* lembram a «crina» frisada do «zazou». A recusa dos conformismos é a mesma, e, sobretudo, não são diferentes as suas motivações profundas.

● Uma exaltação da adolescência

Há em Vian — o dos romances, especialmente o de «A Espuma dos Dias» — uma exaltação da adolescência, uma moral da felicidade imediata, uma fuga para o sonho e para a magia renovada na ficção científica, uma vontade de chegar ao «máximo vital»



Colagem de Jacques Prévert: o elemento básico é uma fotografia do terraço do Moulin Rouge sobre o qual deitavam o apartamento de J. Prévert e — ao fundo, à esquerda — o de Boris Vian

Alguns autóctones autênticos de Saint-Germain-des-Près

VISTOS POR BORIS VIAN

Um original de Boris Vian («Manual de Saint-Germain-des-Près»), julgado perdido por todos e até pelo próprio autor, foi encontrado, em 1965, reunido num dossier de cerca de 300 páginas repletas de notas e siglas que esperam publicação integral. O manual apresenta cinco grandes divisões: Géographie, Les faits et les Mythes, Florilèges et Personnalités, Les Rues e Posologie et Made d'emploi.

Ao longo da obra, Boris Vian oferece-nos o retrato de mais de 100 «heróis» da época de ouro de Saint-Germain-des-Près. Alguns fizeram carreira nas artes e na literatura. Outros caíram no esquecimento e desapareceram na sombra dos anos. Dos que ficaram, oferecemos hoje cinco retratos «famosos» que documentam o estilo e a personalidade de Vian.

JEAN-PAUL SARTRE

Filósofo, cuja actividade não tem em rigor nenhuma relação com as camisas de quadrados, as caves ou os cabelos compridos e que bem merecia que o deixassem em paz.

«Em 1942 (fala o sr. Boubal) vejo chegar ao «Flore» um senhor que ficava ali desde que abríamos até ao meio-dia e desde a tarde até que fechávamos. Vinha muitas vezes com uma senhora e ficavam quase sempre longe um do outro, em mesas diferentes, mas sempre no mesmo canto. Durante muito tempo fiquei sem saber quem diabo seriam. A tarde, na sala do primeiro, via-os sempre com uma grande pasta a arranharem papel que nunca mais acabava. Durante longos meses os seus nomes foram ignorados até ao dia em que chamaram o sr. Sartre ao telefone. Ora como eu tinha um amigo pessoal que dava pelo nome de Sartre, disse à pessoa que estava ao telefone, que esse senhor não se encontrava presente, a pessoa insistiu e chamou novamente e voltou novamente a chamar pelo sr. Sartre, garantindo que ele estava ali na sala. Decidi-me a chamar o sr. Sartre e vi então o nosso grande Jean-Paul a levantar-se. Disse-me ele: «Sou eu que me chamo sr. Sartre». A partir daí, ficou meu amigo, um amigo com quem eu tagarelava de manhã e, depois disso, os telefonemas passaram a ser tão numerosos que achei melhor reservar-lhe uma linha especial.»

JEAN COCTEAU

Se não foi Jean Cocteau que inventou as caves, quem foi então? Não tenham pressa de jurar. Em todo o caso é revelador que haja tanta gente a disputar a descoberta: este era capaz de a fazer sem a ajuda de ninguém... Cocteau está ligado a Saint-Germain-des-Près de muitas maneiras: e sobretudo pelo cinema. Não foi ele que fez de «Homero» no «Regresso de Ulisses», onde Bérard fazia de «Nepertuno»? E em «Orfeu» não raptou ele toda a juventude das caves para a transformar em bacantes?

ALBERTO GIACOMETTI

Mais um frequentador especialmente válido de Saint-Germain-des-Près onde toda a gente conhece a sua cabeleira tufada, o seu rosto de cera um pouco escavado, o seu ar vagamente alucinado. Um grande escultor de talento inquietante, impressionante mesmo. Nunca está contente com o que faz e desatrou-se por gosto no seu desejo de perfeição.

RAYMOND QUENEAU

R. Queneau não está aqui no devido lugar alfabético, mas não queria ficar com os Q e eu não pude recusar-lhe esta pequena alteração.

Na estreia dos «Exercices» toda a gente se virava para trás para ver quem é que estava a rir tanto. Era Raymond apanhado no seu próprio jogo com a maior boa-fé.

SR. MERLEAU-PONTY

Terceiro da trindade existencialista (os outros dois são Sartre e Simone de Beauvoir)... contribuiu, pela sua presença em todos os lugares de Saint-Germain-des-Près, para alimentar a confusão no sentido que o termo tem para o fraco cérebro dos vomitadores de letra redonda.

Obras de Boris Vian em português (por ordem cronológica de aparecimento em tradução portuguesa):

— «O Outono em Pequim» — trad. Luísa Neto Jorge (Edt. Ulisseia).

— «A Espuma dos Dias» — trad. Aníbal Fernandes (Edt. Ulisseia).

— «As Formigas», in «Antologia do Conto Abominável» (Edt. Afródite), trad. de Aníbal Fernandes.

NOVIDADE

OS MARIA JUDITE DE CARVALHO
IDOLATRAS



PREÇO
4000

PRELO EDITORA
R. Misericórdia, 67-2 LISBOA



que encontram um eco evidente num público jovem.

Deixando de lado um certo pessimismo, que não está ausente das obras de Vian — mas o «carpe diem» geral de hoje nada tem de optimista, por mais que nele reflectamos — esse público, ainda muito verde, reconhece no humor a nível da linguagem um escárnio que o satisfaz. Tem a impressão agradável de que estes livros escapam «à literatura» — aquela que se estuda na escola — e que se trata de uma mensagem expressamente escrita para os seres em transição que todos somos entre a infância e a idade madura.

Estes estudos recentes mostram que não se trata de nada disso. Como todo o escritor digno desse nome, Boris Vian quis transpor a sua realidade, sem pensar exactamente nos leitores eventuais. Jacques Duchateau afirma, mesmo, que «Vercœur et le Placenta» a princípio não se destinava à publicação. Em todo o caso, assim que o autor teve consciência de poder passar do «canular» entre amigos, para a «colação literária», logo se quis resolutamente romancista — daí a sua decepção quando «A Espuma dos Dias» não obteve esse prémio da pleide, que simbolizava para ele a criação literária. De resto, devemos notar que não foi inteiramente desconhecido quando apareceu: críticos como Robert Kanters, Jean Blanzat, Maurice Nadeau ou Etienne Lalou não se enganaram acerca do seu talento, mas o facto de o apreciarem não o tornou célebre, como sabemos.

Se Vian, ulcerado por aquilo que ele considerava uma injustiça, não tivesse decidido forçar a sorte sob o pseudónimo de Vernon

(Continua na 7.ª página)

Prémio Soquil

(Continuação da 3.ª página)

te como no Oriente, os concursos são males necessários — mas de modo nenhum indispensáveis. O prémio Soquil, extraconcurso ou anticoncurso, prova-o, em Portugal.»

És uma anotação curiosa e lúcida que vale a pena sublinhar. Sem querermos roubar à A. I. C. A. a originalidade de a ter produzido, a verdade é que também já tínhamos defendido igual critério nestas páginas a propósito de outras

situações à volta das quais encarnadamente artistas e críticos se empenhavam, defendendo-as ou contestando-as com violência. Falou-se talvez excessivamente de concursos como o do Prémio GM e Banco Português do Atlântico — e alguns críticos da A. I. C. A. aí exprimiram um voto positivo de contorno muito nitido. Também dissemos que sim, pois naturalmente esses concursos responde-

ram ou respondem a certas condições do meio e da vida precária dos artistas no plano da sua profissão. Mas também dissemos que não, a tempo de o dizer e porque os males necessários arrastam outros males e já vai sendo tempo de procurar males menores. A voz autorizada do Presidente da A. I. C. A. em Portugal vem agora dar confirmação às nossas reservas de há menos de um ano

e insiste na anulação saudável do regime competitivo que informava anteriores concursos. Sublinha até, com rara oportunidade, que o Prémio Soquil se pode recusar à maneira do Sartre com o «Nobel» e feito o desconto das proporções ou das situações, naturalmente.

Se os artistas fazem a sua vida artística como muito bem lhes parece e os críticos fazem a deles, nós, os da rua, os do quotidiano, fazemos também a nossa em igual circunstância de liberdade e podemos apreciar o fazer de artistas e críticos segundo uma óptica que também beneficia de justificação social. É por isso que nos agrada a dimensão de princípio que o Prémio Soquil comporta e ainda mais nos tranquiliza o facto de ele estar sob a coordenação da A. I. C. A., organismo responsável que poderá impedir a academização dos juízos e a estratificação dos júris.

Eis porque nos decidimos a pôr à consideração dos responsáveis algumas questões que nos parecem importantes até porque tudo é susceptível de correcção, desde os programas da R. T. P. ao Prémio Soquil e ao comportamento da A. I. C. A.

O Salão Nacional de Arte instituído pelo extinto S. N. I., decidida a proclamação anual de um prémio de pintura. Consideramos que um prémio da crítica, destinado «a agir como tal» e que «como tal se responsabiliza» é tão importante como um prémio nacional, e em certas circunstâncias até pode sobrepor-se-lhe. Como uma das principais reservas feitas ao Salão Nacional de Arte foi exactamente a de instituir um prémio anual de pintura, contra a realidade estatística dos valores de facto existentes, é oportuno perguntar em que medida o Prémio Soquil vai conseguir inventar essa realidade. Se essa realidade é, de

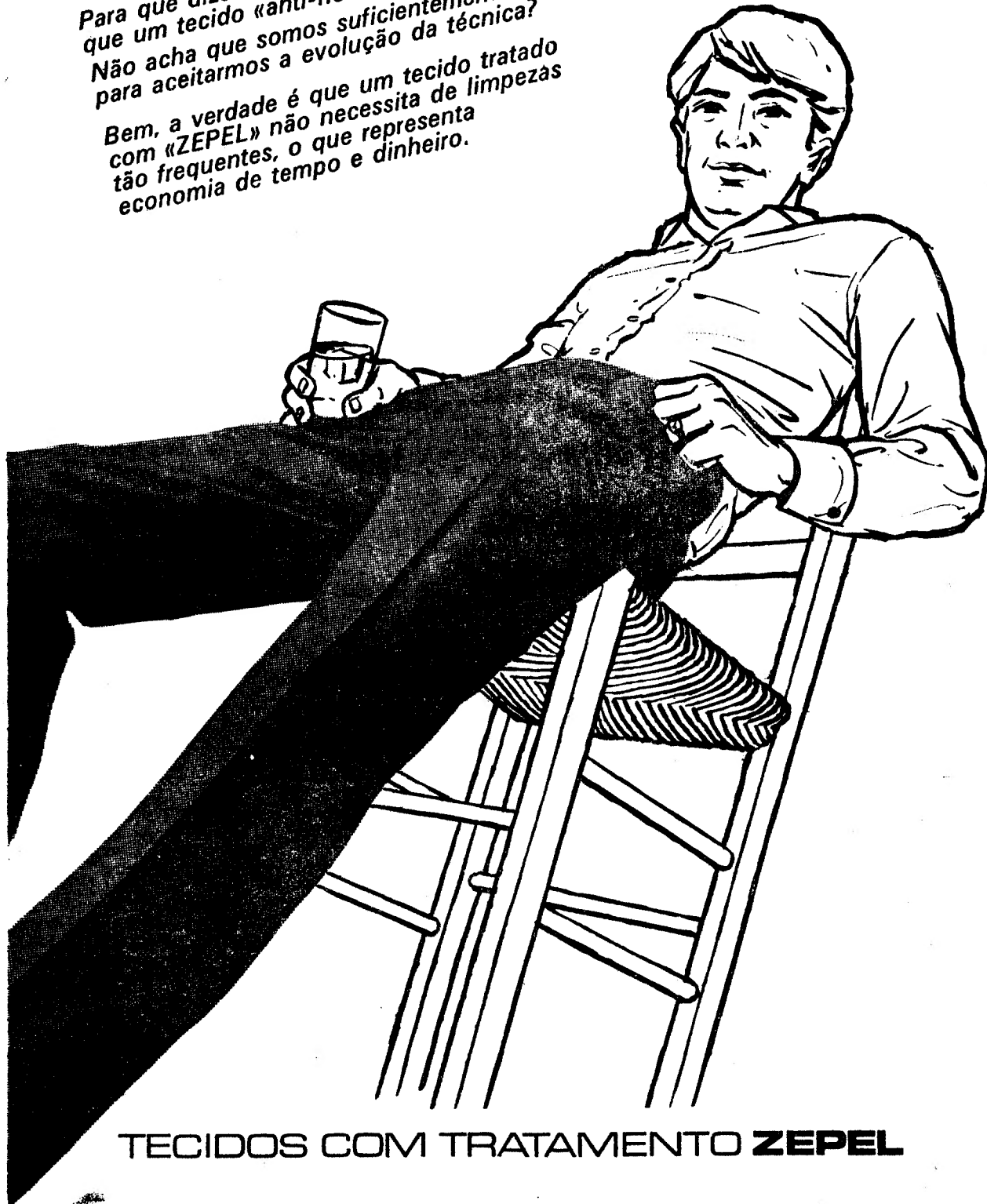
facto, limitada e até parece que é pela sobreposição de prémios e nomes a que estamos assistindo, com o selo responsável da crítica) então o Prémio Soquil, reagindo ao império do círculo vicioso, tem de coincidir com uma atitude de descoberta incomparavelmente mais ampla do que aquela que já se vislumbra nele ao cabo apenas de dois anos. Não basta dizer que os artistas premiados o foram porque não havia mais ninguém para ser colocado no prato da balança. Todos sabemos que isso é radicalmente falso e basta uma simples operação aritmética para que o panorama correspondente se ilumine. Não estamos, de facto, convencidos de que a obra de Manuel Baptista (para só citarmos um exemplo clamoroso) seja menos importante e menos actuante nestes últimos anos do que a de Palolo ou a de Vasco Costa. Depois já sabemos que o Prémio Soquil não se circunscreve à pintura (no que se distancia razoavelmente, mas não de todo, do Salão Nacional) e isso deve permitir-lhe uma mobilidade urgente em relação a outros domínios como o da gravura, por exemplo, tão incrementado entre nós nos últimos tempos.

E por fim se o Prémio Soquil está destinado a ser o prémio da crítica, sob a responsabilidade da A. I. C. A., então é importante que ele não se torne no prémio de um só júri. Não se trata de menos confiança nos elementos até agora utilizados para a tarefa em questão — todos personalidades autorizadas que à crítica têm prestado alguns serviços interessantes — mas apenas desejar que a A. I. C. A. tenha poderes para dar a outros dos seus membros semelhante encargo, conseguindo dessa forma ampliar a visão crítica que interfere na vida artística portuguesa e que, obviamente, não pode ser apenas resolvida e esclarecida por três pessoas.

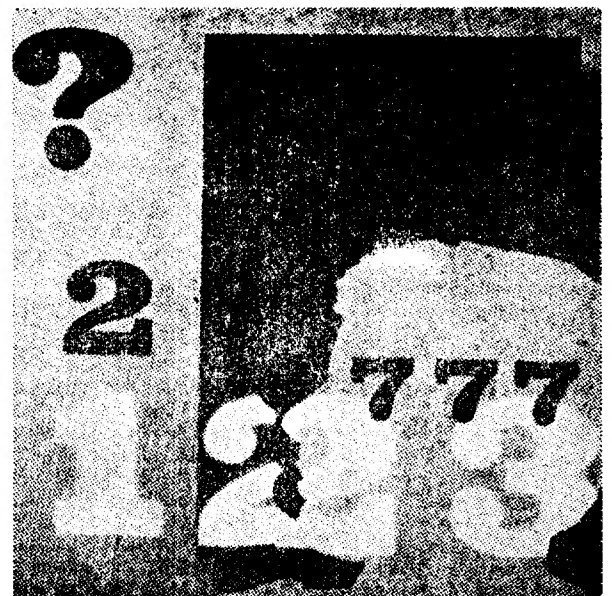
Falando de homem para homem...

Para quê dizer as vantagens que um tecido «anti-nódoa» apresenta? Não acha que somos suficientemente adultos para aceitarmos a evolução da técnica?

Bem, a verdade é que um tecido tratado com «ZEPEL» não necessita de limpezas tão frequentes, o que representa economia de tempo e dinheiro.



TECIDOS COM TRATAMENTO **ZEPHEL**



JOSÉ DE GUIMARAES, cuja ficha profissional já foi oportunamente referida neste Suplemento, expõe agora gravuras na Associação Cultural e Recreativa Convívio, em Guimarães. O artista insiste na sua tendência para nos apresentar o «homem modelado pelas estruturas de um dos meios de comunicação — a Imprensa. Está com Bradbury do «Homem Ilustrado». Expressa-se através da linguagem tipográfica. Explora exaustivamente as possibilidades da indústria publicitária».

RAUL NETO, LDA.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º (c/ elevador) — Esq. R. da Prata
Telefone 32 77 23 — LISBOA

SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM:

TECIDOS PARA DECORAÇÕES

ESTOFOS ★ ALCATIFAS E CARPETES



Autobiografia de Ted Joans

(Continuação da 1.ª página)

teatros/lembro-me de um dos primeiros Jatp, com Coleman Hawkins e Lester Young a tocarem lado a lado/era o princípio da exploração da música negra por Norman Granz, hoje multimilionário à custa do jazz, tal como George Wein / quando, hegelu a New York as coisas tinham mudado / uma grande orquestra era tão rara como um sorriso no metropolitano / soube então que meu pai tinha sido morto pelos operários brancos de Detroit / diplomado pela Universidade de Indiana, ex-trompetista, dediquei-me então à pintura / em Harlem, nada de jazz; o Savoy Ballroom a ser demolida, por todos os lados música de «cocktail» e organistas de «rock» / o jazz vivia «downtown» na Greenwich Village, no clube Birdland, com Parker, Powell, Roach, Miles, Potter / escrevi uma série de artigos sobre os músicos que então viria tocar e fui oferecido-lhes sucessivamente às revistas Metronome, Billboard, Down Beat / todos recusaram o meu trabalho / foi então que reparei que nenhum negro trabalhava na redacção desses jornais, ou seja, no jornalismo relacionado com o jazz / conheci Dan Burley, o único crítico negro que, por vezes, era convidado pela organização

burguesa negra da revista «Ebony» para escrever um artigo sobre um músico de jazz, especialmente se este se ia casar com uma branca ou se fora apanhado com droga nas algibeiras ou no sangue / Foi Burley quem me aconselhou a publicar os artigos nas revistas de Greenwich Village. Conheci então Corso, Kerouac e Ginsberg / Não publicaram os meus artigos, mas sim os meus poemas / por essa altura, interessei-me pelo surrealismo e a minha pintura passou cada vez a ser menos figurativa / expunha com todos os pintores da «avant-garde» no valorquena / lembro-me da época em que Le Roi Jones apareceu em Greenwich Village / começou por fundar com Eddie Cohen, uma revista / foi ele quem organizou a maior parte dos primeiros concertos de jazz com leitura de poemas / foi ele o primeiro negro a quem vi fazer qualquer coisa de oficial e inteligente no Museu de Arte Moderna / Robert Reiser, meu amigo, era o director mu-



TED JOANS
Paris, 1969

Nota e tradução
de José Duarte

sical dum bor minúsculo em Greenwich Village, o «Open Door» / na noite da inauguração tocaram Parker, Haynes, Mingus e Monk / Parker morreu em frente do Metropolitan Museum no n.º 995 da 5.ª Avenida / Matou-o er génio, ser negro, ser alcoólico e drogado / a nova geração de músicos de jazz é consciente e compreendeu a lição do passado / Ornette Coleman não se deixará apanhar como Parker / Albert Ayler não morrerá como Lester Young / o jazz é a música dum povo / do meu povo / é uma força activa / uma nova força de vida / o jazz não começou com Buddy Bolden nem terminou com Cecil Taylor / o jazz tem em si: mesmo o génio da sobrevivência, da renovação / é preciso ensinar às crianças negras quem foi o saxofonista Coleman Hawkins e o que ele fez pela humanidade / em Harlem pouco importa quem foi / Napoleão e todos os super-homens brancos / os Paul Whiteman e os Dave Brubeck irão acabar / em África compreendi ainda melhor os meus discos de jazz / voltarei no entanto, aos Estados Unidos / é lá que está o jazz /

Inédito de Manuel de Lima

(Continuação da 8.ª página)

— Ah!
— O meu invento é único no género. Não existem concursos para aparelhos como este. Seria contraditório... E como lhe digo... este aparelho está preparado para demonstrar que os concursos não passam de uma aberração... cromática. Afastam-se da META.
— Isso para mim não chega. Vá, exiba ao menos uma menção honrosa... Não é preciso que tenha sido obtida cá... Mesmo adquirida no ESTRANGEIRO também serve. A Austria, a Suíça, a Holanda dão prémios a toda a gente...

— Mas eu não tenho... ainda não tenho!
— Então vejo o seu caso mal parado. Estou aqui para o ajudar... Quer mais uma PINGA DE CAFÉ?

— Não, muito obrigado... não se incomode...
O «barman», que andava a rondar, arregalou os olhos quando Chefe-Magarefe pro-

pôs «mais uma pinga de café», e apressou-se a aumentar o fogo, pelo sim, pelo não.
— Eu sou inventor há muito pouco tempo. Prometo participar no próximo concurso. Este é apenas o meu primeiro invento!

O Chefe-Magarefe um tanto desarmado preparava-se para sair. Hesitou um momento. Por fim dirigiu-se ao «barman».

— Ele já teve tudo? — perguntou, indicando o inventor.

— Faça-lhe o conhaque! — respondeu o «barman».

— Então despachem-no!

Saiu, passando entre as vénias dos circunstantes, com excepção do inventor, que ficara mergulhado numa espécie de devaneio.

Não se lembrava bem como tinha chegado à rua. Resultado da forte dose de conhaque e também por uma passagenzinha pelo tabaco. Encontrava-se novamente no mesmo sítio onde fora convidado para tomar café, e continuava sem saber para onde se dirigir. Dofa-lhe a nuca, e o corpo era como se estivesse partido.

nos tecidos
ROMA

A LÃ ESTÁ NA
MODA.
A LÃ ESTÁ NA
MONTA!

V. precisa de ver as montras de artigos em Pura Lã Virgem/Woolmark nos TECIDOS ROMA, Avenida de Roma, 14-B, Lisboa. Depois de constatar a qualidade inexcelável, a modernidade das cores e dos padrões, experimente o «toque» suave e confortável, a leveza quase primaveril da lã sem mistura — o melhor agasalho para o Inverno.

E agora as malhas de lã já não têm medo à água: são laváveis e não encolhem.

Dirá depois, como toda a gente:

prefiro a lã
confio na WOOLMARK



Boris Vian e a sua lenda

(Continuação da 5.ª página)

Sullivan, apostando em «J'ai cracher sur vos tombes», podia ter tido uma abençoada carreira à maneira de Queneau, esperando, como ele, a sua hora, com a indiferença da certeza.

Os fazedores de manuais ter-lhe-iam reservado um lugar ao sol, entre Jarry e Michaux, e nas vizinhanças de Marcel Aymé. Mas essa não era a sua natureza, habitada pela impaciência.

Devemos, contudo, reconhecer que manteve Vernon e Vian em compartimentos estanques, com o sentimento do seu valor de Vian e, no fim, com a amargura de não o ver apreciado pelo seu justo preço.

Mas, se não veto a encontrar em vida o êxito desejado no domínio do romance «não comercial» foi, sobretudo, porque recusou a corrente da sua época — daí a sua voga na nossa época. Com efeito, em 1946 o que estava nos ares era o «combate», e Vian, cujo itinerário espiritual vai dos

«Tempos Modernos» ao Colégio de Patafística, passando pela «Parisienne», nunca se submeteu. Pelo contrário. O que os seus jovens leitores apreciavam (sem que sempre se apercebam disso) no «contemporâneo exemplar» é a sua maneira maliciosa de pôr em dúvida as noções estabelecidas, morais ou políticas. Anarquista sentimental, Vian é um terno revoltado, que repudia todo o sistema, seja ele qual for, e para quem a guerra é sempre um mal, por mais «justa» que seja, e a sociedade, um pelourinho, por mais «nova» (para falarmos como em 1969) que possa ser. «Make love, not war» teria, evidentemente, podido servir de lema ao autor do «Déserteur».

E, já que evocamos a canção, é certo que esta, e algumas outras, e bem assim os poemas, contribuíram muito para o nascimento desta lenda, acompanhada de trompeta, com um fundo de jazz; sem serem essenciais, as noites brancas do «Tabou» e do «Lorientais» não a prejudicaram. Mas, se a lenda é

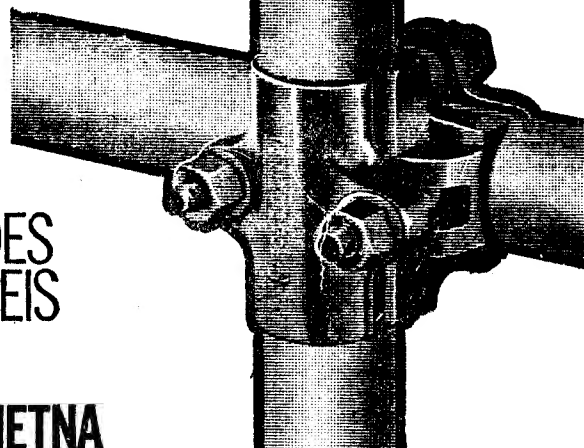
sólida, deve a sua solidez unicamente à constante sinceridade que Vian pôs nas suas múltiplas actividades.

Dado por inteiro ao que fazia, deste inventor nato tentava de todas as vezes encontrar a sua via própria. Como escritor, é assim que se cria um estilo, e é este que, em definitivo, alimenta a lenda. É provável, também, que acabe por a destruir, acabando o romancista por se adiantar ao Pic de la Mirandole. Será, então, que as pessoas descobriam o verdadeiro Boris Vian dos conhecedores, que se escondia em «Herbe Rouge» mais que em «A Espuma dos Dias», tal como o verdadeiro Queneau está mais na baulieu do «chien-dent» que no «metro» de «Zazie». Os jovens o terão lançado e os velhos poderão relê-lo, quando a moda Vian tiver passado...

DE
«LE MONDE»
em exclusivo para o
«DIÁRIO DE LISBOA»

ENTREPOSE

ANDAÍMES
COFRAGENS
TORRES
CONSTRUÇÕES
DESMONTÁVEIS



COMETNA

COMPANHIA METALÚRGICA NACIONAL, S.A. R. L.
SUCESSORA DE «ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)»
SEDE — Rua da Academia das Ciências, n.º 5 — Telef. 320011 — Lisboa
FILIAL — Praça D. João I, n.º 25, 1.º — Telef. 24771 — Porto

Cortina

J. Mendes Coelho, Lda.

R. Alexandre Herculano, 6-A



Escort

O «NON-SENSE» PASSA AO ATAQUE

MANUEL DE LIMA reaparece

MANUEL DE LIMA nasceu (ora deixem cá ver) a 12 de Agosto, por ocasião do Armistício (qual?) e considera-se uma vítima do mesmo (porquê? jamais o saberemos). A ambiguidade da data, fazendo oscilar a idade de Lima entre a maturidade de espírito dos veteranos e as audácias em paralelo com as mais novas gerações permite-lhe uma perpétua juventude que delicia quem o ouve (ou lê) e cria invejas infernais nos seus detractores, cheios de rugas e carecas sem apelo. O segredo está na gastronomia. Comilão inveterado, «gourmet» de paladar exigentíssimo, usando condimentos que só ele conhece (dos mais requintados, dos exóticos; e não é esse o tema subjacente a uma das suas obras, «O Clube dos Antropófagos?»), o silêncio (nos prelos) a que se remeteu

desde há anos faziam re- ceitar amigos e admiradores que ele tivesse trocado em definitivo a Literatura pela Culinária, a máquina de escrever pelos tachos e panelas do seu doméstico laboratório mefistofélico. Podemos garantir, ajuramentados: tal não é assim. Ou: não é tanto assim.

Dois romances publicados e esgotados em hasta pública: «Um Homem de Barbas» e «Malaquias» ou a história de um homem barba-ramente agredido, minha edição, que me rendeu bem bom dinheiro; duas peças infantis, cujos proventos de autor ele perdeu numa noite infeliz à roleta; outra peça, para graúdos. «O Clube dos Antropófagos», edição Ulisseia; e o livro humorísticos dispersos por revistas de qualidade («Aqui e Além», «Litoral») sumidas no tempo, raridades de alfarrabista; crítica

musical no «Popular» e no «Jornal de Letras e Artes» que, pela contundência eficaz, lançavam trémolos pelas batutas e orquestras as mais conceituadas na paz podre do nosso meio melomano (Manuel de Lima, doutorado pelo Conservatório em viola de orquestra e, agora, hábil virtuose de bandolim, conhecia de longa data todos os vícios dessa complicada engrenagem sonora) — tudo isto lhe granjeou um público fiel e crescente. Queríamos lê-lo mais, mais vezes, caramba! E havia outras fortes razões (inquietações, outrossim) para a sua reaparição em forma de livro: 3 romances 3, em fase de acabamento, uma leve demão e já está!, foram por ele dispendiosamente esquecidos e perdidos ficaram de mistura com camisas e bagagem de somenos em outros tantos quartos de sol-

teirão, porque de Lima, displicente, distraído até mais não, saía a pressa sem se despedir das senhorias, rubras e arquejando pelos meses de renda em atraso. Restam-nos os títulos: «O Festival da Borracha», «Mais leve que o Ar», «Cógumelos e Dentaduras»... e na memória de quem os leu (como eu) a recordação de algumas páginas que eram do seu melhor.

Basta de lamentações, porém! Manuel de Lima vai publicar finalmente, para muito breve, «A Pata do Passaro» desenhou uma Nova Paisagem» (quase uma novela; quase um ensaio; quase uma estética; quase uma sátira social; quase-quase uma panorâmica realista do nosso bide artístico), anunciado, já composto e impresso mais de metade, destruído depois e agora totalmente refundido. Enrriquecido, nestes anos de silêncio, por novas e determinantes experiências, caldeado de subtilezas e de sutis temperos cintilando nas desvalradas sugestões, vírus de «non-sense» em que Manuel de Lima é, em português, Mestre incontestável.

Em primeira mão revela-



mos um episódio do seu desde já, revelar que entre outras nela figuram com uma actividade central. Delim da Costa, o Cangalheiro da Cidade, e um emulo (ou sócia?) do França. Aqui se insinua um pouco do clima e personagens da obra, podendo nós,

LUIS PACHECO



Manuel de Lima, «vigiado», dá de comer aos pombos no Rossio.

O mesmo (em cima) passa ao ataque (desenho de João Rodrigues na página de cortina de um livro que tinha à mão)

Inédito De como a cantata do café nem sempre é de João Sebastião Bach

traíram uma certa comisseração que lhe era dirigida. Embora atordoado pelo embate do seu crânio de encontro ao crânio do «barman», compreendeu que se tratava de um festim dedicado à sua pessoa. Continuava a zumbir-lhe nos ouvidos a voz do «barman», hoje é nosso convidado! e a vibrar, gravada na retina, a expressão de piedade velada do Bicho-de-Cozinha. Dera-se a completa absorção das imagens.

— Ora aqui tem para começar! — exclamou o «barman» pousando uma chávena de café. E deitando-lhe as mãos ao pescoço, pelo lado da nuca, fê-lo afocinhar no recipiente.

— Veja lá não se queime! — ouviu num gemido infantil.

Um dos que o tinham convidado estendeu-lhe um braço sobre as costas e entrou em confidências:

— Sabe, ele (e apontou para o «barman»), no fundo, é boa pessoa. Convém é não o irritar. A bem, tem tudo o que quiserem dele. A mal... chega a ser desumano. Muitas pessoas que não acreditam nestas duas facetas contraditórias da alma humana acabam por fazer um juízo errado do seu carácter. O bicho-homem é um ser muito complicado. O pior é que nós não queremos estudar a fundo a vastidão da natureza humana!

Sob a intensa sensação da queimadura nos lábios produzida pelo café a ferver, ele mal conseguia prestar atenção ao que o outro lhe ia dizendo.

— Que tal o nosso café? — fez o «barman». — Vai mais... ou quê? — e enfiou-lhe dois dedos pelas narinas acima. Ele ia a cair para trás mas os outros ampararam-no.

— Que necessidade tinhas tu de deixar as coisas chegarem a este ponto?

— Agora vais comer! — vociferou o «barman».

Deu-lhe um murro no estômago, sabendo pela sua larga experiência do ofício — do Ofício com letra grande como exigia que se escrevesse nas actas — que a primeira reacção que se tem quando se recebe um soco inesperado naquela região do corpo é abrir a boca. Estava tudo previsto e, deste modo, com uma destreza profissional a toda a prova, enfiou-lhe na boca um prego com muita mostarda.

— Queres mais?

Nesse momento surgiu o patrão. Ou o soco no estômago lhe perturbara a vista ou o patrão parecia-lhe o Mecenas Nepomucenas. Todos se curvaram à sua chegada. O «barman», até então muito arrogante e cheio de confiança na sua corpulência, curvou-se, esforçando humildade. O patrão era um homem franzino e talvez pensasse superar a fragilidade por um ritmo apressado. Entrou, de facto, muito depressa, deixando transparecer uma grande energia.

— É o Chefe-Magarefe! — segredou ao ouvido do convidado um dos outros. — Por aquele não vem mal ao mundo... Como amigo do seu amigo, não há outrol

— Que tal está a correr isto? — perguntou o Chefe-Magarefe.

— Como de costume! — respondeu o «barman» numa grande vénia.

— O cliente tem reagido bem?

— Razoavelmente!

— Hum... Não tem bom parecer...

— Efectivamente ainda não está como eu quero! — fez o «barman».

— Tem comido pela medida grande?

— Assim assim.

— Bom, vamos dar-lhe uns mariscos!

O Chefe-Magarefe bateu as palmas e ordenou:

— Tragam as lagostas, os lavagantes, os lagostins, as sapateiras, as santolas... e OS ALICATES!

Um completo serviço de mariscos foi pousado no balcão.

— Vá, serve-te — ordenou o «barman».

Ao mesmo tempo pegou num alicate, apertou-lhe o nariz com as tenazes e esmurrou-o de encontro a uma santola. Em seguida, com o mesmo alicate, agarrou-lhe o dedo mindinho, torcendo-o o mais que pôde. Depois, num gesto rápido, apanhou-lhe uma das orelhas. Torceu-a, talvez de mais. Porque nessa ocasião o convidado começou a sentir um grande desequilíbrio auditivo. Conseguiu ainda apanhar o sentido do discurso que lhe dirigiu nesse momento o Chefe-Magarefe:

— Isto é assim: os meus conhecimentos de mundologia, ciência que, como sabe, está muito em moda, assim como a minha visão latitudinária da vida e das coisas, que também faz parte do programa, tudo junto levou-me à seguinte conclusão: as pessoas, na maior parte, andam desorientadas. Para reparar esse mal da nossa época foi criado este SNACK. Está à sua vontade. Identifique-se, ou melhor, identifique-se conosco! Compreendeu que só lhe restava dizer tudo.

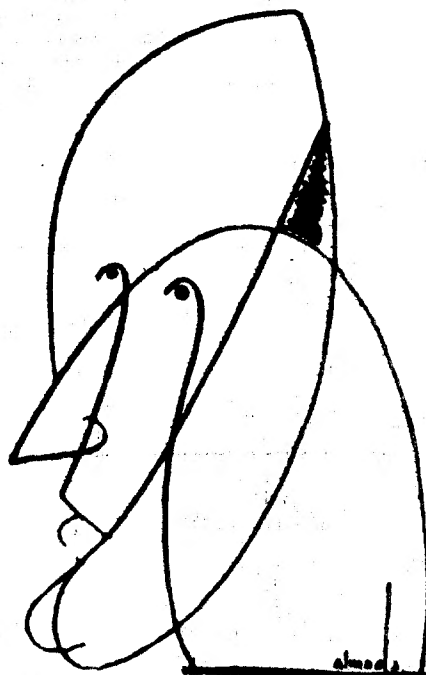
— Bem... eu sou um inventor. Tenho ali naquela mala o meu invento. Podem verificar. É um simples interferencial destinado a estudar o fenómeno da aberração...

— De quê? — fez o Chefe-Magarefe.

— Da aberração cromática!

— Obteve algum prémio?

— Nunca concorri!



Manuel de Lima por Almada

(Continua na 7.ª página)

Dois indivíduos aproximaram-se quando ele estava parado cogitando sobre qual a direcção que deveria tomar. Agarraram-no como quem dá o braço a um amigo e um deles disse:

— Vem daí tomar um café connosco!

— Não me apetece, obrigado! — respondeu.

— Deixa-te de cerimónias!

Arrastaram-no lá para dentro. De café, aquele estabelecimento tinha uma aparência pouco ortodoxa. Havia, no entanto, uma grande máquina fumegante. Sentaram-no ao balcão. Aproximou-se o «barman»:

— Ora diga lá o que é que toma!...

— Não quero tomar nada, não tenho dinheiro!

O «barman» puxou-lhe pela gola do casaco, atraiu a cabeça dele, com força, rapidamente, de encontro à sua e depois de ter verificado que ele ficara atordoado, desfechou-lhe:

— HOJE É NOSSO CONVIDADO!

Os outros dois trocaram olhares de entendimento onde havia uma expressão que poderia designar qualquer coisa como «isto está mau...». Um deles, no entanto, pousou-lhe a mão sobre o ombro e disse:

— No teu caso pensava bem antes de te recusares a obedecer! Mais: se fosse a ti começava já a falar...

— Não tenho nada para dizer, não conheço aqui ninguém!

— Não digas isso. És inteligente e um homem inteligente tem sempre qualquer coisa para dizer...

O outro acrescentou:

— Um homem inteligente sabe sempre onde está.

Para lá do balcão, o Bicho-de-Cozinha estava ocupado a cortar carne. Olhou de revés para o convidado e os seus olhos infantis